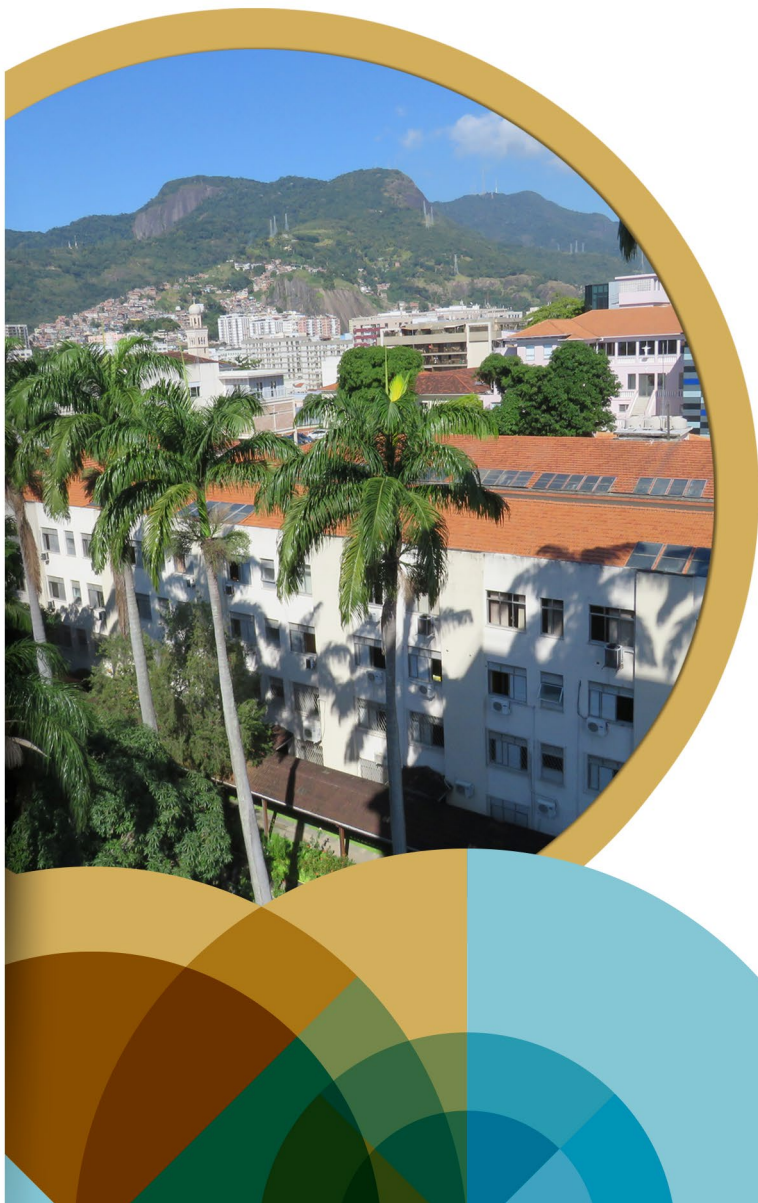


BOLETIM INFORMATIVO

Província do Rio de Janeiro

Ano LV | Nº 2
maio
junho
julho
agosto

2020



BOLETIM INFORMATIVO DAS FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

Maio | Junho | Julho | Agosto | 2020

• PALAVRA DA VISITADORA	03
• PALAVRA DO PADRE DIRETOR	07
• FORMAÇÃO PERMANENTE	
- Análise de Conjuntura: As Mudanças nas Políticas Sociais Brasileiras e seus Impactos Hoje	13
- Diante da Fragmentação dos Valores Humanos e Morais, como Trabalhar a Integração na Formação	23
- O Desafio da Missionariedade da Companhia frente à Diminuição de Vocações, em Especial no Brasil. Que Caminho Podemos Seguir?	33
- Viver com Fidelidade o Carisma diante dos Desafios Atuais	67
• A IGREJA	
- A Mensagem do Papa Francisco para o 57º Dia Mundial de Oração pelas Vocações	82
- CNBB - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil 2019-2020	87
- Maria na Sagrada Escritura e a Espiritualidade do Magnificat	91
• EM TEMPOS DE PANDEMIA	
- A Província em Tempos de Pandemia	97
- Com a Palavra, Nossas Irmãs	101

- Minha Vivência como Médica durante a Pandemia de Covid-19 na ASVP	107
- A Minha Visão como Fisioterapeuta e Afiliada à Companhia das Filhas da Caridade	108
- O CEI - Casa da Criança São José durante a Pandemia ..	111
- Projeto Promove Sepetiba em Tempos de Covid-19	115
• NOSSOS ENCONTROS	
- Encontro de Formação Vicentina com Colaboradores - Taubaté/SP	117
- Encontro de Formação com a Equipe do Serviço Social da ASVP	119
• NOTÍCIAS	
- Maio de 1970 - Maio de 2020 - 50 anos da Província de Belo Horizonte	122
- Coroação de Nossa Senhora na Casa Mère Blanchot	123
- 31 de Maio: Festa de Pentecostes e Dia da Visitação de Nossa Senhora e Festa da Visitadora	124
- Retiro Especial (de 08 a 12 de junho)	130
- Festas Juninas das Casas Mère Blanchot e Rosalie Rendu	133
- 190º Aniversário da Aparição a Santa Catarina Labouré	134
- Dom Pedro Casaldáliga, Presente!	135
- Fique do Lado dos Pobres	137
- Entrada no Seminário	139
• NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI	140
• SOLIDARIZANDO COM NOSSAS IRMÃS NA DOR	144

PALAVRA DA VISITADORA

Ir. Maria Cristina D'Abruzzo



*“Quem mantém o olhar fixo em Jesus aprende a viver para servir, não espera que os outros comecem, mas vai à procura do próximo.”
(Papa Francisco)*

Rezando mais intensamente por todas as vocações, lembremo-nos de todos aqueles e aquelas que se colocam a serviço do Reino de Deus através das vocações específicas na Igreja. Que pela luz e pela força do Espírito Santo possamos enfrentar com sabedoria e discernimento os desafios e as exigências da vocação e da missão, anunciando com coragem, audácia e alegria a Boa Nova do Evangelho.

Nós, queridas Irmãs, deixamos coisas preciosas como família, tudo o que era valor, porque encontramos o tesouro que vale mais do que todas as riquezas do mundo. Acolhemos o dom do chamado de Deus, dom de amor e gratuidade.

O Senhor deve ser encontrado todos os dias da vida, não ocasionalmente, mas todos os dias. Seguir Jesus não é uma decisão tomada uma vez por todas, é uma opção diária. Ele nos chama a encontrá-Lo através da fidelidade a coisas pequenas e concretas, na oração, nos momentos de silêncio, na Eucaristia, na caridade fraterna, na prática da leitura orante.

Quando O acolhemos como Senhor da vida, centro de tudo, reencontramos a coragem de avançar, de viver o ***Ephata! Sair porta afora... Ir para... Encontrar*** e a força de permanecermos firmes e sem medo.

Que o nosso testemunho evangélico de Comunidade local seja, de fato, um sinal visível da presença de Cristo nos pobres com criatividade e audácia e, assim, responder aos apelos da Igreja, da Companhia e das novas gerações.

Quem mantém o olhar fixo em Jesus pratica a Palavra com coerência, aprende a viver para servir, não espera que os outros comecem, mas vai ao encontro do próximo.

Em nossa vida de Filha da Caridade, onde se encontra o próximo?

Em primeiro lugar na própria Comunidade. Precisamos pedir a graça de saber procurar Jesus nas Irmãs que convivem conosco. É aí que se começa a praticar a caridade, no lugar onde se vive, acolhendo nossas Irmãs com suas qualidades e limitações, não vendo nelas peso ou obstáculos que nos impedem de viver a alegria da nossa vocação.

O nosso olhar não deve condenar, mas sim encorajar, libertar, consolar, amar. As tempestades só se acalmam no interior da Comunidade.

Não podemos perder a esperança diante da diminuição das vocações, da idade avançada das Irmãs, dos desafios que vivemos e diante desta pandemia que hoje afeta o mundo e cada uma de nós.

Entreguemos ao Senhor todas as nossas preocupações e, principalmente, as nossas mãos vazias. Olhemos para trás, releiamos a nossa própria história e vejamos nela o dom fiel de Deus, não apenas nos momentos felizes da vida, mas também nas fraquezas, tristezas e fragilidades.

Hoje podemos nos perguntar: “Para quem volto o meu olhar, para o Senhor ou para mim mesma?”



Tomemos cuidado com as tentações do mundo, onde o olhar não vê a graça de Deus na vida e vai à procura do sucesso, de uma consolação afetiva, de fazer aquilo que eu quero, retraindo o próprio eu, perde o impulso, acomoda-se e paralisa. Isto faz reivindicarmos espaços próprios, deixando-nos cair em críticas, murmurações e fofocas. Indignamo-nos por pequenas coisas que não funcionam e entoamos *“a ladainha da lamentação, tornando-nos, segundo o Papa Francisco, a Irmã lamúrias”*, fazendo com que aumente em nossas comunidades o desânimo, as tristezas, o mutismo e as doenças.

Ai da Irmã que repete a vida inteira: “fizeram uma injustiça comigo!”. Por essas situações pessoais mal resolvidas, carregamos fardos pesados desnecessários e o serviço dos pobres fica prejudicado.

Em 15 de agosto celebramos a Solenidade da Assunção de Nossa Senhora e o dia em que rezamos pelas vocações à vida consagrada e religiosa. Convido-as, em meio a tantas tribulações, mortes e catástrofes, a meditar esta festa sobre as perspectivas de esperança que ela nos oferece e da qual nosso mundo e as pessoas que encontramos tanto precisam.

Convido-as a pedirem a Maria Santíssima pela nossa fidelidade e que Ela traga a nós, às nossas famílias, às nossas comunidades, ao Brasil e ao mundo inteiro, aquele dom imenso, a graça que é Jesus Cristo. *“Dando-nos Jesus, Nossa Senhora oferece-nos também uma alegria nova, plena de significado. Concede-nos uma nova capacidade de atravessar com fé os momentos mais dolorosos e difíceis, concedendo-nos a capacidade de nos perdoar, nos compreender, nos apoiar, reciprocamente”* (Papa Francisco).

Rezemos pelas jovens que estão sendo acompanhadas pelo SAVV e pelas Irmãs do Seminário. A resposta delas ao chamado do Senhor nos faz entoar o hino de louvor a Nossa Senhora.

O apoio de todas vocês, cada uma à sua maneira, para encorajar e acompanhar as jovens é preciosíssimo! Fiéis ao nosso Documento Interassembleias, continuemos a levar a sério a nossa

responsabilidade pessoal de nos comprometer com a Pastoral Vocacional (Documento Interassembleias, p. 24) e sigamos o conselho sempre atual de Santa Luísa à Irmã Donion: *“Quanto a todas as jovens de que falastes... peço-vos consolá-las e ajudá-las a conhecer a Vontade de Deus”* (SL C. 669, p.709).

“Com o desejo de Santa Luísa e de São Vicente de colocar a pequena Companhia sob a proteção de Maria, voltemo-nos com fé e confiança para a Santíssima Virgem. Louvemos a Ela pelo seu exemplo e imitemos seu amor e seu serviço caracterizados pelas virtudes de humildade, simplicidade, caridade. Na oração do Magnificat, em cada entardecer, supliquemos-lhe que nos aproxime dela, confiantes de que sempre nos conduzirá a seu Filho. Saber que ela está presente, em corpo e alma, no céu, torna nosso coração repleto de esperança. Que o mistério da Assunção fortifique nossa convicção de que Maria nos acompanha, hoje e sempre!” (Ir. Kathleen Appler).

Ir. Maria Cristina D’Abruzzo

PALAVRA DO PADRE DIRETOR

Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, Diretor Provincial

“Permanecei inabaláveis e firmes na fé, sem vos afastardes da esperança que vos dá o Evangelho”. [Cl 1, 23]

Partilho com vocês, leitoras e leitores, uma convicção presente em nossa caminhada eclesial, – recolhida pelo Magistério da Igreja por ocasião do Concílio Vaticano II, desenvolvida pelo mesmo Magistério nos anos subsequentes, também presente na Tradição Vicentina –, segundo a qual uma renovação da Vida Consagrada depende principalmente da formação de seus membros; em seguida, indico também algumas resistências a uma cultura da formação permanente presentes hoje. Por fim, procuro situar a formação especializada e extraordinária ou eventual como um aspecto da formação permanente¹. Leitoras e leitores, não percam de vista o seguinte: para nós, Consagrados e Consagradas Vicentinas(os), o eixo dinâmico de integração de toda a formação com todas as suas dimensões deve ser o eixo vicentino².



¹ Utilizo bastante dois livros de Amedeo Cencini para escrever este texto: *A árvore da vida. Proposta de modelo de formação inicial e permanente*, São Paulo, Paulinas, 2007 [2017²]; e *Abraçar o futuro com esperança. O amanhã da Vida Consagrada*, São Paulo, Paulinas, 2019.

² O presente texto está ligado a dois textos que escrevi no BI em 2019: Ano LIV, n° 1-2-3 (jan/fev/mar.), *Disponibilidade à Vida, disponibilidade ao Espírito*, no qual abordei os aspectos antropológico e teológico da formação permanente; Ano LIV, n° 7-8-9-10, *Formação permanente, responsabilidade de cada pessoa consagrada*, no qual recordei que sob a ação do Espírito Santo, cada Consagrada e cada Consagrado é o protagonista principal de sua formação permanente e das responsabilidades ao assumir e interiorizar os valores da Vida Consagrada Vicentina.

Uma renovação da VC depende principalmente da formação de seus membros

A formação inicial proposta à candidata ou ao candidato à Vida Consagrada nos inícios do caminho formativo condiciona enormemente a(o) Consagrada(o) pela vida afora, ajudando-a a se tornar mais aberta e ativamente disponível a deixar-se formar durante toda a vida pela vida, em todas as fases desta, em todo contexto existencial, geográfico, em toda circunstância, feliz ou adversa, a fim de crescer na resposta ao chamado divino até o último dia. Por isso, a formação inicial recebida pela candidata ou candidato procura ajudar na resposta generosa ao chamado de Deus em cada etapa da formação; a formação inicial tem, sobretudo, a tarefa de formar cada pessoa consagrada para uma constante disponibilidade em razão da própria natureza da Vida Consagrada e para a liberdade de aprender ao longo de toda a sua vida, pois não se sai pronto e acabado³, de maneira definitiva, do itinerário da formação inicial, embora os objetivos de cada etapa devam ser alcançados⁴.

Desta forma, “as pessoas consagradas são chamadas a exercitar-se no ‘pensamento aberto’: o confronto com as culturas e os valores de que somos portadores treinam nossa vida para acolher as diversidades e para ler nelas os sinais de Deus. A sabedoria inteligente e amorosa da contemplação treina para uma visão que sabe avaliar, acolher, referir toda realidade ao Amor”⁵, ao Cristo, nossa Regra⁶.

A formação permanente pode ser vista como húmus da formação inicial no sentido de que a vida de todo ser humano é um aprender constante a se fazer humano a cada dia numa disponibilidade para

³ CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA (CIVCSVA), *Contemplai...*, n° 55: “A formação é um caminho desafiador e fecundo, jamais concluído. Uma necessidade que se apaga com a morte”.

⁴ Cf. CIVCSVA, *Instrução Partir de Cristo. Um renovado compromisso da Vida Consagrada no Terceiro Milênio* (19/05/2002), n° 15; e COMPANHIA DAS FILHAS DA CARIDADE, *GUIA PARA A FORMAÇÃO INICIAL. Ser Filha da Caridade no Terceiro Milênio*.

⁵ CIVCSVA, *Contemplai. Aos Consagrados e Consagradas sobre os sinais da beleza* (15/10/2015), n° 55. “Docs. da Igreja”, 41.

⁶ Cf. Constituições das Filhas da Caridade, n° 8a.

acolher a vida com todas as suas circunstâncias, na esperança de se transcender e de procurar responder generosamente a Deus que o chama todos os dias⁷. E esta é uma das coisas indispensáveis que já deve fazer parte da humanidade da candidata e do candidato à Vida Consagrada para ingressar na formação inicial e nela progredir.

A atenção à formação é essencial para ajudar a ler os sinais de algo original e autêntico que está brotando em relação ao carisma, com o modo de vivê-lo hoje, com intuições diferentes vindas do contato com o mundo atual, de novos modelos de liderança, de novos estilos de anúncio e de obras, de formas variadas de partilhar o carisma com leigos(as), *etcetera*. A atenção à formação permanente, neste sentido, pode nos ajudar a identificar e nomear esses sinais de vitalidade para saber onde e como investir e para abraçar o futuro com esperança e lucidez.

Algumas resistências a uma cultura de formação permanente hoje

Na caminhada cristã em geral, e também na da Vida Consagrada, há resistências à proposta de uma cultura de formação permanente/contínua como propõe a Igreja, principalmente a partir da Exortação Apostólica *Vita Consecrata* e outros textos.

Experimentamos isso quando, às vezes, ouvimos do jovem ou da jovem consagrada que termina a caminhada da formação inicial dizer que tudo está tão fresco e atual que não vale a pena insistir em novos processos formativos; às vezes, os próprios superiores(as) também pensam assim. Talvez, faz-se isso de maneira mais ou menos inconsciente. E quanto aos Consagrados e às Consagradas mais vividas e experientes, às vezes, dizem que acumularam tanta experiência e bagagem que já podem viver como mestres. Sem dúvida, os Consagrados e as Consagradas mais vividas e experientes portam uma grande sabedoria a ser compartilhada; são homens e mulheres de Deus encarnando a beleza do carisma, de maneira viva, esperançosa e oblativa. Mas da mesma maneira, aquela atitude pode surgir de modo inconsciente. E são tendências

⁷ Cf. CIVCSVA, *Cor orans*. Instrução aplicativa da Constituição Apostólica *Vultum Dei Quaerere*, n° 231 (01/04/2018), Brasília, Edições CNBB, 2018. "Docs. da Igreja", 46.

que fragilizam o empenho em se criar e fortalecer uma cultura de formação permanente. Outras resistências a uma cultura de formação permanente são as antipatias, divergências ideológicas, má fase de relacionamento com os superiores, descontentamento com a mais recente transferência, o acometimento pela “síndrome de *burn-out*”⁸, crises existenciais, vocacionais e de fé, preocupações excessivas com o econômico e com o poder.

Tais resistências não são necessariamente o fim da caminhada, havendo, por parte da pessoa, abertura à presença misteriosa de Deus que age através de suas mediações; e Ele se serve também destas experiências difíceis vividas pela pessoa para inspirar e sugerir-lhe formas de viver mais humanamente saudáveis e fecundas.

Daí a necessidade de despertar, de criar e fortalecer uma autêntica cultura de formação permanente cujo eixo central seja a finalidade apostólica da Congregação, o carisma vicentino, a espiritualidade vicentina, de modo que tudo seja integrado pela pessoa a partir deste eixo. Pois o cuidado da formação permanente encontra seu fundamento na exigência em corresponder, de modo mais pleno, à vocação vicentina durante todas as idades da vida, de maneira cada vez mais integral e integrada em cada gesto cotidiano.

De acordo com os Documentos da Igreja, a formação permanente não é tanto realidade extraordinária e eventual, e sim graça ordinária e cotidiana, algo vital, em todas as fases da vida até a morte, e chega até nós nas mediações ordinárias e cotidianas, em tudo o que vivemos no nosso dia, ligados à nossa Comunidade Local. Neste sentido, é indispensável estar atentas(os) para aproveitar os meios acessíveis para a formação permanente, sobretudo aqueles que a Congregação proporciona a cada uma, a cada um⁹.

⁸ Cf. Pascal IDE, “Le burn-out: une maladie du don?” (“O burn-out: uma patologia do dom?”), In.: NOUVELLE REVUE THÉOLOGIQUE, n° 137-2 (2015), pp. 256-277; Pascal IDE, “Le burn-out, une urgence pastorale” (“O burn-out, uma urgência pastoral”), In.: NRT, n° 137-4 (2015), pp. 628-652. O autor aponta três sinais gerais e consensuais característicos do “burn-out”: o esgotamento emocional; a despersonalização; a redução da autorrealização no serviço/trabalho.

⁹ Constituições das Filhas da Caridade, n° 58b.

É importante lembrar que a formação permanente inclui um duplo exercício de corresponsabilidade. Antes de tudo, por parte de cada pessoa consagrada em sua relação e diálogo com a Irmã Servente na Comunidade Local ou com o Superior local, e com a Província/Instituição.

Formação especializada e extraordinária, um aspecto da formação permanente

São João Paulo II assim escreve sobre esse aspecto da formação permanente: “Necessário é também que a formação das mulheres consagradas, da mesma forma que a dos homens, seja adequada às novas urgências e preveja tempo suficiente e oportunidades institucionais válidas para uma educação sistemática, alargada a todos os campos, desde o teológico-pastoral até o profissional”¹⁰.

A formação especializada - cursos de bacharelado, pós-graduação, mestrado ... - faz parte da formação permanente; de igual modo, os cursos de atualização mais curtos, extraordinários e eventuais também o fazem, embora visem mais a reciclagem do que a Consagrada ou o Consagrado aprendeu há algum tempo. Todavia, formação especializada e/ou extraordinária é uma parte ou um aspecto da formação permanente, sempre tendo em vista o crescimento na fecundidade da própria consagração e na comunhão que caracteriza o carisma vicentino. Faz-se também importante que a formação especializada e/ou extraordinária não seja isolada, nem seja vista como o todo ou o quase-todo da formação permanente, mas bem integrada no crescimento da vida segundo o Espírito, e continuamente estimulada e verificada em relação à capacidade de estabelecer e de conservar relações de tipo fraterno¹¹, na Comunidade Local, no trabalho/missão e em diversos outros ambientes. Além disso, é a formação da identidade do(a) Consagrado(a) que indica o modo como se vai estudar teologia, psicologia, filosofia, e demais ciências, a fim de realizar

¹⁰ S. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Vita Consecrata* (25/03/1996), n° 58; cf. também, Constituições das Filhas da Caridade, n° 58; Estatuto, n° 39.

¹¹ Cf. CIVCSVA, Instrução *Ecclesiae Sponsae Imago*, n° 112 (08/06/2018), Brasília, Edições CNBB, 2018. “Docs. da Igreja”, 50.

uma “fidelidade criativa”¹² no caminho da tradição espiritual e apostólica da Congregação.

Com a ajuda da Bem-aventurada Virgem Maria, “Consagrada por excelência”, Mãe e Mestra, continuemos à nos educar para perceber a graça que nos é dada por Deus, sempre em excesso, na nossa vida de todos os dias para melhor responder à nossa vocação. E neste tempo de pandemia, supliquemos a Nossa Senhora da Medalha Milagrosa para nos ajudar a permanecer firmes na fé e na esperança que nos dá o Evangelho para continuarmos servindo o Cristo junto aos mais pobres. Confiemos-lhe a humanidade, em particular nossos irmãos e irmãs mais vulneráveis, bem como a nossa Casa comum. Desejo-lhes uma abençoada festa de São Vicente de Paulo.

Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, cm

¹² S. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Vita Consecrata*, n° 37.



FORMAÇÃO PERMANENTE

Os textos a seguir foram apresentados no XXI Encontro Interprovincial dos Conselhos do Brasil, que se realizou no período de 13 a 18 de março deste ano, em Recife.

ANÁLISE DE CONJUNTURA: AS MUDANÇAS NAS POLÍTICAS SOCIAIS BRASILEIRAS E SEUS IMPACTOS HOJE

Pe. Manoel Godoy

Coisa mais difícil falar hoje é sobre a conjuntura. A conjuntura é como céu. Você olha as nuvens, estão numa posição. Você olha novamente e já mudou tudo. Estamos numa ebulição que é muito difícil.

O que move o mundo é a Economia. Não é à toa que Nosso Senhor disse que ninguém pode servir a dois senhores. A questão econômica é determinante. A análise social advém dos dados da economia. Vivemos sob a égide do modo de produção capitalista. Acontece que as classes sociais têm interesses diferentes. Qual o interesse dos pobres? E qual o interesse do capital? Da elite, dos ricos? São interesses diferenciados. Por isso, para que a sociedade caminhe é preciso um acordo, pois os interesses são diferentes. Daí a importância do setor jurídico para legalizar a situação das classes sociais, visto a política ser a arte de fazer o pobre se conformar de ser pobre para que ele não entre em conflito com as outras classes. E por mais bem intencionado que o pessoal seja, a política não é feita de boas intenções...

Os meios e modos de produção econômicos geram classes sociais que são apaziguadas por uma política e um sistema jurídico. Quando estes sistemas não conseguem resolver as lutas de classes, vêm as Forças Armadas para tentar sanar a situação. Também

temos os sistemas educacionais, os meios de comunicação e aqui entra também a religião, a Igreja.

A Religião nunca é neutra, pois nós estamos a serviço de alguma destas forças na sociedade. Até a monja enclausurada, que não tem contato com nada, que está rezando seu Pai Nosso, sua Ave Maria por alguma situação, não é neutra... Pois quando afirmamos: “Ah! eu não gosto de política”, já foi tomada uma posição. A serviço de quem nós estamos? Muitas vezes nós estamos a serviço justamente daqueles que estão produzindo os pobres.

Não quero chocar ninguém, mas dou dois exemplos: um, da santa Dulce dos pobres. Quem mantinha a obra da santa Dulce dos pobres? Antônio Carlos Magalhães, que, com suas posturas, “fabricava pobres”. E ao mesmo tempo dava dinheiro para santa Dulce cuidar dos pobres que ele próprio gerava. Ela, com toda santidade e doçura, estava a serviço do capital. Santa Dulce também recebia muita ajuda do Calmon de Sá, um “corrupto de carteirinha”. Quem bancava, enfim, as obras da Santa Dulce? Tudo isso é muito contraditório. Ninguém nunca é neutro.

Outro exemplo: Santa Teresa de Calcutá. Em uma visita a Brasília, na década de 90, em uma conversa com D. Eugênio Sales, ela falou ao Cardeal sobre seu desejo de fundar uma comunidade de suas Irmãs no Brasil. Pediu-lhe que indicasse uma diocese que não tivesse a Teologia da Libertação. Daí D. Eugênio ligou para Dom Falcão para acolher uma comunidade da Santa Teresa. De Brasília para o Rio de Janeiro, ela foi no jatinho de um corrupto para fundar sua primeira comunidade no Brasil. Ninguém é neutro. Por mais que queiramos passar álcool gel 70 %, estamos contaminados. Vocês que têm como lema a Caridade, tão carregada de sentido, o coração da Família Vicentina... Que caridade? Como eu atuo com a caridade? Com a caridade, estou servindo verdadeiramente a quem?

Então, Conjuntura é o **conjunto de acontecimentos** em um determinado momento. São circunstâncias e ocasiões que influenciam coletivamente em determinados aspectos, sejam econômicos, históricos, sociais, políticos, entre outros.

A **conjuntura brasileira** é o conjunto de eventos que vêm acontecendo no país e que são interligados, afetando a imagem do país: a conjuntura política afeta a conjuntura econômica, que, por sua vez, influencia na conjuntura social e constrói toda a atual conjuntura brasileira. Por exemplo: Bolsonaro está com corona vírus ou não? Os mercados reagem de acordo com saúde de um presidente... pois é um interesse público. Isso é para nos fazer perceber como a coisa está interligada... Então a **análise da conjuntura** ajuda a compreender melhor as condições naqueles períodos determinados, para que nenhum evento tenha significado isolado, de forma a compreender que as situações são influenciadas por outras. São diversos cenários da realidade brasileira que precisam ser analisados.

Pensemos na **QUESTÃO ECOLÓGICA**. A consciência ecológica levanta-nos problemas duma profundidade e duma vastidão extraordinárias. Temos de nos defrontar ao mesmo tempo com o problema da vida no planeta Terra, o problema da sociedade moderna e o problema do destino do homem. Isto nos obriga a por em questão a própria orientação da civilização ocidental. *“Na aurora do terceiro milênio, é preciso compreender que revolucionar, desenvolver, inventar, sobreviver, viver, morrer, anda tudo inseparavelmente ligado”* (Edgar Morin).

Nosso país nunca esteve bem no trato com a questão ecológica. Um fazendeiro não tem uma consciência ecológica... isto é problema já estrutural da política brasileira. *“Em questões ambientais o Brasil sempre trafegou na contramão da história. É em nosso território que está localizada a maior parte da Floresta Amazônica, megabioma tropical que sempre esteve sob os olhos da comunidade científica internacional, por ser, há décadas, palco constante de variados crimes ambientais e sociais, entre os quais, garimpos clandestinos, desmatamento descontrolado, queimadas, grilagem de terras e outras ocorrências com o mesmo teor igualmente negativas, ante a convivência das autoridades competentes”* (Carlos Braz).

Ou nós desenvolvemos a consciência ecológica ou as gerações que estão chegando terão uma catástrofe pela frente. Os EUA não

assinam os tratados para controle de gases poluentes. O Trump disse que quando a catástrofe acontecer, ele já não existirá mais... *"Eu não estarei vivo para ver"*. No entanto, se esquece dos filhos dele. E o Governo brasileiro é conivente com os desastres ecológicos. Em nosso território, situam-se 60 % da Floresta Amazônica.

O Brasil, com essa política ecológica, corre o risco iminente de ter seus produtos provenientes do agronegócio boicotados pela União Europeia, o que certamente causará um prejuízo incalculável à frágil economia brasileira, dependente historicamente do comércio internacional. No Brasil, as pessoas não levam a sério situações que ferem nossa Casa Comum. Tivemos dois problemas graves neste campo recentemente: as queimadas na Amazônia que quadruplicaram e o óleo nas praias nordestinas. E qual foi a resposta do Governo? Suspender contratos com ONGs, exonerar o maior cientista que tínhamos no INPE (Ricardo Galvão), flexibilizar as multas por crimes ambientais, exonerar funcionários do IBAMA, suspender áreas protegidas, ampliar áreas de exploração de minérios e expandir as fronteiras agropecuárias. Todas estas medidas foram catastróficas. Devemos perder a mania de acreditar que existirá um salvador da pátria. A cada quatro anos, vamos atrás de um "messias". E é nisso que vamos afundando, pois não se toma consciência do real problema. Estas medidas todas ampliaram o câncer e colocaram o Brasil sob o risco forte de uma metástase, de um câncer generalizado. Observem a imagem.



Outro cenário da realidade brasileira que precisamos considerar:
o **ECONÔMICO**.

Neste último ano (2019), o PIB foi menor do que o Governo havia projetado. Caiu de 2% para 1,1%. Como a população aumentou 0,79%, o crescimento real do PIB foi insignificante. Na balança comercial, apesar do resultado positivo, houve queda de 19,6% em relação ao ano de 2018. O Brasil é mal administrado.

O desemprego aumentou e houve crescimento recorde da informalidade: 41,1%. São cerca de 38,363 milhões de trabalhadores informais. Houve, então, uma *Uberização* da economia. Hoje já temos cidades com saturação do *Uber*. A informalidade cresceu de tal maneira que em alguns lugares o Governo precisou criar *shoppings* populares para tirar o pessoal das calçadas... Mas, há grupos que roubam e alimentam os *shoppings* populares, que vendem mais barato. É toda uma rede de contravenção.

O dólar atinge valor recorde, com aumento de 8,74%. A inflação oficial não passa de em 4,31%. Mas é a dona de casa que sabe a real desvalorização do dinheiro: a cada semana quando vai ao mercado, vai com mais dinheiro e volta com menos mercadorias. E aí se percebe a farsa do Governo atual. Os pobres é que sabem como caminha a inflação. Nós na vida religiosa... padres, Bispos, Cardeais, nós não sabemos o preço do quilo do feijão, não sabemos o preço do pãozinho francês, da condução, da conta de luz e água. Nós somos formados de tal maneira protegidos... No Seminário não somos informados de nada...

Houve uma queda vertiginosa no investimento público, o menor em 50 anos, tanto em infraestrutura quanto em bens como educação, saúde, pesquisa. Há uma saída volumosa de dólares: soma de US\$ 44,7 milhões em 2019, a maior em 38 anos.

A educação vai ser muito atingida, devido à inadimplência. Nossas escolas sobrevivem da fonte de renda do pagamento das mensalidades e, com a inadimplência, não há investimento real. Um país não cresce sem pesquisa. A pesquisa é um termômetro para identificar se o país é desenvolvido. Sem pesquisa, o país

não cresce. E os nossos postos de saúde estão cada vez mais sucateados, faltando de tudo.

O Governo gasta mais do que arrecada. Temos um rombo nas contas públicas, apesar da melhora, e um déficit primário em R\$ 61,87 bilhões. O Brasil não consegue gerar recursos (arrecadação) que superem seus gastos. Além disso, houve aumento na dívida bruta do setor público, que saltou para R\$ 5,5 trilhões, ou seja, 75,8% do PIB, em dezembro de 2019.

Houve aumento também na arrecadação de impostos (R\$ 200 bilhões a mais que 2018, segundo a Associação Comercial de São Paulo), no preço dos combustíveis, no endividamento das famílias (61,3% milhões de brasileiros inadimplentes, 39% da população adulta) e no endividamento das micro e pequenas empresas.

A economia desta forma é fruto de uma política e gera uma política que vem das decisões econômicas.... Não dá para separar Paulo Guedes de Bolsonaro... Se ele afundou o Chile há 20 anos atrás, em que mãos está o Brasil?

Olhem o que nos diz Ladislau Dowbor, um grande economista: *“Não há nenhuma razão para haver miséria no planeta. Se dividirmos os 85 trilhões de dólares que temos de PIB mundial pela população, isso equivale a 15 mil reais por mês, por família de quatro pessoas. Isso é amplamente suficiente para todos viverem de maneira digna e confortável”.*

A miséria é uma decisão política. Não é porque Deus quis assim. Por isso, na questão religiosa temos que tomar cuidado para que, nas nossas orações de súplica, a pessoa que está orando a Deus não se sinta melhor que Deus: *“Eu estou vendo a fome e Deus não está”.*

Segundo a FAO, 851 milhões de pessoas passam fome. A população mundial é de 7,6 bilhões de pessoas. O planeta produz alimentos suficientes para 11 bilhões de pessoas. Portanto, não há falta de recursos, há falta de justiça. Deus não é responsável pela fome e miséria e pobreza no mundo. É fruto da nossa maldade,

da falta de partilha, é fruto das nossas decisões. Largar mão de colocar nas costas de Deus aquilo que é irresponsabilidade nossa. Não é falta de bênção... é falta de juízo, de decisão humana...

Não há falta de dinheiro, há falta de partilha. 1% da população mundial detém mais riqueza que os 99% restantes. A soma das riquezas de 26 famílias do mundo supera a soma da riqueza de 3,8 bilhões de pessoas, metade da população mundial. E no Brasil, apenas 6 famílias acumulam mais riqueza do que 105 milhões de brasileiros. Segundo a Revista Forbes, 206 bilionários brasileiros aumentaram suas fortunas em 230 bilhões de reais em 2019, enquanto a economia ficou praticamente estagnada (PIB 0,9%).

O Governo governa para ricos. O mercado financeiro vive em euforia com as medidas do Governo, tais como: a Reforma Trabalhista (flexibilização das leis trabalhistas); a Reforma da Previdência (pobre não se aposenta mais); a Reforma tributária (política do Robin Hood às avessas, tirando dos pobres para dar aos ricos). Em 2019, os 4 maiores bancos (Bradesco, Itaú, Santander e o Banco do Brasil) cresceram 15% em relação a 2018, somando 59,7 bilhões.

A PEC 55 (Proposta de Emenda Constitucional) foi aprovada em definitivo pelo Congresso em 2016, por 53 votos a 16, congelando os gastos públicos por 20 anos. Isto é uma ameaça ao conjunto de políticas que permitiu a ascensão social de milhões de brasileiros ao longo dos últimos anos. Na área da Saúde, a perda acumulada será de 654 bilhões de reais, em um cenário de crescimento do PIB de 2% ao ano, segundo uma nota técnica divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Em relação à Educação, com a PEC, serão retirados 45 bilhões de reais até 2025, com o limite do aumento de gastos. O congelamento deve inviabilizar o cumprimento da meta de universalizar o atendimento a crianças e adolescentes até 2020, como prevê o Plano Nacional de Educação.

Os principais programas sociais do Governo que auxiliam famílias que vivem na pobreza ou na extrema pobreza estão à míngua e estão encolhendo. As reduções significativas no orçamento federal

afetam dois dos maiores programas sociais do país: o Bolsa Família e o Minha Casa, Minha Vida, que sofreram cortes de 7,8% e 42%, respectivamente. Além disso, a mídia contribui para que se tenha uma imagem distorcida sobre programas sociais, como o Bolsa Família. E quem vai sofrendo cada vez mais com a perda destes benefícios são os pobres, pois em muitas das pequenas cidades se sobrevive da aposentadoria dos mais velhos e do Bolsa Família... Voltamos à extrema pobreza.

A crise das Instituições é generalizada. As professoras do primário eram idolatradas, lembram?... Hoje é grande o desrespeito a esses profissionais tão importantes para a Educação. E o Exército? Quem acredita hoje na honestidade de um general? A crise institucional chegou à Igreja também. No Brasil, temos padres que se suicidam. Outros querem de volta suas batinas. A Família também enfrenta uma grave crise.

E, o pior é que não surgem novas lideranças capazes de aglutinar simpatia... Corremos risco da reeleição do Bolsonaro, pois não temos outras lideranças. Existe uma crise partidária sem conta.

Vivemos, portanto, em um momento perigoso de descrédito nas instituições. Quem confia nos poderes políticos de hoje: Executivo, Legislativo e Judiciário? Podemos até estender essa lista de desconfiança a outras instituições da sociedade, como fez o Ministro da Economia, lançando desconfiança generalizada sobre todo o serviço público, chamando os servidores de parasitas. Essa descrença nas instituições, somada à forte desigualdade social, pode gerar coisas muito perigosas. O povo pode ser levado a fazer opções contrárias aos seus próprios interesses, como optar por um regime autoritário, fascista, de extrema-direita.

Um governo de extrema-direita tem características já muito conhecidas. Defesa dos interesses das elites contra os interesses das classes pobres. Ataque a todos os direitos humanos: das mulheres (misoginia), dos pobres (aporofobia), dos imigrantes (xenofobia), das pessoas com outras orientações sexuais (homofobia), racismo (preconceito em relação à origem racial),

preconceito etário (crianças, idosos e jovens), capacitismo (preconceito em relação às pessoas com deficiência). Ataque à imprensa, à cultura erudita, à filosofia, enfim, ao desenvolvimento do pensamento. Apresenta uma Moral ambígua: defende a moral pública e vive o tudo é permitido na moral privada. É intolerante: não permite que outros pensem de forma diferente. Para solucionar os problemas, usa a violência.

Outros cenários: a **RELIGIÃO** e a **IGREJA CATÓLICA**.

De acordo com uma pesquisa da Folha de São Paulo (dezembro de 2019) sobre a Religião declarada pela população brasileira, temos a seguinte distribuição: Religião Católica: 50%; Religião Evangélica: 31%; Sem Religião: 10%; Religião Espírita: 3%; Religião Afro: 2%; Outras: 2%; Ateu: 1% Religião Judaica: 0,3%.

A Religião Católica foi a que mais perdeu fiéis. Em 10 anos nós perdemos cerca de 67 milhões de habitantes católicos. O número de jovens que passam para a Igreja Evangélica é grande. A Igreja Católica está envelhecendo. E mais, a Igreja Católica fez opção pelos pobres e os pobres fizeram opção pelas Igrejas Evangélicas.

O Papa Francisco vem enfrentando muitas resistências dentro da Igreja para implementação do Concílio Vaticano II, que ocorreu na década de 60. No Brasil também se encontra oposição ao Papado de Francisco.

Para finalizar, quero falar sobre a Guerra de Quarta Geração. A Quarta Guerra Mundial já começou. É uma guerra que tem objetivos diferentes do que conhecemos até então. As batalhas já não se desenrolam em espaços distantes, mas em sua própria cabeça. Já não se trata de uma guerra por conquista de territórios, mas de uma guerra por conquista de cérebros, onde você é o alvo principal. O objetivo já não é apenas matar, mas fundamentalmente controlar. As balas já não se dirigem apenas a seu corpo, mas às suas contradições e vulnerabilidades psicológicas. Sua conduta está sendo checada, monitorada e controlada por especialistas. Uma guerra sem frentes nem retaguardas, uma guerra sem tanques

nem fuzis, onde nós somos, ao mesmo tempo, a vítima e o algoz. É preciso conhecer mais sobre essa nova forma de Guerra.

Mas, se queremos vencer a Guerra de Quarta Geração, comecemos por nós e avancemos nos caminhos da sinodalidade. A sinodalidade nos mantém interligados como irmãos. É preciso ler mais e conhecer o que é sinodalidade. Um padre jovem, antes de morrer, me disse: Somos poucos, temos de nos amar muito... Repitam: **SOMOS POUCOS TEMOS QUE NOS AMAR MUITO...**

Que nos amemos muito e que possamos defender nossos irmãos e que ninguém solte a mão de ninguém. Intriguinhas, querelas, brigando por bobagem... Vençamos essas pequenas querelas e nos amemos muito, para vencer a Guerra da Quarta Geração.

DIANTE DA FRAGMENTAÇÃO DOS VALORES HUMANOS E MORAIS, COMO TRABALHAR A INTEGRAÇÃO NA FORMAÇÃO

Adalto Luís Chitolina

Todos nós temos um desejo profundo de transcendência. Transcendência significa *além de, caminhar subindo*. Portanto, há em nós um desejo de ir a algo que está fora de nós, que não é nosso. Santo Agostinho vai retratar este desejo quando diz: *“Meu coração está inquieto enquanto não repousar em Ti”*. Este desejo vai muito além do mero conhecer. A prova mais concreta disso está em nossos cadernos de retiro. Todo ano repetimos os mesmos propósitos. Isto é um desejo de algo fora de nós. É o desejo de Deus. Ele nos foi dado pela simples condição de que somos um ser humano, por isso trazemos este desejo e caminhamos com esta perspectiva. Quando rezamos, quando vamos à Eucaristia, são sinais de que queremos este caminho de transcendência.

Desejo não é algo realizado. De boas intenções o inferno está cheio... Mas o que interfere com a realização do desejo? É o que chamo de **animalidade**. Biologicamente não nos distinguimos em nada de outros animais. Nós precisamos nos manter biologicamente vivos: precisamos beber, dormir, andar. O princípio da animalidade é claro: menor desgaste de energia e maior grau de satisfação. Por um lado, a animalidade impera em nossa vida, mas, por outro lado, existe um desejo de transcendência. Cria-se uma tensão entre animalidade e transcendência. Se nós largarmos a vida, ela vai seguir as condições de nossa animalidade. Pois, para seguir a nossa parte animal, não precisa esforço. Mas, para a transcendência, sim. Biologicamente somos iguais. Mas o animal já é tudo que pode ser, enquanto o ser humano sempre pode vir a ser mais ser humano do que ele é. Não importa de onde ele parta, ele pode ser mais ser humano do que ele é.

Quando falamos de Formação, diante da animalidade e do desejo de transcendência, percebemos que temos que fazer escolhas. Deus não nos fez como os animais, por isso não temos que seguir os instintos. Porém, também não nos fez anjos, mas

nos deu uma capacidade de Espiritualidade. Essa capacidade não é a Espiritualidade teológica (oração, vida interior, reza, etc.). Essa capacidade é bem mais simples: razão, inteligência, vontade, capacidade de escolha, capacidade de decidir.

Vivemos uma animalidade, existe um desejo de transcendência, mas é como se Deus dissesse para nós que devemos escolher viver como animal ou transcender. Porque somos capazes de razão, inteligência, vontade, escolha. Somos livres e podemos escolher o caminho que queremos tomar. Pois não somos obrigados a seguir o que a biologia nos determina. Podemos deixar de viver uma vida medíocre e sermos mais. Somos capazes de, mas, para que uma capacidade deixe de ser capacidade e passe a ser uma realidade, é necessário esforço, exercício, empenho. Se não, morre como capacidade. Existe em nós muita capacidade que não é desenvolvida e, portanto, se não é atuada, é atrofiada. Alguns autores afirmam que durante nossa vida só utilizamos 20% de nossas capacidades.

Quando pensamos na Formação, é preciso ter em mente que, mesmo nas condições de hoje, com todos os entraves, condicionamentos e esfacelamento de valores e conceitos, as jovens são capazes de uma Espiritualidade, de fazer escolhas. Agora, talvez o modo como estamos ajudando na Formação, não esteja incidindo na capacidade de Espiritualidade. Todos somos filhos de Deus. Somos capazes.

Na Formação, nós vamos manter esticada a corda sempre que pudermos. Ninguém precisa ensinar a ser animal, mas o caminho para a transcendência precisa sempre ser estimulado. Temos que manter uma tensão saudável entre os dois polos. Por isso, a Formação sempre aponta para a transcendência. Na Formação, deve-se gratificar o suficiente para se manter saudável naturalmente, mas desafiar sempre a busca da transcendência. Criamos e precisamos manter esta tensão. Uma casa de Formação que favoreça sempre o dado biológico, não está formando. É preciso trabalhar a capacidade de desejo para que façam um caminho de crescimento na capacidade de Espiritualidade.

A primeira coisa que temos de fazer é trabalhar para que estes sujeitos venham a ser melhores seres humanos. Mais fraternos, mais solidários, mais responsáveis, mais comprometidos. Ser mais do que eles são, porque sempre podemos ser melhores como seres humanos. Quando paramos, negamos aquilo que somos. Vir a ser um ser humano mais pleno possível. Seres humanos que não negam a sua humanidade, inclusive o que é próprio do seu biológico, mas não se deixam arrastar por isso. Então, os desejos mais distorcidos vão se purificando. Será um caminho. A Santidade é ser o mais humano possível para mim. Temos que construir seres humanos inteiros, íntegros. Nós formadores também precisamos nos perguntar se estamos nos tornando mais ser humanos.

As Formadoras de qualquer tempo e lugar

Que religiosas nós queremos que se formem? Como guiá-las na própria Formação? Se quisermos mulheres que digam só *amém*, será de um modo. Se quisermos pessoas inteiras... será de outro modo.

As jovens que virão hoje são fruto do hoje. Que perfil nós queremos? Isto deve estar claro para toda a Província, não só para a Equipe de Formação. O Carisma não está em discussão, nem o Evangelho, mas quem é que nós queremos? Queremos que repitam o que nós aprendemos, ou compreendemos que o mundo está em transformação? Devem viver isoladas do mundo (separadas do mundo) ou viver dentro dele? Em que mundo serão colocadas as Irmãs que vamos formar? Como é o mundo de hoje e como será o mundo de amanhã, para viver nele como religiosas?

A pós-modernidade

Vemos no homem pós-moderno certa desconfiança em relação às suas próprias capacidades. Certo desencanto com suas próprias realizações. As guerras, neste sentido, são emblemáticas. O homem pós-moderno não se ilude mais com utopias. Importa o concreto e o imediato. Não sacrifica o hoje por algum sonho futuro. A realização individual substitui os sonhos coletivos (institucionais).

Busca o mais rápido, mais curto, mais fácil.

Ninguém quer ficar com a angústia, com a dor psíquica, emocional, especialmente, a dor do existir... Corre-se de imediato para buscar um “remédio” e, com isto, não se elabora o problema. É preciso muita coragem e persistência para passar pela dor e para elaborar. No entanto, há uma rejeição do sofrimento e, assim, se afasta a angústia, e não se cresce.

Falta espaço para reflexão. Tempo para ficar consigo. Vivemos a época dos narcisismos: muito corpo e a consequente dificuldade de pensar e refletir. É o tempo dos *fast food* religiosos, ou seja, mesmo na religião, não se quer a dificuldade, mas o mais fácil e rápido.

As Instituições – Estado, partidos políticos, instituições sociais – estão perdendo a adesão de seus membros. A Igreja também enfrenta a indiferença por parte dos fiéis jovens. A religiosidade vai sendo desenvolvida muito mais na esfera individual do que dentro das instituições. É um assunto pessoal.

A Igreja perde a credibilidade. A sociedade vai se secularizando e se desvincula da influência das instituições religiosas. A autonomia se impõe cada vez mais nas decisões políticas pessoais. Crescem, na sociedade, as entidades multiculturais e pluriéticas, onde os valores predominantes são a tolerância e o respeito pela autodeterminação das pessoas.

As redes sociais adquirem uma importância extraordinária. Vivemos a cultura do virtual. Configura-se uma sociedade baseada na informação. A era da pós-modernidade é uma época de mudança. Tudo se relativiza, tudo passa por mudança; nada é definitivo, permanente e absoluto. Impõe-se o relativismo que passa pelo subjetivo (aquilo que eu sinto, que eu gosto).

Há um reivindicar do prazer, aproveitar, gozar e desfrutar. Aproveitar tudo o que agrada. Cresce a preocupação com o sentir-se bem com o próprio corpo, a aparência, a estética. O prazer sexual é um tema frequente, ainda que menos sustentado por

uma relação afetiva permanente. É o desfrute do momento: *Carpe diem*. As relações se dão em função do aproveitar o momento. Os assuntos sobre sexualidade e afetividade, às vezes são abafados e não cabem dentro dos Seminários... Certos comportamentos próprios de namoros, casamentos... “*Isso não é para nossa escolha*”.

Frente a estas colocações, onde está a Vida Consagrada? Parece haver desestímulo, desencanto. Nos falta identidade? Como administrar a crise sem cair no desânimo, na desesperança? Como semear luzes neste caminhar? Como a Vida Consagrada pode ter sentido numa sociedade e numa cultura pós-moderna? Como uma candidata pode querer pertencer a uma Companhia como a nossa quando a tendência do mundo é não assumir vínculos com as instituições? Que significado tem uma profissão perpétua onde o permanente não tem mais valor? Que vida comunitária se pode praticar, se o estilo de hoje é o individualista? Que sentido tem um voto de obediência no mundo que exige autonomia? Como viver o voto de pobreza numa cultura consumista? Qual o significado do voto de castidade num mundo erotizado? Será possível fazer tudo isso pelo Reino de Deus, se todos dizem que as utopias morreram? Que missão cabe à Vida Consagrada nesta sociedade secularizada e pluralista?

Como formar hoje? Formar, hoje, não é mais colocar numa forma, mas dar forma àquilo que cada um traz para a casa de Formação. Dar forma vicentina a esse anseio interior, àquilo que ele ou ela aprendeu na família. Dar uma forma vicentina de viver.

Como é o jovem...

O jovem é afiliativo. Ele aceita desafios, mas quer que o apoiem, sustentem (acolhida, afeto, aconchego). Sua estrutura hoje é muito frágil, por isso ele não busca uma estruturação interna, mas busca um *alter-ego* (eu de fora), que lhe dê esta estrutura vinda de fora! Hoje, a maioria dos formandos é de filhos únicos. Muitos de nossos jovens hoje têm uma estrutura *bordeline*... entre a neurose e a psicose... uma estrutura muito frágil.

Quando eu não estou estruturado e seguro, preciso de uma

estrutura para me segurar externamente. Vem daí um excessivo retorno a um tradicionalismo antigo como forma de segurar o que não se segura... Existe uma dificuldade muito grande na Formação por conta disto. Esses jovens têm muita dificuldade para dar passos. Para ser uma Irmã Vicentina, tem que estar muito bem internamente, senão desmonta. Um dos critérios mais sérios para admissão de candidato é se tem estrutura interna ou não. É preciso ter um mínimo de estrutura capaz de suportar o tranco. Neste sentido, teremos que dizer não para alguns jovens. Teremos vagas ou pessoas inteiras?

Para formar, são necessários limites, que devem ser colocados por quem tem autoridade. Autoridade é diferente de autoritarismo. Quem tem autoridade não manda. Quem manda é o autoritarismo. Quem é autoridade, é autoridade por sua presença. Autoridade é serviço. Autoritarismo é imposição. Quem tem autoridade serve. Quem tem autoritarismo, tem poder. Onde não há autoridade não pode haver crescimento e amadurecimento. Ser firme na caridade. No ambiente autoritário as pessoas se infantilizam. Seguem todas as normas, mas não crescem. O que está se criando dentro da casa de Formação? Há um interesse de crescimento em atitudes concretas? É preciso alguém dar as normas... para que juntos crescamos.

O que é Formação?

Exigir, acompanhar, limitar, cobrar, etc., requer do formador uma personalidade segura e posicionamentos claros. Posicionamentos claros, e não o que lhe convém. É preciso solidez da parte do formador. Eu não posso usar dos meus formandos para me gratificar. O formador precisa passar por um processo de solidez, precisa buscar ajuda para se trabalhar.

A Formação deve estar voltada para apresentar valores e não simplesmente para uma correção de rumos. São poucos os locais onde os valores são apresentados aos formandos. Nós, os formadores, precisamos ter isto claro. Que valores queremos que eles internalizem? A Formação também não deve ser delegada aos

psicólogos. O formador não pode se contentar com que o formando vá ao psicólogo e não procurar acompanhar esse processo.

Diante dos valores apresentados pelo Formador, os jovens podem se mostrar complacentes, ou seja, acolhem o valor por conveniência, para serem aprovados. Também há os que assumem o valor por identificação com o formador. Mas, quando o formador sai de cena, eles não o vivem mais. E há os jovens que internalizam o valor, assumem como seu e vivem, porque é seu.

De qualquer forma, durante a Formação, é preciso intervir. Diante das atitudes de verdadeira inanição perante a vida, de acomodação, de apatia, de não reação, os formadores precisam tomar posição! Não se pode deixar que as coisas caminhem por si só... O marasmo na Formação é permissão da mediocridade amanhã.

Esta é a nossa responsabilidade: lidar com vocacionados que provêm de ambientes não tão bem estruturados como tínhamos até pouco tempo. Os candidatos provêm, muitas vezes, de famílias desestruturadas, desorganizadas, quebradas. Saber lidar significa paciência, misericórdia, mas também conhecimento. O formador não pode se contentar com o que já sabe. As intervenções e estratégias deverão ser outras.

Aprender a lidar com o mundo afetivo e sentimental dos nossos vocacionados (sexualidade, homossexualidade, modo de lidar com seus sentimentos, etc.) é de suma importância. É necessário abrir-se para compreender os jovens que já vêm com certas experiências sexuais. Não quer dizer que se deve aceitar qualquer pessoa. Há jovens, por exemplo, que viveram experiências de abuso. Precisarão ser escutados, fazer um caminho terapêutico...

Quanto à homossexualidade, existem diferenças. Há uma homossexualidade promíscua, onde os relacionamentos são interesseiros e frequentes, fazem programas... Estes não servem para a Vida Consagrada, porque vão ter muita dificuldade para deixar uma vida desenfreada de prazer.

Existe uma homossexualidade aberta... São pessoas que viveram um período de relacionamento homoafetivo, porém, foi sempre com o mesmo parceiro. Essas pessoas conseguem o mínimo de afiliação, de fidelidade. Essas pessoas podem servir para a Vida Consagrada, mas outros aspectos precisam ser avaliados: por quanto tempo viveram o relacionamento, por que se distanciaram?... É uma busca do afeto. Geralmente está concentrado numa pessoa e pode evoluir para uma relação física.

Existe uma homossexualidade, uma tendência homossexual. A pessoa sente atração por pessoas do mesmo sexo, mas não necessariamente tem uma relação física. Mas existe uma tendência. Uma atração. Serve para Vida Consagrada... porém, vai ter que se trabalhar bastante.

Existe um 4º grupo, que é o da pseudo-homossexualidade. Em algum momento da vida, a pessoa recebeu uma cantada, ou, quando criança, foi tocado, mexido, ou foi criado num ambiente muito feminino e desenvolve certos traços... A pessoa acha que é homossexual porque tem esses trejeitos, mas não é. Serve também a Vida Consagrada, mas vai precisar de ajuda.

No mundo feminino, o lesbianismo é menos frequente que o homossexualismo no mundo masculino. Tudo precisa ser avaliado. Não se descartam todas, nem se aceita qualquer uma. Senso de caridade e misericórdia é muito importante. Nunca condene. Se tiver dúvida, encaminhe para um profissional.

Mas para saber lidar com os sentimentos dos formandos, primeiro nós precisamos aprender a lidar com nossos próprios sentimentos. Cada um só oferece aquilo que tem, eu não posso dar o que não tenho. É preciso primeiro localizar-se, para depois poder direcionar a rota. Tenho que me desfazer de algumas ideias preconceituosas, pré-concebidas.

É fundamental e indispensável o empenho incansável dos formadores no árduo trabalho do acompanhamento pessoal dos formandos. Acompanhamento pessoal implica frequência, assiduidade. No mínimo uma vez por mês. É preciso conquistar a credibilidade, ela não vem junto com a nomeação da Província.

Os formandos não confiam nos formadores que não geram credibilidade. A Formação é como o caminho de Emaús. O formador se põe ao lado e caminha com o formando, lado a lado.

A juventude de hoje é movida a “novidades”. Percebe-se uma quase incapacidade de viver o cotidiano, o normal, “o rotineiro”. Há uma sede pela novidade, pelo diferente... Aquilo que é do dia a dia já não encanta tanto. No início vai bem, mas aos poucos o que era atrativo vai perdendo sua força e é preciso encontrar “algo novo” que motive... Até para nós hoje, já com uma caminhada de vocação, a rotina tem sido problema. Isso é perigoso porque, quando não há novidade, a vida vai perdendo o seu brilho! Na Formação, é preciso ajudar a criar uma rotina, uma estabilidade saudável. E nós sabemos que a Vida Consagrada se faz também com o cotidiano. É pela repetição que se formam os hábitos... Aqui, a “rotina” tem um papel fundamental.

Outra questão é a formação intelectual dos nossos formandos que está cada vez mais distante da cultura, do estudo. E, nesse caso, a Formação deve estimular para um desenvolvimento cultural mais amplo. É claro que para eles é difícil... vai haver relutância, reclamação. Mas, quem estabelece os critérios? Aliás, quais são mesmo os critérios? Não podemos nivelar por baixo, mas estimular para que haja um crescimento.

A caminhada formativa precisa também acentuar e valorizar mais o aspecto espiritual. Não se adquire aquilo que não se aprende a gostar. É preciso criar hábitos para um bom desenvolvimento da vida interior, para desenvolver uma vida de oração, e não de reza. Quantos de nós somos mulheres e homens de verdadeira vida de oração? Precisamos de momentos em que nos pomos diante do Senhor, em silêncio, sem nada, despojados, e, no silêncio, me escuto. E quando nos escutamos, quem está na nossa profundidade é Deus. Mas se não fazemos isso, em que hora Ele irá nos falar? Nós temos dificuldade de vida interior!

Certa vez, perguntaram ao Dalai-Lama o que é espiritualidade. Ele disse que era aquilo que causava nele uma mudança. A pessoa continuou questionando: praticar a religião é espiritualidade? Ele

respondeu: “Pode até ser, mas um cobertor que não aquece, deixou de ser cobertor”. Uma espiritualidade que não me transforma não é espiritualidade.

No ambiente formativo, seria bom também proporcionar ocasião para que as qualidades pessoais pudessem ser desenvolvidas e não castradas. E aqui é preciso coragem para incentivar os talentos... Pois, muitas vezes, nós sufocamos muitos talentos.

A Formação tem como destinatários os jovens do hoje. Assim, a capacidade de se comunicar com os jovens de hoje, não os jovens de ontem, é um ponto fundamental. É preciso compreender a cultura que eles trazem, mesmo que nos seja difícil. Mas, eles buscam autenticidade e radicalidade e têm a expectativa de encontrar uma realidade diferente daquela que eles têm vivido, a exigência de ideias encarnadas. Tudo isto são desafios à nossa capacidade de dar a eles repostas credíveis e significativas.

As propostas formativas de hoje parecem um tanto frágeis. Não podemos atribuir tudo à situação atual da juventude e do mundo. O problema de fundo da Formação está também em nós. Quem sabe estamos oferecendo um acompanhamento com conteúdos fracos e com uma práxis muito indulgente para não perder o jovem? Um acompanhamento que tende mais a confirmar, a segurar, do que a promover, preocupado mais em não incomodar do que em estimular. Dosar a exigência ao longo de um caminho pedagógico não significa fazer barganha. A falta de firmeza para indicar as regras do jogo ou as fronteiras evangélicas do caminho cria uma ambiguidade, cria desilusões, e as vítimas serão os jovens.

O único fundamento seguro da perseverança em uma vida consagrada significativa e fecunda é a solidez da fé. Daí a importância de uma verdadeira experiência de fé, de vida de oração, ao longo de um itinerário visível e estável, feito de etapas e propostas concretas. Entra aqui também a formação ao discernimento, entendido como capacidade de ler os sinais de Deus na própria vida e na vida dos outros. Qual a proposta de fé para cada etapa? É preciso que a Província tenha seu itinerário formativo. Precisamos assumir uma nova perspectiva para a Formação hoje, ou não iremos caminhar para lugar nenhum.

O DESAFIO DA MISSIONARIEDADE DA COMPANHIA FRENTE À DIMINUIÇÃO DE Vocações, EM ESPECIAL NO BRASIL. QUE CAMINHOS PODEMOS SEGUIR?

Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Neste atual momento, as Congregações, também as Filhas da Caridade, veem suas forças humanas diminuídas e sua missão religiosa comprometida. Tentaremos aqui, sem nos prendermos às situações particulares e espinhosas da questão, compreender essa realidade e apresentar elementos para discerni-la e, finalmente, pensar alternativas e pistas, coerentes com o ideal evangélico da Vida Consagrada e da Companhia. Tarefa extremamente difícil, acolher as inspirações do Espírito e ativar conversões, forças, trabalhos necessários.

I - Diminuição e crise das Vocações na Vida Consagrada

1. A redução da Vida Consagrada nos anos pós-conciliares

Na Vida Consagrada, vivemos uma época de crise e de incerteza, *“marcada pela diminuição das vocações, pelo envelhecimento, pela anemia evangélica, pela falta de projetos, pela irrelevância social, pela fragmentação da identidade carismática”*¹³. A experiência de redução, tanto a nível pessoal como institucional, tem-se centrado em três continentes, com variações significativas: - 22 % na Europa; - 21% na Oceania e -17% na América¹⁴. Nos últimos 50 anos após o Concílio Vaticano II, se constata¹⁵:

- No encerramento do Concílio Vaticano II em 1965, os membros dos institutos masculinos eram 329.799, as mulheres chegavam quase a um milhão (961.264). De 1965 a 2015, houve, nos institutos

¹³ Estevão Rasquetti, Tarefas que apontam para um novo modelo de vida religiosa consagrada missionária hoje, disponível em <https://combonianum.org/2017/01/23/fp-p22017-um-novo-modelo-de-vida-religiosa-consagrada-missionaria-hoje/> - acessado em 3 de julho de 2019.

¹⁴ Os dados abaixo foram publicados pelo Anuário Pontifício 2013, relacionando os dados de 1959 e 2012.

¹⁵ Cf. Os números da vida religiosa 50 anos depois do Concílio: a crise ainda não passou, disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/560486-os-numeros-da-vida-religiosa-50-anos-depois-do-concilio-a-crise-ainda-nao-passou> - acessado em 10 de dezembro de 2019.

masculinos, uma redução de 39,58% (o número de religiosos caiu de 329.799 para 199.254)¹⁶. A redução nos institutos femininos foi de 44,61% (as religiosas passaram de 961.264 para 532.436)¹⁷.

- É significativo notar que os institutos religiosos e associações de vida apostólica femininos com mais de 1.000 religiosas eram 240 no encerramento do Concílio; hoje se reduziram a 98. Em relação ao cálculo total, são 1.132 as congregações com menos de 500 membros (80%) e 418 com menos de 100 membros (30%).

- A mudança positiva mais significativa pode ser vista no Sudeste Asiático, onde o número de religiosas aumentou de 22,2% em 2010 para 25,4% em 2016, e na África em que a incidência no total mundial chega em 2016 a 11%, contra os 9,2% em 2010.

- Outro elemento importante no decréscimo dos consagrados e consagradas é o abandono da Vida Consagrada. Mons. José Rodríguez Carballo¹⁸, Secretário da Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, informa que, a partir dos dados de cinco anos (2008-2012), um cálculo aproximado, bastante seguro, revela que mais de 3.000 religiosos(as) têm deixado a cada ano a vida consagrada. Neste número não estão incluídos os membros das Sociedades de Vida Apostólica que abandonaram sua consagração, nem os de votos temporais. É difícil saber as causas com exatidão. Não há dados totalmente confiáveis. Pela documentação, se podem assinalar as seguintes causas: ausência de vida espiritual, dificuldades de vida comunitária e problemas afetivos. Afirma o mesmo Secretário que,

¹⁶ Entre os institutos que lideram o ranking de membros em 2015, os Jesuítas se posicionam no primeiro lugar (16.740), embora as suas fileiras se reduziram mais do que pela metade desde 1965 (-53,54%). Em seguida: Salesianos (15.270, -30,72%), Frades Menores (13.632, -49,52%), Frades Capuchinhos (10.598, -33,08%) e Beneditinos confederados (6970, -42,25%).

Entre os poucos que cresceram entre os primeiros 20, encontram-se os Verbitas (6.032, +4,48%) e os Carmelitas da Bem-Aventurada Virgem Maria Imaculada (2.544, +147,47%).

¹⁷ Nas primeiras cinco posições dos institutos femininos mais numerosos: Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo (16.179, -64,08%), Filhas de Maria Auxiliadora (13.057, -30,42%), Carmelitas descalças (10.504, -5,15%), Clarissas franciscanas (7.168, +105,09%), Clarissas (6.686, -33,27%). O grupo que mais cresceu, também por causa da recente canonização e da figura carismática da fundadora, é a das Missionárias da Caridade – Irmãs de Madre Teresa.

¹⁸ Cf. La fragilidad vocacional, ¿cuál es la responsabilidad de las instituciones de la vida consagrada?, disponível em <http://www.aleteia.org/es/religion/documentos/radiografia-de-la-crisis-de-la-vida-religiosa-donde-esta-la-clave-9964001>, acessado no dia 18 de abril de 2018.

as “cifras dos abandonos nos últimos anos prosseguem constantes. Entre 2015 e 2016 tivemos por volta de 2.300 abandonos de religiosos e religiosas por ano”. Uma verdadeira “hemorragia”, segundo expressão do Papa Francisco.

- Uma realidade nova são as “novas formas de vida consagrada”, experiências de vida em comum dentro dos movimentos eclesiais, nascidas há aproximadamente cinquenta anos, a partir do Vaticano II. Têm estruturas leves e pertença múltipla. A grande diferença com relação às congregações é a amplitude dos membros dessas novas comunidades. A partir de um carisma comum, nelas vivem pessoas com diversas vocações específicas; nelas estão padres, diáconos, famílias, leigos e leigas consagrados e celibatários, que, muitas vezes, convivem numa mesma casa e são unidos pelo carisma. Estes grupos estão em processo de grande crescimento (no Brasil são aproximadamente 800)¹⁹.

2. Consequências da diminuição dos membros na Vida Consagrada

Os dados atestam, em geral, a diminuição de membros na Vida Consagrada (clássica e ocidental) e, em particular, da Companhia das Filhas da Caridade²⁰. Disto resulta seu envelhecimento²¹, e perda de sua relevância e de sua força de atração de novas vocações no interior da Igreja. Os dados revelam que as novas vocações que chegam são insuficientes para repor as perdas (mortes e saídas) e que também enfrentam o problema da perseverança.

A experiência de redução se intensifica institucionalmente com a falta de novas vocações, com a diminuição do número, com a

¹⁹ Cf. Novas comunidades, números e desafios, disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/566507-novas-comunidades-numeros-e-desafios>, acessado em 14 de outubro de 2019.

²⁰ De 1965 a 2015, a Companhia das Filhas da Caridade teve uma redução de seus membros na ordem de 64,08%. De 2009 a 2015, Companhia passou de 19.436 irmãs a 16.179; nesse período houve 723 entradas, mas 3.443 irmãs faleceram e 537 deixaram a Companhia (dados de Ir. Evelyne Franc, A Companhia hoje, em Ecos da Companhia, maio/junho, n. 5, 2015, p.143).

²¹ No Brasil, “a maioria das congregações religiosas apresentam um percentual de mais de 50% de seus membros com idade acima de 60 anos, sendo que algumas chegam a alcançar até 80%”. Cf. <https://www.crbrs.org.br/curso-envelhecimento-humano-espiritualidade-e-cuidado/>.

difficuldade de responder aos desafios da missão do carisma, com o avanço da média de idade e o que isso implica: doença, diminuição das forças, inadequação entre as responsabilidades assumidas e a capacidade para levá-las adiante, dificuldade de encontrar pessoas para as tarefas de liderança, a excessiva acumulação de atividades em algumas pessoas. Tudo isso acaba questionando o significado do trabalho e dificultando a vivência de outras dimensões essenciais da Vida Consagrada, como a vida de oração e a vida comunitária.

A redução não é apenas um fenômeno institucional, mas também uma experiência existencial e espiritual, frequentemente associada ao medo, ao sofrimento, ao desespero... que antecipa a sensação de morte, faz vacilar a confiança na vida e, inclusive, a fé em Deus. Para muitos, embora isso não se confesse claramente, o que estamos vivendo é uma desgraça. Sentimos saudade de um passado não muito distante, em que tudo era diferente, a Vida Religiosa aparecia florescente, com resposta vigorosa nos diferentes campos da missão e com alto reconhecimento eclesial e social.

Como essa crise e a diminuição de vocações se manifestam e são recebidas nas Províncias das Filhas da Caridade, no Brasil?

II - Algumas chaves que nos ajudam a compreender a redução da Vida Consagrada no contexto atual

1. Algumas chaves histórico-culturais

1.1. A forte influência do atual cenário sociocultural

No interior deste processo de redução da Vida Consagrada, há a forte influência do atual cenário sociocultural: o chamado fenômeno de ‘mudança de época’²², que acontece especialmente no Ocidente, vai se estendendo rapidamente a outras partes

²² O fenômeno da mudança de época é o resultado de três grandes revoluções: a revolução sociocultural marcada pela chamada pós-modernidade, a revolução econômica que transformou o mundo em um grande mercado e da revolução tecnológica que cria uma visão cibernética do mundo.

do mundo e atinge fortemente as congregações masculinas e femininas de tipo ocidental-apostólico, e especialmente as congregações femininas típicas do século XIX. Este fenômeno de 'mudança de época' apresenta grandes dinâmicas inovadoras e positivas²³, mas, por outro lado, acentua a cultura do provisório, a busca do prazer como suprema norma moral e a centralidade da pessoa em sua subjetividade, condicionando a compreensão da verdade, relativizando os valores, tornando instáveis as opções e compromissos, etc. Sigmund Bauman²⁴ caracteriza todo esse cenário como modernidade líquida, onde os relacionamentos, costumes e valores mudam rapidamente; a modernidade derreteu os sólidos, tudo se torna temporário e líquido.

Estas mudanças socioculturais produzem grande impacto sobre os sistemas e valores em todos os setores da vida e da sociedade. Por exemplo, a juventude se tornou bastante vulnerável e, na expressão de Bauman, os jovens se tornaram "fugitivos de si mesmos". Na Vida Consagrada, grandes foram e têm sido as consequências para as pessoas e para a vivência da consagração. As congregações, os carismas, as espiritualidades, as estruturas e obras são abalados pela onda avassaladora da cultura globalizada de massa. Há hoje um profundo desgaste da Vida Consagrada clássica, assim resumido por J. B. Libânio²⁵, em 2001: *"o nivelamento canônico dos carismas; o aburguesamento invasivo da vida comunitária com uma distância crescente, entre o teor de vida dos religiosos, do comum das pessoas simples e pobres; a perda da seiva contemplativa em prol de práticas espirituais rotineiras ou de fervores carismáticos exteriores de espiritualismo desencarnado ou mesmo de um ativismo desenfreado meramente secular; o enfraquecimento da concepção de Deus; um dualismo de vida de oração justaposta à atividade apostólica; o peso gigantesco*

²³ Por exemplo, a superação do cristianismo meramente socialológico, a criação de uma nova consciência social, a valorização da diversidade humana-cultural, a criação de novos espaços de comunicação e expressão da liberdade, a superação de mitos e tabus, o surgimento de uma consciência mais dialogal, ecológica e universal, etc.

²⁴ Modernidade Líquida, Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

²⁵ Cf. Impactos da realidade sociocultural e religiosa sobre a Vida Consagrada a partir da América Latina. Busca de respostas, em Paixão por Cristo, paixão pela humanidade. São Paulo, Paulinas/CRB, pp. 206-306, 2001.

das obras à custa da criatividade missionária; o envelhecimento dos membros sem a necessária entrada de novas gerações; a adaptação condescendente às formas de vida da modernidade consumista e hedonista mesmo nos países pobres; o individualismo crescente numa conotação narcisista e virtual”.

No interior destas encruzilhadas vividas pela Vida Consagrada, há uma notável perda da energia carismática. A perda da mística nos consagrados e em seus institutos gera a crise de identidade e abre espaço para o lado sombrio de tantas inconsistências e incoerências pessoais e comunitárias e para perda da fidelidade e perseverança vocacional, consequências dos limites humanos e da forte influência do cenário cultural atual. Estas dificuldades revelam a perda da qualidade e ardor de vida evangélica e remetem para a busca e resgate do essencial da consagração. Diante de todas as renovações pós-conciliares, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA) afirma que podemos interrogar-nos se aquilo que provamos é, de fato, o que demos a beber, vinho novo, encorpado e são. Ou trata-se de, apesar dos esforços e boas intenções, de um vinho aguado para suprir as amargas consequências de uma vindima malfeita e de videiras mal podadas? Faz-se necessário um novo impulso de santidade para os consagrados(as), impensável sem um surto de renovada paixão pelo Evangelho a serviço do Reino²⁶.

1.2. Crise da identidade histórica e o esvaziamento de um modelo histórico

No conjunto das mudanças e desafios, há o enfraquecimento da Vida Consagrada e de sua atuação. Alguns problemas foram se tornando cada vez mais complexos e paralisantes para a Vida Consagrada e suas instituições. Por vezes, parece que a Vida Consagrada está quase completamente debruçada sobre a gestão do dia a dia ou sobre um exercício de sobrevivência. A

²⁶ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. Para Vinho novo, adões novos – a Vida Consagrada deste o Concílio Vaticano II e os desafios ainda em aberto. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 25.27.

gestão contínua das emergências cada vez maiores consome muitas energias, corre-se o risco de ser absorvida pela busca de resolução dos problemas, em vez de buscar caminhos para seu impulso profético. Devemos reconhecer honestamente que o velho esquema institucional tem dificuldade de dar passagem ao novo. É necessário olhar de frente, com realismo, as novas situações em que a Vida Consagrada é chamada a avaliar-se e a encarnar²⁷.

A história das instituições religiosas mostra que uma vocação ou carisma se vive nas condições reais da história por pessoas que em sua liberdade o acolhem. Com o passar do tempo, a vivência de um carisma pede instituição, para não cair na dispersão, para ganhar consistência e solidez. A sequência carisma-solidez-instituição é a lógica da formação das instituições, que estabelecem regras, estruturas e práticas para preservar o carisma. No entanto, o desgaste da instituição diante das mudanças e novas exigências históricas pode enfraquecer ou mesmo perder a vitalidade do carisma. Portanto, é necessário voltar às fontes, assumindo uma nova lógica: instituição- crise-carisma. Este caminho de volta às origens permite que indivíduos e comunidades possam se refazer a partir da vitalidade do carisma, superar a rotina e introduzir na história a novidade da herança carismática recebida do fundador²⁸.

Sob o aspecto sociológico, é importante ter claro que o processo de concretização de um ideal religioso acontece na interação do ideal com os apelos e condições concretas da história. Este ideal evangélico se torna realidade histórica e concreta na vida de pessoas e grupos e assume uma configuração histórica, como resultado da convergência de vários fatores históricos, doutrinários, culturais e sociais, que lhe dão corpo e plausibilidade social. A identidade histórica da Vida Consagrada se realiza dentro da grandeza e dos limites de uma figura histórica, de um modelo histórico, que está sempre se construindo a partir do contínuo confronto entre o ideal evangélico e os apelos históricos²⁹.

²⁷ Cf. Ibid., p. 23-24.

²⁸ Cf. Max Weber, *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*, Lisboa, Presença, 1996, pp. 11.

A busca de configuração com Cristo e seu projeto se encarna dentro de uma figura histórica, dentro de um modelo histórico que tem alma (um conteúdo, um princípio articulador que lhe dá sentido) e corpo (expressões e formas que dão uma configuração externa, prática e institucional). Na contínua interação entre o ideal evangélico e os apelos históricos, uma figura histórica, concreta e específica de cada grupo (ordem, congregação, instituto) possui em geral quatro dimensões que estão intimamente interligadas e interagindo entre si:

a) *Dimensão teórico ou doutrinal*: conjunto de doutrinas, ideias, convicções que sustentam, dão sentido e orientam o ser e agir do grupo.

b) *Dimensão sociológica*: o lugar e o papel que o grupo possui e desenvolve na sociedade, em particular, na Igreja. Como corpo social, o grupo necessita sentir-se situado no tecido social e eclesial e desenvolver um papel, uma função, o torna agente efetivo de ação na sociedade.

c) *Dimensão psíquico-religiosa*: o modo afetivo, emocional e vivencial de como os membros, individual e coletivamente, experimentam e vivenciam sua pertença e vida no grupo. Este conjunto de sentimentos, emoções e vivências deve criar uma autoestima realizadora, para que o grupo viva e se desenvolva com sentido, alegria e entusiasmo.

d) *Dimensão institucional*: as formas e expressões institucionais que o grupo desenvolve para viver e realizar seus objetivos e proporcionar-lhes uma operacionalidade eficaz.

Comas profundasmudançassocioculturais ocorridas nos últimos tempos, acontece um enfraquecimento da figura histórica da Vida Consagrada, que provoca o desencanto com sua proposta de vida,

²⁹ "A identidade da Vida Consagrada não é uma realidade dada para sempre. Está em devir, em construir-se. E isso se faz em relação aos diferentes da realidade histórica que surgem. O oposto da construção e devir da identidade é a estabilidade, a imutabilidade, a mesmice.... Qualquer acomodação que se fizer à custa da identidade será sua morte. A identidade não existe como algo fixo, definido uma vez para sempre. A rigidez da identidade aponta para a morte. A acomodação é mortal, porque já não se sabe o que se é.... Só há identidade em íntima relação com os diferentes e em permanente transformação..." J. B. Libânio. A Identidade da Vida Consagrada e o contexto atual, em *Convergência*, 367 [2003] p. 536.

a incapacidade de atração de novos membros, o enfraquecimento de sua atuação e a estagnação da instituição³⁰. Então, faz-se necessário construir nova figura histórica, revitalizando-a no modo de experimentar o absoluto de Deus e seu projeto, discernindo as interpelações de Deus na realidade concreta e buscando respostas e caminhos apropriados e significativos para viver o ideal da consagração.

2. Algumas chaves teológicas

2.1. A crise (redução) das vocações como um kairós, um lugar teológico³¹.

A antropologia bíblica e a espiritualidade cristã salientam a importância das experiências do sofrimento na maturação da fé e da missão. Nesta perspectiva, é possível ler a circunstância atual como um Kairós, um tempo privilegiado para perceber a ação criadora e salvadora de Deus na história e para viver mais radicalmente o seguimento de Jesus. Porém, isso não significa que seja fácil e seu fruto espiritual seja evidente.

Este processo doloroso de redução pode nos permitir viver nossa realidade como uma experiência de graça. A redução é uma realidade que se impõe, é possível vivê-la de maneiras distintas: com uma sensação de fracasso, de desesperança, de fuga, de negação da crise ou de uma busca de defesa no “salve-se quem puder”. Mas, também, é possível acolher a realidade como um sinal dos tempos, um sinal de Deus, um lugar teológico onde o Senhor nos espera, nos chama e nos confia a missão, com uma novidade que nunca haveríamos imaginado. Se acreditamos que

³⁰ Cf. Raimundo Barros. As Organizações Religiosas e o desafio das estruturas mais ágeis e leves, em *Convergência*, 454 (2012), p. 543-556. O autor apresenta os seguintes critérios para verificar se a organização se encontra em estágio de estagnação: as oportunidades de mudança e criatividade são vistas como problemas; o contábil, o financeiro e o jurídico têm grande força na política da organização; as atividades-meio têm um peso maior que as atividades que justificam a existência da organização; a rigidez das estruturas e a grande dificuldade para mudar, o baixo engajamento afetivo e a pouca satisfação dos membros no exercício das atividades.

³¹ Cf. Maria Isabel A. Mendilbar. A redução, tempo de graça para viver na fé, em *UISG - Boletín*, Número 154 - 2014, p. 16, disponível em http://internationalunionsuperiorsgeneral.org/wp-content/uploads/2016/01/Bol1154_por.pdf, acessado no dia 21 de outubro de 2019.

Deus trabalha sempre e se revela a partir da realidade, então, neste momento, Deus também emerge, apresenta um sinal dos tempos, atua e nos chama ao trabalho e nos revela seu amor e sua vontade.

O contexto atual não é só uma dificuldade, mas também é um lugar teológico. Podemos perceber toda a graça que inclui este tempo de redução, de declínio, se lido e recebido na fé. É evidente que hoje precisamos apegar-nos à fé com força. A situação que estamos vivendo nos está “forçando”, não apenas a “ter fé”, mas a “viver da fé” e colocar-se num processo de conversão contínua, e isto é uma graça imensa.

A experiência de redução é um grande desafio para o processo espiritual, pessoal e comunitário. O crescimento espiritual requer assumir ativamente a realidade como ela é. A pergunta que nos colocamos é: o que pode nos sustentar hoje? Em que apoiar a nossa confiança? O que Deus quer nos dizer com esta dificuldade? Sabemos que a confiança se baseia na relação interpessoal e no amor. Só confiamos em quem conhecemos e só confiamos em quem sabemos que nos quer bem.

Quando chega a perda, o sofrimento, a noite, só uma relação de amor pessoal pode nos sustentar e ir além da razão ou do que podemos controlar. Sem uma experiência de fé, não é possível viver, como uma graça e oportunidade de conversão, a experiência de redução que normalmente traz consigo o avançar da idade e a diminuição dos quadros de pessoal. E, sem esta experiência pessoal, também não há um serviço de liderança, de acompanhamento e de pastoral vocacional que conte com a sabedoria necessária para poder discernir os caminhos do Senhor na atual situação da Vida Consagrada.

A fé é a experiência fundante que sustenta a Vida Consagrada e é a fonte permanente de sua revitalização, dentro deste contexto que, muito provavelmente, vai se agravar nos próximos anos.

Nossa vocação mais profunda, nosso desafio é o de nos voltarmos, permanentemente, ao Senhor Jesus, que morreu e ressuscitou. A relação com o Senhor, dentro de uma experiência

pascal, é a pérola preciosa que, hoje, devemos cuidar. O tempo sombrio de nuvens escuras que percebemos no horizonte só pode ser vivido com sentido, e com sentido de missão e de esperança, a partir da experiência fundante de uma história pessoal de relação afetiva com o Senhor, morto e ressuscitado, que nos envia seu Espírito que faz novas todas as coisas.

2.2. A crise como momento oportuno para aprofundar o sentido teológico da missão

Para a Vida Consagrada Apostólica, a missão constitui-se o eixo central em torno do qual giram os demais elementos que compõem a consagração: oração, vida comunitária, organização institucional, preparação profissional...

A palavra *missão* significa *envio*, mas, frequentemente, enfatizamos nossa resposta ao envio e não tanto o envio em si mesmo. Parece uma diferença sutil, porém pode ser determinante no processo espiritual de maturação teológica da missão. Se colocamos a ênfase na nossa resposta a Deus, podemos definir a missão como um conjunto de atividades que desenvolvemos em favor dos outros seguindo o “carisma congregacional”. E, a partir daí, identificamos a missão com a realização de “atividades apostólicas”.

Se Jesus tivesse identificado sua missão com um projeto de obras – implantar o Reino pela realização das obras messiânicas – teria terminado num fracasso total. Jesus nunca traduz a vontade do Pai em obras ou realizações concretas e exitosas, mas vive à escuta do que Ele deseja. Sua missão consiste em comunicar a vida em abundância, sempre em obediência ao Pai; a sua paixão e morte são a expressão culminante de sua obediência filial e, por ela, a realização plena de sua missão. Finalmente, através de Jesus, o Pai pôde levar até o final a sua obra de salvação, e a Ressurreição será a revelação do Reino em sua plenitude. Jesus viveu sempre identificado com a vontade do Pai e na disponibilidade absoluta a Ele.

E mais ainda, não é a Igreja que ‘tem’ uma missão, mas ao contrário, a missão que tem uma Igreja: Deus realiza sua missão através da ação de seu Espírito, chamando a Igreja a participar. Eis a mudança de paradigma: a Igreja deixa de ser “missionante” (aquela que envia) para tornar-se “missionária” (enviada), não mais como “dona”, mas como humilde “serva” da missão. Desta maneira, participando da missão de Deus, ao ser enviada aos povos, ela participa da vida de Deus, que é vida plena, vida eterna.

Esses fundamentos têm desdobramentos imediatos para a Vida Religiosa Consagrada (VRC), pois “a contribuição específica de consagrados e consagradas para a evangelização consiste, primeiramente, no testemunho de uma vida totalmente doada a Deus e aos irmãos” (VC 76). Compreender a missão não como atividade ou necessidade histórica, mas como essência gratuita de Deus Amor, é o primeiro passo para uma profunda renovação da VRC. Trata-se de deslocar a missão da afirmação da pessoa ou da instituição e situá-la na continuidade da práxis de Jesus, de proximidade aos outros e aos pobres, para comunicar vida em termos de humanidade, compaixão, fraternidade sem fronteiras.

Aplicando essa compreensão da missão à Vida Consagrada, Ir. Marian Ambrósio³², ex-presidenta da CRB, chama a atenção para duas questões, que são verdadeiros divisores de água. Primeiro, corremos gravemente o risco de igualar as Congregações Religiosas com a Vida Consagrada. Estas duas realidades não são sinônimas. Uma Congregação Religiosa pode ser comparada ao frágil vaso de argila, que encontra seu sentido em acolher e em manifestar a beleza, o tesouro ou o sagrado. O tesouro sagrado e belo, manifestado ao mundo a partir da intuição fundacional de nossas origens como Congregações, a este sim, podemos chamar de Vida Religiosa Consagrada.

Ir. Marian Ambrósio³³ diz: *“é muito comum confundir os desafios que se apresentam às Congregações Religiosas com os desafios que*

³² Cf. A Vida Religiosa no contexto atual, desafios e perspectivas, p. 5, disponível em www.estef.edu.br/pessoais/arquivos/ESTEF_PESSOAL, acessado em 19 de outubro de 2019.

³³ Id., p. 6.

se apresentam à Vida Religiosa Consagrada. Facilmente chegamos a pensar que é de nossa responsabilidade mesma, a continuidade da Vida Religiosa Consagrada no mundo, como sabemos que é de nossa responsabilidade a continuidade ou não de nossas Congregações no mundo. É também comum convivermos com um negativo sentimento de culpa, resultante de nossa esterilidade institucional ao motivar vocações para lhe dar continuidade... Enquanto procuramos vocações para nossos compromissos institucionais, Deus - o único autor e o primeiro protagonista da vocação - busca pessoas para seu Reino! É quase uma afronta ao Deus de nossa vocação, interpretarmos o desaparecimento de Províncias e Congregações, como sinal de morte da Vida Religiosa Consagrada. Esta - a Vida Religiosa Consagrada - está viva, inquieta, sim, porque confrontada com tempos que obrigam a uma profunda conversão... mas viva, atual e significativa”.

Segunda questão: Se a missão não consiste em fazer ou manter obras, se a missão é estar na abertura aos apelos de Deus na história, o desenvolvimento missionário das Congregações vive um momento dramático de escolha fundamental entre a administração das penúrias do momento presente e a preparação e busca de renovação, em vista das alegrias de um fecundo e promissor futuro para a Vida Consagrada. *“Realizar, com eficácia, as duas coisas ao mesmo tempo, é muito difícil. A “casa segura” (hábito, práticas e costumes, tipo de apostolado, lugar geográfico e eclesial, etc.) que habitamos até agora, não nos confere mais legitimidade. Reconhecemos nossa identidade - com nitidez absoluta - a partir de fontes carismáticas, que transcendem de longe, ao modelo institucional que teima em perpetuar-se. Muitas de nós, desencantadas e sem segurança dentro da própria Instituição, sentimo-nos como expulsas de nossa própria casa, em cuja construção gastamos os “melhores anos e as melhores energias”. Fomos aplaudidas e valorizadas por tantos anos e por tantas pessoas, estivemos no foco das atenções por demasiado tempo, principalmente no campo sociocultural da sociedade do final do milênio que nos aposentou. É difícil admitir que hoje “estamos de*

sobra”, em palcos que ocupamos por muito tempo, como donas da verdade”.

Irmã Marian Ambrósio, corajosamente, continua: “Não somos mais a força filantrópica de tempos idos. Algumas de nós nos sentimos tão supérfluas perante as novas frentes de ação filantrópica das ONGs de hoje... Eis porque falamos das penúrias que precisamos administrar no momento presente... Porque os trabalhos, as atividades, o envelhecimento, a falta de vocações... continuam a nos ocupar. Mesmo reconhecendo que o modelo descrito já não nos serve mais, ele [o modelo] rouba nossas melhores lideranças e as melhores horas de nossos dias. Mais: sem sombra de dúvida, rouba vocações dentre nossas irmãs e irmãos. [...]. Preparar o futuro de uma Congregação a partir da vida exige estratégias completamente renovadas, mas, acima de tudo, pessoas renovadas, capacitadas... E estas pessoas devem abandonar os lugares e os tempos que são ocupados em administrar as penúrias do momento presente. A superação deste desafio exige itinerância, perda de bens materiais, morte a projetos apostólicos seculares, generosidade e gratuidade absolutas”.

A missão recebida pelo batismo e radicalizada na consagração dentro de um carisma específico é maior, mais ampla que a missão institucional de uma congregação. A vocação a uma missão carismática é dom do Espírito que não se esgota dentro de uma instituição e de suas obras instituídas. Da mesma forma, o empenho missionário dos consagrados não pode se restringir ao administrar as penúrias de pessoal nas obras.

A consciência de estar realizando uma missão, de serviço à vida, para além das fragilidades de nossas Congregações, traz um sentido novo para a missão neste contexto e ajuda, também, a lidar com as decisões que precisam ser tomadas ou que nos são impostas pela realidade. É possível, portanto, que Deus, que, em séculos passados, suscitou tantas Congregações para responder às necessidades daquele tempo, “precise” de nós, neste contexto atual, de modo diferente, com um testemunho vivido dentro de novas expressões.

2.3. A redução como oportunidade para aprofundar o núcleo identitário da consagração

Paradoxalmente, essa época de diminuição das vocações pode ser uma excelente oportunidade que Deus nos dá para aprofundar o constitutivo da consagração e repropor o projeto originário da Vida Consagrada a partir de nossas fragilidades. Esta, na Igreja e na sociedade, constituiu-se uma realidade sociológica forte. Dentro de um contexto de cristandade, muitos motivos culturais e históricos estiveram presentes em seu crescimento, ela se fez autorreferencial e, muitas vezes, desprovida de sua vitalidade evangélica.

No Evangelho de Marcos 3,13-14, três elementos revelam o núcleo da identidade da vida consagrada: a experiência da chamada gratuita, a descoberta de ser chamado para estar em comunidade com Jesus e o ser enviado em missão. A experiência fundante e da visibilidade evangélica da Vida Consagrada dá-se ao redor de três aspectos essenciais: experiência de Deus, vida fraterna e missão. Entre esses aspectos há uma complementaridade e uma unidade circular, e sua desarticulação *“é uma das expressões mais evidentes dessa situação fragmentada da Vida Consagrada apostólica”*³⁴.

É preciso estar atento e não cair no equívoco de interpretar de maneira linear essa unidade, o que causaria a própria fragmentação do conjunto. Em outras palavras, não haveria antes uma experiência de Deus (identidade), partilhada e alimentada em um contexto fraterno (comunidade), para depois – eventualmente (!) – ser estendida ao mundo (missão). Pelo contrário, a missão alimenta a experiência de Deus e estrutura a comunidade, assim como a comunidade qualifica a missão e a experiência de Deus, sem antes e sem depois. Os três aspectos que constituem o projeto original da VRC apostólica se implicam e se complementam mutuamente. A falta de unidade entre estes três elementos causa a ruptura entre “ser” e “fazer”.

³⁴ Cf. Estevão Rasquiotti, op. cit., p. 4.

Os tempos de hoje, de crise vocacional, são tempos de purificação e de retomada do essencial. É fundamental não sucumbir à mediocridade e ao descompromisso, como também à tentação de voltar ao passado, pois esse passado não existe mais. *“O encontro com o Senhor nos coloca em movimento e nos impulsiona para fora da autorreferencialidade”*³⁵. A consagração é a adesão generosa a um chamado que implica um envio. É o resultado de uma experiência profunda de viver exclusivamente para Deus, de seguir a Cristo como o centro da vida. Assim, o núcleo da vida consagrada é a pessoa de Jesus e as consagradas/os assumem esta escolha de vida com amor, fé e profecia.

A partir deste núcleo da consagração, podemos compreender melhor a crise vocacional. A falta de atratividade da vida consagrada tem duas razões opostas.

Em primeiro lugar, a vida consagrada é realmente um sinal de contradição, uma realidade de fé, um dom para aqueles que vivem no mundo sem ser do mundo. A vida consagrada é uma vocação específica, não é para todos. *“Vida Consagrada a Deus é uma loucura de Deus para confundir o mundo”*³⁶. É uma proposta de vida contracultural, as pessoas consagradas não podem ter medo de ser quem são e de amar o que fazem.

Em segundo lugar, a vida consagrada é mística e profecia, vividas nas condições reais da história por pessoas que acolhem livremente e dentro de suas fragilidades. Para que as limitações e inconsistências humanas não a tornem autorreferencial e desprovida de sua vitalidade evangélica, é necessário articular o discipulado e a missão. Discipulado e missão não são dois momentos distintos. Ao subir o monte, Jesus constituiu o grupo dos doze para *“ficar com Ele”* e *“ser enviados a pregar”* (cf. Mc 3,13-14). Mas esse *“ficar com Ele”* significa *“viver em comunhão com Ele”* (cf. DAp 154) assumindo sua causa, partilhando em tudo o seu destino.

³⁵ Carta Apostólica a todos os Consagrados por ocasião do ano da Vida Consagrada (21 de novembro de 2014).

³⁶ Tema de um seminário promovido pela Conferência dos Religiosos do Brasil, em Itaici, de 23 a 27 fevereiro de 2012.

O discipulado jamais é fim em si mesmo: se constitui sempre em ordem à missão. Disto resulta que a consagração deve ser uma expressão de mística e profecia.

Que lhes parecem essas chaves? Elas ajudam no esforço de compreensão da crise vocacional? Outros elementos para discernir esta questão?

III - A Missionariedade vicentina da Companhia em tempos de redução vocacional

1. A vocação missionária da Companhia

“Deus chamou e reuniu as Filhas da Caridade para honrar Nosso Senhor Jesus Cristo como manancial e modelo de toda caridade, contemplando-o e servindo-o na pessoa de seus irmãos os pobres.” [C.1]. Deus as chamou e as reuniu para uma missão. Esta dá um sentido, um movimento à vida da Filha da Caridade, sua vocação, seu “viver juntas”, seus votos. São Vicente quis uma vida religiosa apostólica. As Filhas da Caridade diferem de outras Congregações religiosas da época porque se dispõem a ir ao encontro dos pobres, visitá-los em suas casas e, portanto, devem manter a mobilidade e disponibilidade necessárias e viver entre as pessoas nas quais encontram Cristo e a Ele servem.

Tudo, a vida espiritual, o estilo de vida, a maneira de viver os votos, a formação, tudo está submetido à missão. O serviço aos pobres, a ação, longe de serem perigos e obstáculos, devem alimentar a oração, a vida comunitária. A vida consagrada está orientada à missão. Na intenção de São Vicente, há uma reorientação da vida consagrada. Passa-se da ideia de separação à ideia de participação, da superação ou fuga do mundo se passa à inserção no mundo, o mundo dos pobres mais abandonados.

São Vicente mudou o lugar da vida consagrada. Do claustro passou à rua, ao quarto do enfermo, às salas dos hospitais... *“por mosteiro, a casa dos doentes; por cela, um quarto de aluguel; por capela, a igreja paroquial; por claustro, as ruas da cidade; por*

clausura, a obediência; por grades, o temor de Deus; por véu, santa modéstia... e uma contínua confiança na divina Providência...”

Com um novo lugar, as primeiras Filhas da Caridade, em sua história, cuidavam dos pobres doentes em suas casas. Depois, cuidaram deles nos hospitais, cuidaram da educação das meninas nas escolas, das crianças expostas. Finalmente, elas também serviram os pobres nas galeras, os soldados feridos, os idosos, os doentes mentais, os marginalizados; elas foram a todos os lugares e a todas as pessoas necessitadas de seus cuidados.

São Vicente deu um novo rosto à vida consagrada, um rosto secular. Este é o sentido da secularidade, que não é secularização. As monjas têm como ofício o louvor de Deus, e servem os pobres que as procuram, em seus conventos e mosteiros. As Filhas da Caridade têm a caridade como seu claustro, seu ofício é servir a Deus nos pobres. Elas vão aos pobres, vivem próximas a eles e a suas condições de vida. Uma vez que são para os pobres, devem prestar atenção à vida, aos pobres em sua situação concreta de vida e trabalho. A partir da proximidade com a realidade, os pobres são seus senhores e mestres, elas devem ser generosas, criativas e ousadas.

Servir os pobres em Jesus Cristo, esta é a missão da Filha da Caridade. Este compromisso com os pobres é a continuação da missão de Cristo. A Filha da Caridade não se ocupa do pobre, como um objeto ou simples pessoa, mas o vê e o serve como Jesus Cristo serviu. A fé lhe permite “virar a medalha” e vê-lo como irmão, como presença de Cristo. Aqui, a caridade missionária de Cristo, a mística da Filha da Caridade. *“A caridade vicentina é cristocêntrica: sai de Jesus Cristo pelo fato de sua consagração e volta a Cristo através de seu serviço”*³⁷. “Ir aos pobres” e “por todas as partes” para neles servir a Jesus Cristo, aqui a vitalidade da vocação missionária da Filha da Caridade. A Filha da Caridade leva em si mesma sua clausura e suas grades.

³⁷ Joseph Lamet, *La Misión de la Caridad*, 1975, disponível em <http://vincentians.com/es/la-mision-de-la-hija-de-la-caridad/>, acessado em 2 de outubro de 2019.

A vitalidade da Companhia não está, pois, em suas obras ou instituições, mas nas pessoas em missão junto aos pobres. Disto resulta que a Companhia e cada um seus membros existem para a missão e devem cultivar a abertura, a mobilidade, a flexibilidade, a criatividade para acolher os apelos dos pobres. Foi este espírito missionário que se desenvolveu desde o início e levou as Filhas da Caridade a irem mais longe. A caridade de Cristo Crucificado as impele a servir com prontidão aos que necessitam.

Este movimento em direção aos pobres ultrapassou fronteiras. A Polônia foi a primeira etapa internacional da Companhia. Atualmente, estão espalhadas por todo o mundo. O envio missionário das Irmãs para o mundo inteiro, a Missão *Ad Gentes*, está no centro da vocação das Filhas da Caridade. A Companhia, por força de sua vocação profética e altamente relevante para o momento histórico da Igreja, cresceu muito, tornou-se a maior Congregação feminina na Igreja. Certamente, longe do que podia imaginar São Vicente e Santa Luísa, a Companhia teve que se institucionalizar; abriu uma grande quantidade de obras nas áreas da saúde, educação e assistência social, para o atendimento de diversos tipos de pobreza, exercendo uma notável função no interior da Igreja e da sociedade; criou um conjunto de práticas e atitudes que encantaram milhares de jovens... Tudo isso na busca de resposta aos apelos dos pobres, ao longo de mais de três séculos.

Olhando hoje a realidade da Companhia no Brasil, quais são os principais traços de seu rosto missionário e de seu lugar na missão da Igreja?

2. Interrogações e perspectivas para o futuro vocacional e missionário da Companhia

A grande profetiza da Companhia no século passado, Ir. Suzanne Guillemin, dizia às suas Irmãs: *“O lugar de sua vida religiosa é o mundo, e nós vivemos sua evolução do mesmo modo como qualquer outra pessoa”*. Isto exige mudanças necessárias em nossa mentalidade e vida, que ela expressava do seguinte modo: *“A religiosa se vê impelida a passar: de uma posição de posse a uma*

posição de inserção; de uma posição de autoridade a uma posição de colaboração; de um complexo de superioridade religiosa a um sentido de fraternidade; de um complexo de inferioridade humana a uma participação na vida; de uma preocupação de conversão moral a uma preocupação missionária”³⁸.

Hoje, nos passos da intuição profética de Mère Guillemin, precisamos tomar consciência do mundo em que vivemos e encaminhar as mudanças necessárias. O contexto hodierno da missão não é mais aquele dos Fundadores ou, nem aquele dos arquétipos de nossa imaginação, nem o destemido de épocas relativamente recentes. Hoje, passamos de uma vida de cristandade a um mundo de secularização. A mudança de época constitui um grande desafio para encarnar a vocação missionária da Filha da Caridade e enfrentar a redução de seus quadros.

Em tempos de mudanças profundas e complexas exigências, não há receitas prontas, mas tarefas ou perspectivas que apontam para novas atitudes e buscas para revitalizar a Vida Consagrada missionária e enfrentar a redução vocacional. No fundo de tudo, há a necessidade de definir o núcleo vocacional identitário da Vida Religiosa Consagrada, buscando responder à questão do lugar da missão: sentimos a urgência de fazer a passagem da compreensão de lugar social-eclesial para a experiência do lugar-teológico simbólico da Vida Religiosa Consagrada. Arrisco aqui algumas interrogações e perspectivas, no sentido de discernir um projeto missionário vicentino, que talvez seja capaz de entusiasmar as pessoas e despertar novas adesões à missão das Filhas da Caridade:

2.1. Voltar “às fontes” e não cair no fundamentalismo do passado

Em tempos de turbulências que geram insegurança, redução vocacional e medo, muitas congregações vivem a tentação (ou mesmo fazem uma opção) de refugiar-se nas velhas seguranças do passado. Enclausuram-se no castelo, fogem do mundo e respondem a esta situação com a submissão e retorno às tradições. Em

³⁸ Apud Id., p. 5.

oposição aos relativismos, turbulências e liquidez do pensamento e da vida atual, muitos retornam às seguranças dogmáticas, morais e institucionais do passado. Retomam sinais exteriores, ideias e comportamentos típicos de uma tradição que desconhece os desafios do presente e impõe uma prática de ortodoxia autoritária, fundamentalista, sem criatividade e que oculta os problemas reais³⁹. Subestimam a ação do Espírito que renova a face da terra, acreditam ainda estarmos vivendo um tempo de cristandade, onde ainda existe o chamado “substrato católico” de uma cultura rural estática.

Não se refugiar no passado, mas “voltar às fontes”, o que significa não perder de vista o espírito e o carisma da experiência originária, jamais esgotados por qualquer mediação histórica. Já “voltar ao fundamento”, é agarrar-se à determinada configuração da tradição, absolutizando as mediações em relação aos fins e gerando fundamentalismos. Um novo paradigma de revisitar o passado como memória permite re-situar-nos no presente; retornar à intuição inicial que nos remete aos nossos fundadores/as e nos impele a superar os imobilismos pessoais ou estruturais e a lançar-nos novamente.

Revisitar as fontes, ir ao encontro da experiência originária de São Vicente e Santa Luísa, coloca perguntas inquietantes: As Filhas da Caridade têm hoje o rosto e lugar desejados pelos Fundadores? Sua missão não se cristalizou demasiadamente nas obras? As experiências acumuladas ao longo de sua história não lhes tiraram seu pioneirismo e ousadia junto aos pobres? A fonte vicentina remete para a proximidade solidária e criativa com os empobrecidos(as), crucificados pelo sistema excludente do mercado global, leva ao encontro com Jesus, o Verbo encarnado. Assumir o mistério da encarnação (tão querido pelos fundadores) é profecia atual, porque não nos permite ver com indiferença os corpos que são transformados no lixo humano do sistema de

³⁹ Vejam os problemas e escândalos presentes em grupos fundamentalistas, hoje na Igreja: Pe. Fernando Karadima e sua Pia União Sacerdotal, escândalos de pedofilia no Chile; os Legionários de Cristo, e os escândalos de seu fundador; os escândalos do Pe. Roberto e a Toca de Assis; as graves acusações e suspeitas em torno dos Arautos do Evangelho, etc.

mercado; pelo contrário, nos provoca e convoca a adentrar para o âmago da história numa encarnação vivida nas fronteiras das causas humanas, onde os direitos dos pobres, com seus vários rostos, são negados. A Vida Consagrada vicentina é interpelada com eloquência e urgência histórica a permanecer de olhos fixos em Jesus de Nazaré, avivar a dimensão profético-missionária intensificando a opção pelos empobrecidos e fortalecendo o compromisso com as suas grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.

Esta encarnação solidária tem seu preço e não se faz apenas com o impulso do coração, embora este deva ser sempre o mobilizador primeiro de nossa vida e missão de Consagradas(os). Ela requer novos compromissos, decisões corajosas e dolorosas, para avançar na proximidade solidária com os excluídos. Esta encarnação solidária tem seu preço, como teve para Vicente e Luísa, mas é capaz de resgatar o sal evangélico da consagração e é a força verdadeira para entusiasmar e conseguir novas adesões para a missão vicentina.

2.2. Não ceder à psicologia da sobrevivência

Papa Francisco previne a vida religiosa contra a “*tentação da sobrevivência*”⁴⁰. Esta tentação é um mal que pode se instalar pouco a pouco em nosso interior, dentro das nossas comunidades, e pode esterilizar a nossa vida consagrada.

A atitude de sobrevivência torna-nos reacionários, medrosos, vai nos fechando lentamente em nossas casas e em nossos esquemas. Faz-nos olhar para trás, para os feitos gloriosos do passado que, longe de despertar a criatividade profética nascida dos sonhos de nossos fundadores, busca atalhos para fugir dos desafios que hoje batem às nossas portas. A psicologia da sobrevivência tira força aos nossos carismas porque nos leva a domesticá-los, a pô-los “ao alcance da mão”, mas privando-os daquela força

⁴⁰ Cf. Advertência do Papa Tentação da sobrevivência, disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/564586-o-papa-adverte-a-vida-religiosa-para-a-tentacao-da-sobrevivencia>, acessado em 10 de setembro de 2019.

criativa que eles inauguraram; faz-nos querer proteger espaços, edifícios ou estruturas mais que possibilitar novos processos. A tentação da sobrevivência nos faz esquecer a graça, converte-nos em profissionais do sagrado, mas não pais, mães ou irmãos da esperança que fomos chamados a profetizar.

Esse ambiente de sobrevivência seca o coração de nossos anciãos, priva-os da capacidade de sonhar e, desta maneira, esteriliza a profecia que os mais jovens são chamados a anunciar e realizar. A tentação da sobrevivência transforma em perigo, em ameaça, em tragédia, o que o Senhor nos apresenta como uma oportunidade para a missão. Esta atitude não é exclusiva da vida religiosa, mas nós, em particular, somos convidados a cuidar para não cair nela.

Todos estamos conscientes da transformação multicultural que atravessamos. Daí a importância de que o consagrado e a consagrada estejam inseridos com Jesus, na vida, no coração destas grandes transformações. A missão - de acordo com cada carisma particular - nos recorda que fomos convidados a ser fermento nesta massa concreta. E não com atitude defensiva, nem movidos pelos nossos medos, mas com as mãos no arado ajudando a fazer crescer o trigo tantas vezes semeado em meio à cizânia.

Colocar Jesus no meio do seu povo é ter um coração contemplativo, capaz de discernir como Deus vai caminhando pelas ruas das nossas cidades, dos nossos povoados, dos nossos bairros. Colocar Jesus no meio do seu povo é assumir e querer ajudar a carregar a cruz dos nossos irmãos. É querer tocar as chagas de Jesus nas chagas do mundo, que está ferido e deseja e pede para ressuscitar. Também, colocarmo-nos com Jesus no meio do seu povo, porque *“sentimos o desafio de descobrir e transmitir a mística de viver juntos, de misturar-nos, de encontrar-nos, de tomar nos braços, de apoiar-nos, de participar nesta maré um pouco caótica que [com o Senhor] pode transformar-se em uma verdadeira experiência de fraternidade, em uma caravana solidária, em uma peregrinação sagrada”*.

Foi por este caminho salutar e esperançoso que caminharam São Vicente e Santa Luísa. São Vicente dizia aos seus missionários: *“Todos os dias peço a Deus, três ou quatro vezes, que nos aniquile se não formos úteis para a sua glória”* (XI, 698). A uma Irmã que comemorava muitos anos na Companhia, dizia que mais importante que o número de anos era a qualidade da fidelidade a seu estado de caridade. Mais importante que a sobrevivência da Companhia, interessavam-lhe a continuidade e a fidelidade na missão de serviço aos pobres.

2.3. Colocar-se em saída, sair de nossas obras e lugares comuns

Papa Francisco aponta um caminho, de grande alcance vicentino, para enfrentar os desafios e assumir com fé e ânimo a missão: *“É preciso olhar tudo a partir da periferia. É preciso andar na periferia para conhecer de verdade como vivem as pessoas. (...) Hoje Deus está nos pedindo para deixar o ninho que nos acomoda... Estou convencido de que a chave hermenêutica mais importante é o cumprimento do mandato evangélico: Ide! Ide!”*

A missão vicentina nasceu na periferia e nos coloca na periferia. O processo de conversão de São Vicente e Santa Luísa é um sair do centro, ir para a periferia, caminhar na periferia e intuir o seguimento de Cristo na periferia – seguir Cristo evangelizador dos pobres. Foi esta experiência profética e pioneira, arriscada e ousada, que encantou tanta gente, despertou adesões e deu início aos grupos da Família Vicentina.

Acontece, porém, que muitas de nossas presenças apostólicas já fizeram seu tempo e já cumpriram sua missão, não estão na ótica da periferia e não atraem novas vocações. *“Durante vários séculos, a VRC expressou sua entrega à missão, particularmente aos mais necessitados, através de instituições. Isso dava não somente visibilidade e apreço por parte da sociedade, mas também um papel bem definido, assumido pela VRC com esmerada dedicação. Hoje a situação mudou por completo. Muitas “missões” dos religiosos e das religiosas tornaram-se – graças a Deus – serviços públicos garantidos pelo Estado, quando também pelo*

mercado. Muitas profissões tornaram-se projetos de vida de pais e mães de família, que se dedicam com igual ou maior competência do que os religiosos. Também em frentes mais temerárias, leigos e leigas encontram oportunidades fora dos institutos religiosos e missionários, em movimentos, organismos de solidariedade e organizações internacionais, que não cobram exigências de formação e consagração. No que diz respeito à ação pastoral, a labuta incansável dos religiosos e das religiosas está sendo aos poucos reposta pelo clero diocesano e pela própria organização da Igreja local, não sem conflitos”⁴¹.

É claro que nada vai substituir a presença carismática da VRC na Igreja e no mundo, visto que não pode ser reduzida a mera execução de tarefas e nem confundida com uma profissão qualquer. Entretanto, a missão aponta sempre para uma conversão em termo de saída. O Documento de Aparecida fala *“de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé”* (DAp 365), e de *“sair de nossa consciência isolada e de nos lançarmos, com ousadia e confiança, à missão de toda a Igreja”* (DAp 363). O caminhar da missão em direção ao Reino é um caminhar no Espírito que exige um trabalho constante de discernimento, para não confundir a fidelidade ao Senhor com a fixação em modelos historicamente limitados.

A experiência missionária é sempre marcada pela itinerância, pelo despojamento, pela leveza e pela provisoriedade, por um contínuo entrar e sair, por um êxodo pascal de morte e ressurreição. Se nas fronteiras encontramos os pobres, além-fronteiras nos espera o outro, o desconhecido. A travessia do mar leva os discípulos para *“a outra margem”*, às terras pagãs. A saída de si tem como horizonte os confins da terra. Se nossa missão fosse geográfica, cultural, étnica, socialmente ou eclesialmente limitada, e se dirigisse somente a *“nós”*, ela se tornaria excludente. João Paulo II em sua encíclica missionária afirma: *“sem a missão ad gentes, a própria dimensão missionária da Igreja ficaria privada do seu significado fundamental e do seu exemplo de atuação”* (RMi 34).

⁴¹ Estevão Rasquetti, op. cit., p. 6.

Cito de novo Estevão Rasquetti: é preciso “recolocar nossas presenças na lógica da loucura de Deus. Para um novo modelo de VRC missionária, a saída dos lugares comuns é algo que determina decididamente uma nova identidade da comunidade e reanima o projeto. Essa saída aponta para o alto mar: “duc in altum”, “avance para águas mais profundas” (Lc 5,4). O mar é um lugar assombroso e angustiante, cujo horizonte nos diz que estamos perdidos. (...) Mesmo assim, Jesus convida Pedro a “lançar as redes” (Lc 5,4), a “não ter medo” e a tornar-se “pescador de homens” (Lc 5,10)”⁴².

O grande desafio é deixar uma animação missionária a serviço de instituições (muitas já com seus dias contados) e pensar a recolocação das presenças dos consagrados(as). A grande mudança é retomar uma efetiva opção pelos pobres (cf. DAp 397). Recolocar a VRC “a serviço das novas fronteiras da evangelização” junto a pobres, idosos, dependentes químicos, enfermos de Aids, exilados, etc., em novos espaços não ocupados e com novas formas de serviço. Isso é uma loucura – imaginem a loucura que não foi da parte de São Vicente e Santa Luísa colocar tantas jovens nas ruas, nos lugares insalubres, correndo todo tipo de riscos, para servir os pobres! Imaginem a loucura de enviar Irmãs para o desconhecido de outros países, enviar padres para Madagascar, em viagens que acabavam em mortes e fracassos!

2.4. Promover a colaboração, em vista da missão partilhada

A colaboração é fundamental para o desenvolvimento qualitativo e quantitativo do serviço aos pobres. Hoje, em todas as áreas da vida atual, a colaboração é incentivada e promovida. Dentro de uma perspectiva evangélica, para a revitalização e eficácia da missão vicentina, a colaboração é uma chave indispensável para uma fidelidade criativa à vocação vicentina. Negar ou ser indiferente a esta realidade significa ficar apenas nos parâmetros de “cultura de sempre”, que se fecha ao Espírito Santo, que chama a sair da estagnação e a construir a identidade vicentina em estreita relação com as novas realidades e desafios que a história apresenta.

⁴² Op. cit., p. 7.

A missão das Filhas da Caridade requer uma estreita colaboração com outras congregações, com a Família Vicentina e os leigos, e também entre as províncias. Hoje, a complexidade das situações e a complementaridade dos saberes tornou extremamente difícil uma ação missionária significativa por parte de um ou outro instituto, caso contrário se pode cair numa asfixia diante das penúrias atuais. Para todos chegou o tempo da interdisciplinaridade, particularmente para a VRC missionária. Os espaços de colaboração entre os institutos religiosos começam a produzir frutos abundantes. Não estaria na hora de dar passos adiante, pra valer, e enfrentar uma nova etapa de ação intercongregacional, projetando iniciativas conjuntas de evangelização em resposta aos atuais desafios do mundo?

O caminho não é fácil, mas é possível e urgente. As congregações necessitam rever sua história passada, e se penitenciar. Muitas vezes, sua ação missionária serviu frequentemente para alimentar certo triunfalismo institucional. Divisões de territórios e de áreas de trabalho tornaram-se, em muitos casos, “feudos” para administrar bens e obras das congregações, com forte espírito corporativista e de competição, prejudicando o crescimento das Igrejas locais. Em muitos lugares, em lugar de estabelecer a Igreja, acabaram estabelecendo a si mesmas.

Cada família religiosa precisa promover pontualmente um profundo discernimento, mudar a mentalidade. Isso implica repensar novas formas de governo, processos de formação inicial mais integrados, projetos partilhados de missão e interações de presença e serviços que ajudem gradativamente a superar toda forma de particularismo, mantendo ao mesmo tempo a originalidade de cada proposta.

A colaboração em vista da missão partilhada ajuda a refletir e assimilar a vocação vicentina em seus atuais e novos desafios e oportunidades. Ajuda a promover a partilha solidária dos dons e da riqueza da missão vicentina na sua diversidade, abre perspectivas para revitalizar a vida e a missão das Províncias, dá impulso para novas ações e projetos conjuntos que mudam a realidade e geram vitalidade vicentina. Esta dimensão propulsora da colaboração ultrapassa as práticas convencionais, vai além das fronteiras

provinciais e congregacionais, exige mentalidade participativa, abertura a novas expressões para executar o serviço dos pobres, nova gestão de recursos humanos e materiais, coragem para superar medos, resistências e indecisões... A colaboração ajuda a manter o carisma sempre rejuvenescido.

O trabalho realizado por São Vicente e de São Luísa foi um grande trabalho comunitário e participativo, um trabalho em equipe. O testemunho dos fundadores ilumina o desenvolvimento da colaboração na opção solidária com os pobres. A colaboração é uma expressão e uma exigência da virtude vicentina de zelo na evangelização dos pobres. A verdadeira colaboração se desenvolve a partir das atitudes de humildade e responsabilidade, “precisamos uns dos outros”. Não é por acaso que São Vicente, mestre da colaboração, colocou a humildade como uma virtude indispensável para a vida missionária. A humildade supõe um constante esvaziar-se de si mesmo, da arrogância e da autossuficiência. Requer interdependência, abertura à colaboração com o outro, relações fraternas, sem discriminação e interesses de poder. O intercâmbio de dons e a humilde somatória das forças ajudam os grupos e indivíduos a crescerem na criatividade, a descobrirem seus valores e possibilidades, capazes de transformar a si mesmos, de trabalhar em conjunto para enfrentar os desafios e melhor atingir seus objetivos.

Neste tempo de grandes desafios e novas oportunidades, a Companhia é chamada, com ousadia e criatividade, a alargar a experiência vicentina, criar um novo e mais amplo sentido da missão vicentina e discernir e assumir compromissos comuns para o bem dos pobres, ouvindo o que o Espírito está dizendo hoje. O Papa Francisco, falando contra as divisões e conflitos na Igreja e pedindo um testemunho de comunhão fraterna, disse: *“Chega de divisões ... Estamos no mesmo barco e vamos para o mesmo porto!”* (EG, 99). Estamos na mesma Igreja, na mesma família e nosso porto são os pobres⁴³.

⁴³ Uma afirmação interessante de D. João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica: “É incrível que dois capitalistas inimigos possam colocar-se de acordo para fazer mais dinheiro e nós, os que temos o Deus Amor, tenhamos dificuldades para dialogar com o fim de adiantar o bem do Evangelho” [A Vida Religiosa nos tempos atuais, em Convergência, 458 (2013), 5-15, p.14].

A consciência da missão comum e os desafios cada vez mais inquietantes e comuns devem conduzir à superação de barreiras e interesses ideológicos, culturais e de grupo e promover a ajuda mútua. Precisamos aprofundar sentido amplo de pertença à grande Família Eclesial e Vicentina e aprender a assumir a colaboração como forma de vida e estratégia de ação. É importante desenvolver e fortalecer a corresponsabilidade, os processos e os mecanismos de colaboração. Para que a colaboração seja efetiva e eficaz e não fique apenas em seus bons desejos e intenções, são necessárias decisões e práticas concretas e eficazes:

- A opção pela cooperação supõe o fortalecimento da comunhão e da corresponsabilidade.
- A colaboração para o desenvolvimento do serviço dos pobres é um longo processo de reflexão, de amadurecimento e de trabalho. Requer a definição de metas, ou seja, uma agenda comum de propostas e projetos, a curto, médio e longo prazo, com políticas e ações a realizar.
- O processo colaborativo proposto não é uma ação voluntarista levado em frente por algumas pessoas ou líderes, isoladamente. Implica a adesão e participação ativa e responsável dos grupos parceiros, de seus líderes e seus membros. Por isso, é necessário criar e implementar mecanismos de colaboração, comunicação e participação.

2.5. Repensar a Formação e a Pastoral vocacional, promovendo a cultura vocacional

O papa João Paulo II, em 1994, na mensagem para o Dia mundial de Oração pelas Vocações, se referiu à urgente necessidade de uma *cultura vocacional*. É preciso passar de um trabalho funcional de pastoral vocacional, para uma ação que conscientize todos os cristãos de que a vida é uma vocação, um projeto a ser acolhido e desenvolvido ao longo da existência. Somos chamados e chamadores. Isto requer uma nova mentalidade, uma nova

sensibilidade e uma nova prática⁴⁴, que desperte não apenas para a vocação específica (presbiteral, consagrada), mas abra horizontes de missão para compreender a fé na dinâmica do chamado-resposta.

A cultura vocacional vicentina se funda e se constrói em Cristo Evangelizador e servidor dos pobres, que nos chama a evangelizar os pobres. Cultura vocacional é *vocacionalizar* toda nossa vida e missão em Cristo Evangelizador dos pobres. É abraçar a vocação como dom e responsabilidade; dom que Cristo faz a quem Ele chama e resposta de quem é chamado através de uma vida que busque conformar-se com os valores do Reino. Cultura vocacional é encaminhar e desenvolver todas as atitudes, compromissos e estruturas pessoais e comunitárias dentro de um autêntico processo de discipulado, na decidida busca de fazer da vida uma memória viva da forma de existir e atuar de Jesus, o Verbo encarnado junto aos pobres e a serviço dos pobres. Constrói-se uma cultura vocacional vicentina quando se desenvolve em profundidade uma mentalidade, uma espiritualidade e uma práxis de vida centrada em Cristo evangelizador dos pobres, capaz de transfigurar a vida e a missão vicentina e de despertar as pessoas para o amor aos pobres, os preferidos de Deus e destinatários privilegiados do Reino.

Três importantes observações para a compreensão e promoção da cultura vocacional vicentina:

Primeiro: Promover a cultura vocacional não se reduz a uma política de intensificação e priorização da Pastoral Vocacional, para superar o grande problema da redução numérica de vocações. Cultura vocacional não diz respeito apenas à Pastoral Vocacional. É verdade que necessitamos de novas vocações para a continuidade da missão, na Companhia. Também é verdade que é indispensável “ter vocação”, cultivar a vocação e nela ser fiel, para continuar na missão dentro da Companhia. Promover a cultura vocacional vicentina é revitalizar a vocação para que ela se torne sinal profético de amor e serviço aos pobres; é criar um

⁴⁴ Cf. Amedeo Cencini, Construir Cultura Vocacional. Disponível em: <<http://servitasbrasil.org/site/wp-content/uploads/Livro-Construir-Cultura-Vocacional-Síntese-de-estudo.pdf>> Acesso em 13 de novembro de 2018, p. 2.

modo de ser e agir que seja capaz de despertar o mundo para o amor preferencial de Cristo pelos pobres. Promover a cultura vocacional não é afirmar identidades grupais fechadas; não é buscar segurança em práticas e costumes ultrapassados, nem tão somente sofisticar o marketing vocacional. A cultura vocacional é fruto de uma atenta escuta, de um evangélico discernimento e uma atualizada resposta aos apelos de Deus presente nos pobres, que nos chamam à conversão e a um compromisso transformador. Transfigurar e consolidar toda a vida pessoal e comunitária, todas as atividades e estruturas da Companhia a partir da centralidade de Cristo evangelizador dos pobres, este é o caminho para o surgimento de uma cultura vocacional vicentina.

Segundo: Promover a cultura vocacional vicentina é pensar a Pastoral Vocacional fora do enfoque restrito e funcionalista de buscar apenas recrutar candidatos para a Companhia. É preciso superar a 'lógica do recrutamento' e cultivar a 'lógica do testemunho', que desperta as pessoas para acolher o chamado de Deus e nos torna mediadores de Deus que chama. A lógica do recrutamento visa a sobrevivência; a consagração missionária vicentina deve se compor não de recrutados, mas de vocacionados. A pedagogia vocacional deve partir do testemunho vocacional, que leva à profecia. O testemunho de ardoroso e sincero serviço missionário aos pobres é o meio principal capaz de interpelar o mundo, a própria Igreja e despertar em novas pessoas o seguimento de Cristo. Aqui está a base para uma ação pastoral específica que busca despertar, discernir e acompanhar os jovens para responder ao chamado de Deus no seguimento de Cristo, através de diversos modos na Igreja, na Família Vicentina e, em específico, na Companhia.

Terceiro: Abraçar e revitalizar esse horizonte pastoral passa pela ação de missionários generosos, empenhados, capacitados e que vivam hoje sua vocação vicentina, segundo as palavras de Paulo Suess, como *"peregrinos vigilantes, místicos militantes e profetas de uma Igreja em saída"*⁴⁵. Para isso, faz-se necessário esforço e trabalho sério de formação inicial e permanente, sempre

⁴⁵ Cf. Peregrinos vigilantes, místicos militantes, profetas de uma Igreja em saída, Conferência no Congresso Nacional da Vida Consagrada da Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil (CRB), em 7.04.2015, em Aparecida/SP, disponível em http://www.missilogia.org.br/wp-content/uploads/cms_artigos_pdf_109.pdf, acessado em 20/09/19.

a partir dos apelos da missão vicentina e fundamentada nos cinco aspectos fundamentais do itinerário formativo dos discípulos missionários: o encontro com Cristo; a conversão; o discipulado; a comunhão; e a missão (cf. DAp, 278). A formação é o húmus da revitalização, a terra fértil onde pode germinar uma vida e missão mais significativas⁴⁶. Precisamos de uma formação que ajude os candidatos e consagrados a se colocarem num processo de conversão contínua; que prepare para uma autêntica maturidade humana, para acolher o diferente e as novidades do carisma, para a interculturalidade, a colaboração e relações sadias; que construa a identidade consagrada vicentina não como dado teórico e imóvel, mas como um processo de crescimento partilhado; que transmita o carisma e robusteça o sentido de pertença; que capacite para o essencial do carisma, sem fechamento e sem se perder em práticas secundárias; uma formação que prepare para uma vida consagrada, vivida com realismo e entusiasmo, a partir de motivações autênticas da fé, estabilidade psicoemocional e maturidade espiritual... Vale aqui a afirmação de Amedeo Cencini⁴⁷ que diz ser necessário criar uma verdadeira “cultura” da formação permanente. *“Se a vida não é formação permanente, será frustração permanente”*. De igual modo, podemos dizer: se nossa ação missionária não for renovação permanente, será frustração permanente.

Chamados por Cristo e destinados ao serviço missionário dos pobres, somos desafiados a desenvolver um modo sólido e coerente de ver, sentir, pensar e orientar toda nossa vida. Aqui está a base da cultura vocacional a ser sonhada e buscada por nós.

Conclusão

Falando aos membros da Vida Consagrada da Espanha, Dom Rodríguez Carballo, apresentou o seguinte decálogo para enfrentar a crise e diminuição das vocações consagradas⁴⁸:

⁴⁶ Cf. José Rodríguez Carballo, “Vida Consagrada en Europa: Compromiso por una profecía Evangélica”, palestra proferida no Encontro da União dos Superiores Gerais, em Roma, 2011, p. 18.

⁴⁷ Cf. *Formazione Permanente: ci crediamo davvero?*, Bologna: EDB, 2011.

⁴⁸ Cf. *Caminos de futuro para la vida consagrada hoy*, disponível em <https://franciscanosantiago.org/2018/04/09/carballo-caminos-de-futuro-para-la-vida-consagrada-hoy/>, acessado em 15 de outubro de 2019.

1. Não queremos religiosos ateus, porque já os temos até entre padres e bispos.

2. A vocação é um caminho de amadurecimento humano e espiritual.

3. Passar da sensibilidade humana para a cristã.

4. O ministério vocacional não busca heróis ou eleitos.

5. Não às liquidações vocacionais, embora muitas casas tenham que ser fechadas.

6. Não à importação de vocações para cobrir buracos, embora a Espanha não possa cruzar os braços diante do vazio de seminários e noviciados.

7. Não há crise de chamados, mas de chamadores. E não chamamos porque não estamos convencidos de que a vocação é um valor ou porque acreditamos que os jovens pertencem a uma geração perdida e pós-cristã.

8. A crise vocacional é uma crise da vida.

9. Somos todos responsáveis pelas vocações.

10. É preciso levar a sério a formação permanente.

Termino lembrando uma passagem muito interessante e bastante provocativa do belo e original livro de José Tolentino Mendonça, *O Elogio da Sede*⁴⁹: *“A fé não é um pódio: é uma estrada. Lembro-me de um jovem escritor que foi um dia à comunidade onde sou capelão e me disse no final: ‘Você devia ter a coragem de retirar as cadeiras desta capela, onde os cristãos se sentam demasiado comodamente, e colocar sobre este assoalho muito envernizado e estável, uma boa camada de terra ou de areia, que nos lembrasse de que a fé supõe grandes procuras e contínuas viagens’. É verdade, a nossa fé cristã é uma experiência de nomadismo. As cadeiras criam maus hábitos, como alerta Jesus: ‘Na cadeira de Moisés estão*

⁴⁹ José Tolentino Mendonça, *O Elogio da Sede*, São Paulo: Paulinas, 2018, p. 93-94.

sentados os escribas e os fariseus... não procedais em conformidade com as suas obras, porque eles dizem e não fazem' (Mt 23,2-3)".

Nesta mesma linha, Papa Francisco diz: *"Temos medo de que Deus nos conduza por caminhos que nos arranquem de nossos horizontes, muitas vezes limitados, fechados e egoístas, para abri-los aos seus horizontes... Estamos abertos às surpresas de Deus ou nos fechamos, com medo, à novidade do Espírito Santo? Estamos decididos a percorrer caminhos novos que a novidade de Deus nos apresenta ou nos entrincheiramos em estruturas caducas que perderam a capacidade de resposta?"*⁵⁰

Parafraseando o texto de José Tolentino, poderíamos dizer: Nós precisamos ter a coragem de retirar as cadeiras e os móveis confortáveis de nossas capelas e comunidades, onde nos sentamos comodamente e colocar em nossas casas e vidas uma boa quantidade de práticas que nos levem a participar da condição de vida dos pobres, que nos lembrem o perigo da estagnação e nos ajudem a caminhar em direção às periferias, aos pobres. É verdade, a nossa vocação vicentina é essencialmente missionária. As casas e as cadeiras confortáveis podem criar maus hábitos, corremos o risco de fazer belos discursos sobre o serviço aos pobres e não os colocar em prática. Somente saindo em direção aos pobres, num sincero processo de conversão, podemos exalar o perfume da caridade missionária de Cristo e despertar as pessoas e o mundo para trilhar o caminho de Cristo que veio evangelizar e servir os pobres.

Olhando a realidade da Companhia, em especial das Províncias brasileiras das Filhas da Caridade, que novas atitudes, questões e compromissos estas ideias e pistas aqui apresentadas despertam entre vocês, para desenvolver, de modo corajoso, atualizado e coerente, o espírito missionário vicentino da Companhia, em tempos de crise vocacional?

⁵⁰ Homília de Pentecostes, 19 de maio de 2013.

VIVER COM FIDELIDADE O CARISMA DIANTE DOS DESAFIOS ATUAIS

Ir. Raimunda Corina Sousa Bastos, Conselheira Geral

Bom dia a todos(as)! Eu estou feliz de estar aqui com vocês esta manhã para partilhar um tema que é muito caro para todos(as) nós: ***Viver com fidelidade o carisma diante dos desafios atuais.*** É um apelo que a Igreja faz a todas as Congregações Religiosas desde o Concílio Vaticano II. A Companhia, a cada Assembleia Geral, nos interpela a viver o carisma com mais fidelidade. É um forte apelo que o Papa Francisco vem lançando à vida consagrada. Almejamos que neste Encontro Interprovincial dos Conselhos do Brasil juntos(as) possamos encontrar o caminho que nos leve a viver com fidelidade o carisma diante dos desafios atuais. Agradeço o convite que me foi feito, pois é um momento de enriquecimento e crescimento mútuo.

Início dizendo que a vida apresenta desafios todos os dias, somente na Jerusalém Celeste estaremos livres dos desafios. No tempo dos Fundadores, os desafios foram constantes: desigualdade social, problemas graves no seio da Igreja, da vida religiosa consagrada, das famílias, muita miséria e ignorância em todas as instâncias. O Espírito sopra onde quer, assim o carisma vicentino nasceu neste contexto. Os Fundadores souberam ler os acontecimentos e dar respostas proféticas, plenas de esperança para a Igreja e para os sofrimentos dos pobres que a sociedade engendrava.

Ao longo da história, a Companhia tem procurado responder, de maneira corajosa, aos novos desafios, buscando viver com fidelidade o carisma. Hoje somos nós que, “contra ventos e marés”, procuramos dar respostas audaciosas aos desafios das diversas pobreza, das misérias e da degradação humana, social, cultural, ambiental, etc. Dizem os estudiosos atuais que depois da humanidade passar por uma longa “época de mudança”, atualmente ela enfrenta “uma mudança de época”.

O carisma é dom do Espírito, uma graça que São Vicente recebeu

do Senhor e, ajudado por Santa Luísa, ele desenvolveu. O carisma é uma herança que recebemos dos Fundadores para ser semeado no mundo com gestos de amor, paz, verdade, justiça e esperança. Somos semeadores(as) do amor de Deus, da *“esperança que não decepciona porque foi derramada em nossos corações pelo Espírito Santo”* (Rm 5,5), disse S. Paulo.

O carisma é um dom suscitado pelo Espírito a uma pessoa, é uma força espiritual inesperada. A pessoa que recebe essa força, essa experiência, transmite a outras pessoas para que faça crescer o dom recebido do Espírito. Desta forma se pode dizer que o carisma é um mistério radiante, dinâmico, criativo, contagiante. O carisma se abre pouco a pouco ao longo dos anos sem perder sua energia original. Ele é uma força que impulsiona a uma ação, força audaciosa que enfrenta obstáculos, crises, mas permanece vivo, pulsando fortemente nos corações.

É a experiência que fazemos do amor de Deus nas nossas vidas, que nos encoraja a viver a esperança profética, que torna o carisma vivo, que o faz transparência do Reino de Deus trazido por Jesus Cristo.

Nesta manhã eu proponho três desafios, entre muitos outros, que nos darão ocasião de visitar os fundamentos da nossa vocação, da vivência do carisma:

1. Revigorar a paixão por Jesus Cristo (Pertença a Deus)
2. Nutrir uma vida fraterna à imagem da Trindade (Pertença à Companhia)
3. Servir os verdadeiramente pobres (Pertença aos Pobres)

O Carisma e os Desafios Atuais

Lembro que no XX Interprovincial dos Conselhos do Brasil (2017), em Mariana, o Pe. Itacir Brassiani fez uma análise da conjuntura social, eclesial e da Vida Religiosa Consagrada no Brasil e o Pe. Vinícius Augusto R. Teixeira falou sobre a ousadia de viver o carisma

em fidelidade ao espírito dos Fundadores. Esses dois conteúdos contém o tema que me foi proposto. Portanto, inicio com alguns pontos deste encontro que considero importantes para viver a fidelidade ao carisma diante dos desafios atuais.

Alguns Desafios Atuais da Vida Consagrada

O Pe. Itacir elencou alguns desafios da VRC hoje, que são também os nossos:

1º) Aprofundar nossas raízes místicas (olhar para trás, para a origem do carisma, pois é o sol que projeta luz no presente. Apropriar-se da experiência espiritual dos Fundadores, do amor apaixonado por Jesus Cristo e pelos pobres).

2º) Potencializar a vocação profética (consciência de ser enviada por Deus para anunciar a Boa Nova e construir o Reino de Deus no mundo.

3º) Reencontrar a eloquência do testemunho (testemunhar o profetismo do carisma, um amor apaixonado a Jesus Cristo na pessoa dos pobres).

4º) Ser um laboratório de fraternidade (viver a alegria de estar juntas, priorizando o bem comum e somando forças para servir com amor).

5º) Inserir-se na vida da Igreja (fazer atenção aos apelos da Igreja, sentir-se povo de Deus em marcha).

6º) Viver a diminuição e o envelhecimento das Irmãs com alegria e convicção (enfrentar a crise com energia, com atitude jovem).

7º) Rever as grandes Obras, muitas localizadas nos centros, que não respondem mais às necessidades dos pobres no momento atual, pois o apelo hoje é para “Sair porta afora... Ir para... Encontrar” os pobres nas periferias.

Além dos desafios de sempre, já bem trabalhados, pode-se

elencar outro de foro mais particular. É o caso de uma aceitação sincera do descentramento de si mesmo, do autodestronamento, da autorreferencialidade, isto é, colocar o próprio EU como critério de discernimento em todas as decisões.

Hoje, a palavra que se fala muito é crise, o mundo vive uma grande crise em todos os aspectos, as pessoas vivem em crise, a VRC está em crise, etc. A palavra crise significa triagem, seleção, mas também saída de um conflito. O momento que vivemos nos permite silenciar, contemplar e buscar o essencial da nossa vida. Situações de crise podem ser transformadas em verdadeiros “kairós”, desde que sejam discernidas à luz da fé, da oração e do abandono nas mãos de Deus, pois a obra é do Pai, somos meros instrumentos em suas mãos. É tempo de fazer a triagem e optar pelo essencial.

Algumas questões a examinar:

- Qual é o essencial da nossa vida?
- O que está acontecendo comigo? Conosco? Com a missão?
- Qual é a realidade concreta onde vivemos o carisma vicentino?
- *“Como enfrentar o novo, as crises, as realidades e os problemas? Pode-se enfrentar como uma pessoa idosa, com pouca energia ou com uma atitude jovem e promissora, que sempre encontra um caminho de esperança”*⁵¹

Primeiro Desafio: Revigorar a Paixão por Jesus Cristo (Pertença a Deus)

*“Minhas queridas Irmãs, é preciso ter continuamente diante dos olhos nosso modelo, que é a vida exemplar de Jesus Cristo...”*⁵²

É bom ter textos de base para fundamentar nossa reflexão. A Palavra de Deus, os documentos da Igreja, os escritos dos Fundadores, as Constituições, os escritos dos superiores nos darão

⁵¹ ALVAREZ, Pe. Javier. Ecos da Companhia, N° 6, 2017, p. 376.

⁵² SL, C. 257.

a fundamentação para manter o carisma sempre vivo e atuante. O carisma tem o seu fundamento na liberdade e na gratuidade de Deus, mistério de fé. São Vicente foi um homem de fé, de oração, fincou suas raízes em Deus. Quanto mais se unia a Jesus Cristo, mais energia, mais força tinha para responder às necessidades dos pobres da sua época. A sua criatividade brotava do grande amor a Jesus Cristo, de uma vida de oração fecunda.

Quando São Vicente iniciou as conferências às primeiras Filhas da Caridade, ele insistiu muito na vida de união com Deus. Disse: *“O vosso primeiro pensamento deve ser para Deus... É ajoelhar-vos para adorar a Deus. Amemo-Lo muito e, lembremo-nos que Jesus disse: ‘Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada...’ Compreendeis, minhas Filhas, a fidelidade que deveis a Deus. O exercício da vossa vocação consiste na lembrança frequente da presença de Deus”*⁵³. São Vicente falou com toda convicção para as primeiras Irmãs o que significava seguir Jesus Cristo: *“Adorador do Pai, Servo de seu desígnio de Amor, Evangelizador dos pobres”*⁵⁴. Viver unido a Deus: *“Pois onde está teu tesouro aí estará também teu coração”* (Mt 6,21). A oração foi algo de essencial na vida de São Vicente. Ele dá um lugar especial à oração pessoal, pois foi em Deus que ele encontrou a fonte da sua vida e missão.

Jesus foi um Homem de ação, mas vivia em união constante com o Pai. Antes das grandes decisões, da realização da missão, passava a noite em oração. Essa atitude orante de Jesus ficou gravada na vida dos Apóstolos e foi registrada nos Evangelhos. Jesus vivia em grande união com o Pai, só realizava a sua vontade: *“Desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou”* (Jo 6,38). Como discípulo fiel de Jesus, São Vicente nos recomenda: *“Minhas filhas, é preciso que vocês e eu tomemos a decisão de nunca deixar de fazer a oração. Eu digo todos os dias, minhas filhas; direi mais, fazei-a se puderdes a toda a hora, ou não saiais nunca dela, pois a oração é tão excelente que nunca se faz demais; e quanto mais a fizermos, mais a queremos fazer,*

⁵³ SV, Conferência de 31.07.1634, p.1.

⁵⁴ C. 8a

*quando nela se procura a Deus*⁵⁵. É essencial nutrir a fé, pois a vida cristã, a vida consagrada se enfrenta em um combate permanente, é preciso ter força, coragem para resistir às tentações, as forças do mal para ser discípulo(a) e missionário(a) de Jesus, anunciador do Evangelho.

Santa Luísa deixou este mesmo testemunho para nós: *“... Temos de nos acostumar a fazer atos de desejo de conhecer a Deus e de conhecer-nos a nós mesmas, os quais nos levam a fazer atos de amor a Deus, como o devemos e a negar-nos o que Lhe desagrade. Abandonemo-nos frequentemente a Ele, mostremos-Lhe nosso coração cheio de confiança e gratidão e, de vez em quando, procuremos ter nos lábios algumas orações jaculatórias*”⁵⁶. Nós conhecemos bem a vida de união com Deus de Santa Luísa, o seu ardente amor a Jesus crucificado, sua espiritualidade centrada em Jesus Cristo, na encarnação, no Espírito Santo. Santa Luísa fez da sua vida uma constante oração.

Hoje é bom escutar o Papa Francisco nos exortar com a mesma energia de Jesus Cristo. É a Igreja de Jesus Cristo que nos fala neste momento através da Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*: *“É o desejo de Deus, que não pode deixar de se manifestar de alguma maneira no meio da nossa vida diária: ‘procura que a tua oração seja contínua e, no meio dos exercícios corporais, não a deixes’*”⁵⁷. Em outro parágrafo ele diz: *“Contudo, para que isto se torne possível, são necessários tempos dedicados somente a Deus, ficar com Ele na solidão*”⁵⁸.

A Igreja aponta o caminho da fidelidade para nossa vocação e missão, como fizeram os Fundadores no seu tempo. São Vicente foi forte quando disse: *“Não se pode esperar muito de um homem que não faça oração; se ele não é dedicado ao serviço de Nosso Senhor, é por não estar intimamente unido a Ele, e por não Lhe pedir a ajuda de Sua graça com grande confiança*”⁵⁹.

⁵⁵ SV, Conferência de 31.05.1648. Sobre a oração, p. 267.

⁵⁶ SL, E. 104 (M 73), p. 948.

⁵⁷ Papa Francisco. *Gaudete et Exsultate*, 148.

⁵⁸ Ibidem, 149.

⁵⁹ Louis Abelly, “La vie du vénérable serviteur de Dieu Vincent de Paul”, (A vida do venerável servo de Deus, Vicente de Paulo), livro III, capítulo 6, p. 50.

Escutemos mais uma vez a exortação do Papa Francisco sobre a importância de viver enraizado em Deus: *“É preciso escutar Deus na oração e reconhecer os sinais que Ele nos dá. Pedir sempre, ao Espírito Santo, o que Jesus espera de nós em cada momento da nossa vida e em cada opção que temos que fazer; deixar que o Espírito Santo nos torne um reflexo vivo de Jesus Cristo no mundo atual”*. O Papa Francisco é um homem de oração, que vive em intimidade com Deus. Ele não cessa de convidar os consagrados para cultivarem a vida interior. Na oração do Angelus de julho de 2013, ele disse: *“É da contemplação, de uma forte relação de amizade com o Senhor que nasce em nós a capacidade de viver e de anunciar o amor de Deus, a sua misericórdia, a sua ternura pelo próximo”*. Podemos dizer que é a vida centrada em Jesus Cristo que confere fidelidade ao carisma.

O Documento Interassembleias 2015-2021 faz um forte apelo a todas as Filhas da Caridade para ter uma vida de fé mais sólida, *“viver o enraizamento em Jesus Cristo, dinamizar a vida pelo Evangelho, ousar cultivar a interioridade a exemplo de Jesus, que se retirava no silêncio para rezar e buscar a Vontade do Pai”*. Os momentos fortes de silêncio e contemplação de Jesus são necessários no nosso dia a dia para fortalecer nosso ser de toda doada a Deus. Irmã Kathleen Appler nos interpela: *“... tenhamos a coragem de pedir a Deus um maior dinamismo espiritual em nossa vocação... De configurar nossa vida com a de Cristo, assim Ele nos tornará inseparáveis dos pobres”*⁶⁰. Irmã Kathleen é para nós uma testemunha viva de pessoa orante, que vive em Deus. O forte apelo que recebemos da Companhia e da nossa Superiora geral é para colocar Jesus Cristo no centro de nossas vidas; assim poderemos receber dele a audácia da caridade e viver mais intensamente na presença de Deus, para ser, dia após dia, testemunhas que caminham com aqueles que sofrem.

O Pe. Tomaž Mavrič, nosso Superior geral, segue as pegadas de São Vicente nas orientações, basta ver a última carta que nos enviou para o tempo quaresmal. Como São Vicente, ele insistiu na necessidade de viver a pertença a Deus, a unidade constante a

⁶⁰ Irmã Kathleen Appler, carta de 02 de fevereiro de 2018.

Jesus Cristo. Percebe-se que é um homem de fé, sabe que a vida consagrada só será fiel se viver a interioridade, o enraizamento em Jesus Cristo. Ele afirmou que *“a oração é o lugar onde encontramos Jesus, conversamos com Ele, escutamos sua voz e compartilhamos com Ele a nossa vida, nossas inquietações, preocupações, etc. A oração transforma nossa hierarquia de valores e nossa relação com as pessoas, com os objetos, com os lugares e com o tempo”*⁶¹.

Neste primeiro desafio foi revelado que a oração transfigura o coração dos(as) consagrados(as) e conduz a uma vida de ação de graça, de louvor a Deus e de uma fecunda missão.

A fé e a intimidade que temos com Deus na oração refletem na nossa missão quotidiana?

Segundo Desafio: Nutrir uma vida fraterna à imagem da Trindade (Pertença à Companhia)

*“A união é a imagem da Santíssima Trindade, que se compõe de três pessoas unidas por amor”*⁶².

Depois de invocada a necessidade vital de viver unido(a) a Deus, em comunhão profunda com Ele, vamos adentrar na comunhão com o próximo. A fé é fortalecida quando ela é vivida como experiência de amor a Deus e ao próximo, quando é comunicada como uma experiência de graça e de alegria. O Papa Francisco disse que *“o amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus”*⁶³. Portanto, a vida fraterna em comum faz parte do projeto de Deus, que quer comunicar sua vida de comunhão. Se ela é verdadeiramente fraterna, ela dá testemunho do Deus Trinitário, dá testemunho do Evangelho: *“Vejam como eles se amam”*. São Vicente, escrevendo a Ir. Ana Hardemont, disse: *“Vivei juntas, como tendo um só coração e uma só alma, de modo que, por essa união de espírito, sejais uma verdadeira imagem da unidade de Deus, como vosso número representa as Três Pessoas*

⁶¹ Cf. Pe. Tomaž Mavrič, Carta da Quaresma, 2020, “O poder transformador da oração”.

⁶² SV, Conferência de 26.04.1643, p. 62.

⁶³ Papa Francisco. Evangelii Gaudium, 272.

da Santíssima Trindade”⁶⁴. A vivência fraterna é um reflexo da unidade da Santíssima Trindade. Ela é enraizada na vida Trinitária e animada pela espiritualidade de comunhão.

A vida fraterna é para nós um dos componentes da nossa vocação de Filha da Caridade, não é um fim em si mesma, mas um mistério de fé e de comunhão orientada para o serviço dos pobres. As Constituições 19 a 23 nos convidam a fortalecer a vida fraterna e orientam para a doação total. *“A ação apostólica das Filhas da Caridade alimenta-se da contemplação... Um dos tempos fortes de seu dia é a oração: escuta do Senhor, louvor, ação de graça...”*. A fé enche o coração de alegria e conduz ao louvor e ação de graça. A fé e a oração ajudam a pessoa a enfrentar todas as dificuldades com serenidade e a transformar o sofrimento em oferenda, em alegria. A fé e a oração são grandes forças que impulsionam a missão.

Sabe-se que os valores e contravalores da sociedade atual entram em nossas comunidades e vão influenciando nosso estilo de vida. No entanto, o Documento Interassembleias 2015-2021 nos convida a *“viver imbuídas dos valores do Evangelho, cultivando a espiritualidade de comunhão, que gera o respeito mútuo, o perdão, o amor fraterno, o saber escutar e dialogar acolhendo as diferenças”*. É no Evangelho e nos escritos dos Fundadores que se busca força, inspiração e luz para bem viver juntas. No testamento espiritual, Santa Luísa primeiro pede para que Deus conceda a graça da perseverança na vocação para servir a Deus da maneira que Ele quer. Depois fala do zelo no serviço dos pobres, mas, sobretudo, pede: *“Vivei juntas numa grande união e cordialidade, amando-vos umas às outras, para imitar a união e a vida de Nosso Senhor”*⁶⁵. A fundamentação que Santa Luísa dá é a vida de Jesus Cristo. Ele é a nossa regra de vida. Os Fundadores deixaram uma base sólida para a vivência fraterna. São Vicente disse que a união é a causa de todos os bens espirituais e temporais que podemos ter nas nossas comunidades⁶⁶.

⁶⁴ SV, Coste IV, carta 1389, de 30.07.1651, p. 277.

⁶⁵ Constituições, p. 191.

⁶⁶ SV, Conferência de 26.04.1643, p. 67.

A vida fraterna é um apelo permanente à conversão. É um processo de crescimento espiritual, humano e relacional em constante movimento porque a comunhão se adquire dia a dia, ela vai crescendo e se transformando ao longo da nossa existência. O amor cresce em um clima de confiança, abertura e amizade. O Papa Francisco dirigiu um convite a todas as comunidades do mundo: procurem dar *“um testemunho de comunhão fraterna que se torne atraente e luminoso”*⁶⁷. A vida fraterna em comunidade será um testemunho luminoso e atraente na medida em que vive sempre mais a coerência com o espírito das Constituições. A Companhia nos orienta a *“ter um estilo de vida que testemunhe a pobreza evangélica. A colocar mais simplicidade e alegria em nossa maneira de ser em comunidade”* (DIA, p. 6). Esses apelos precisam gerar convicção no nosso cotidiano. É necessário tornar vivo o projeto da Companhia para as nossas Províncias, viver a mística do encontro, assim a fidelidade será uma fonte de água viva que irrigará o nosso carisma.

Escutemos o que nos diz Santa Luísa: *“... se nós nos acostarmos a estimar e falar bem de nossas Irmãs, se criará na Companhia o espírito de união, mansidão e verdadeira caridade, como parece ter sido esse o plano de Deus ao formar a Companhia. Uma das maneiras de adquirir esse hábito é trabalhar para ter um conhecimento verdadeiro de nós mesmas, pela experiência de nossas faltas comuns. Outro, para separar sempre as pequenas falhas que aparecem nos outros, da pessoa, sempre evitando fazer julgamento e desculpando qualquer pequena falta como queremos que desculpem as nossas, apoiando-nos no amor de Deus”*⁶⁸. Santa Luísa nos diz que a vida fraterna em comum se manifesta pelo acolhimento, aceitação de si mesma, aceitação umas das outras, e pelo amor mútuo. Lembrando sempre que a dinâmica comunitária tem como centro Jesus Cristo, o mistério pascal segundo o qual se constitui a unidade. O mandamento do amor mútuo tem sua fonte, seu modelo, sua medida em Jesus. Nós devemos nos amar como Jesus mesmo nos ama. Foi este o mandamento que Ele nos deixou.

⁶⁷ Para vinho novo odres novos. Edições Paulinas, São Paulo, 2017, p. 46.

⁶⁸ SL, Escritos 64. Pensamentos sobre a estima que se deve ter pelas Irmãs.

O amor de Jesus por Deus e o amor de Jesus pelas pessoas humanas são profundamente unidos. São João afirmou: *“Quem ama a Deus ama também o próximo”* (I Jo 4,21). O primeiro amor é o de Deus, desse amor decorre o amor ao próximo. É essa a dinâmica de vida que São Vicente deixou para as Filhas da Caridade. Primeiro viver enraizadas em Jesus Cristo, configurando sua vida com a d’Ele, para depois concretizar esse amor no serviço dos pobres.

- Nossa vida fraterna é realmente enraizada na Santíssima Trindade?

- Testemunhamos para o povo que vivemos a mística do viver juntas?

- Nossas comunidades são “cenáculos de fraternidade”?

Terceiro Desafio: Servir os verdadeiramente pobres (Pertença aos Pobres)

*“Servis a Jesus Cristo, na pessoa dos pobres...
Uma Irmã poderá ir dez vezes por dia visitar
os doentes e dez vezes por dia encontrará a Deus.”*⁶⁹

Somos chamados(as) a sintonizar o nosso coração com Jesus Cristo, com os nossos Santos Fundadores e com a Igreja; assim realizaremos o serviço dos pobres com ações que iluminam a esperança, com atitudes plenas de comunhão, de solidariedade, de caridade que abram caminho para uma renovação interior e exterior. Nós somos chamados(as) a ser lugar de esperança e das Bem-aventuranças, segundo o nosso carisma. Viver a esperança e as bem-aventuranças prometidas por Jesus: *“Felizes os pobres... Felizes vós que agora tendes fome...”* (Lc 6,20-23). Ao proclamar as bem-aventuranças, Jesus nos convida a percorrer o caminho do amor. Ele nos dá a sua graça desde que abramos o coração para acolher os irmãos que sofrem, as realidades injustas, os sofrimentos de tantos irmãos e irmãs que são desrespeitados nos seus direitos humanos e sociais.

⁶⁹ SV, Conferência de 13.02.1646, p. 162.

As bem-aventuranças nos convidam a percorrer o caminho de Jesus, uma vida de doação gratuita, de amor, despojamento total, pobreza e obediência ao Pai. É a luz do Evangelho que ilumina nossa vida e missão, é a vida de Jesus que questiona a nossa vida. O confronto diário da nossa vida e missão com o Evangelho é que impulsiona a fidelidade ao carisma. O que nos diz Jesus em Mt 5,1-12; Lc 4,18-19; Lc 10,29-37; Mt 25,31-46? São textos bem vicentinos e que nos interpelam a viver a familiaridade com Jesus Cristo, aprender com Ele a amar e servir, *“a viver a proximidade com os excluídos, as vítimas de todas as formas de violência”* (DIA, p. 6). As bem-aventuranças são o nosso programa de vida para atualizar o carisma.

O testemunho do Papa Francisco questiona nossa vida e a fidelidade ao carisma. Seus escritos revelam seu amor pelos pobres, seu engajamento na luta pela justiça e solidariedade, sua coragem de profeta para anunciar a Boa Nova: *“Os cristãos são chamados a ouvir o clamor dos pobres... Dos pobres mais pobres da terra, porque a paz funda-se não só no respeito pelos direitos do homem, mas também no respeito pelo direito dos povos”*⁷⁰. Nossa Superiora geral, Ir. Kathleen também nos interpela: *“Nosso carisma nos impele a refletir a ternura de Deus e a sempre levar com respeito o amor de Jesus aos pequeninos entre nós. Graças a uma espiritualidade encarnada, somos convidadas a viver a mística da caridade. Somos chamadas a ir ao encontro dos pobres e a matricularmo-nos em sua escola”*⁷¹. Vemos que a Igreja e a Companhia nos encorajam e nos interpelam. Se faz necessário avaliar nossa realidade e sentir como estamos respondendo a essas interpelações. Nosso carisma nos conduz ao serviço de serva, daquela que está sempre disponível a ir ao encontro dos mais frágeis da sociedade, dos que precisam ser libertados da vida miserável em que vivem. A Filha da Caridade ama os rejeitados da sociedade e tem a preocupação de libertá-los, de ajudá-los na sua promoção integral.

A Companhia empreende todos os esforços para que a fidelidade ao carisma seja autêntica. As Constituições dizem que para viver o carisma, urge *“buscar na fonte as intuições e inspirações dos*

⁷⁰ Papa Francisco. *Evangelii Gaudium*, 187 e 190.

⁷¹ Ir. Kathleen Appler, Carta de 02 de fevereiro de 2017.

Fundadores, para responder, com uma fidelidade e disponibilidade sempre renovadas, às necessidades de seu tempo” (Constituições, p. 20). O Documento Interassembleias 2015-2021 pede: *“Ousemos renovar nossos corações, renovar nossas respostas, renovar com audácia nossa caridade para um novo elã missionário”*⁷². Ele nos oferece cinco convicções vitais para o futuro da Companhia. Elas estão encaixadas no que estou apresentando: Pertença a Deus, pertença à Companhia e pertença aos pobres.

Se decidimos realmente viver animadas pelo espírito das bem-aventuranças, nos encorajando a dar o melhor de nós mesmos(as), a “Sair porta afora... Ir para... Encontrar” primeiramente as nossas Irmãs dentro da comunidade para juntas formarmos a revolução da ternura e avançar em direção dos irmãos que sofrem, o carisma brilhará como no tempo dos Fundadores. A decisão é nossa.

Na Exortação Apostólica a *Alegria do Evangelho*, que é o programa de vida do Papa Francisco, ele convida a sair da periferia existencial. Usa uma linguagem nova: *“Eu quero uma Igreja em saída”*. Sair do seu próprio conforto (EG, 11), ter coragem de sair para ir às periferias que precisam do Evangelho. Para isso é preciso se converter, sair de si mesmo. *“Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”*⁷³. O apelo do Papa é forte e urgente. Ele colocou a Igreja em movimento, ajudando-a a sair dos palácios, de uma vida de conforto para ir às periferias do mundo.

É tempo de fazer atenção ao nosso modo de vida, pois a mundanidade espiritual pode entrar em nossas vidas quando buscamos sempre o nosso próprio interesse. O Papa Francisco diz que a mundanidade é uma doença. Urge fazer atenção, pois, sem espiritualidade que impulse a vida, a pessoa fica doente, cansada, incapaz de uma ação, de doar sua vida por amor a Jesus Cristo.

Ao perder o contato direto com os pobres, a pessoa faz seu projeto pessoal, isolando-se da Comunidade, o que leva à acídia,

⁷² Documento Interassembleias 2015-2021, p. 8.

⁷³ Papa Francisco. *Evangelii Gaudium*, 49.

à acomodação, à apatia, à tristeza que enfraquece o dinamismo da missão. Ela fecha-se em si mesma em vez de ser uma Igreja em saída, uma Companhia em saída. Se a pessoa se ocupa só de si mesma, quem irá se ocupar dos pobres? Se faz necessário realizar um trabalho para a pessoa sair do conflito pessoal, se libertar. Assim terá energia para “Sair porta afora... Ir para... Encontrar”. As Assembleias nos convidam a viver o dinamismo profético do carisma, isso é fidelidade ao carisma.

Quando o Papa Francisco fala da periferia, logo pensamos em São Vicente, Santa Luísa e nas Primeiras Filhas da Caridade que ousaram partir para as periferias da França e servir os verdadeiramente pobres. O Papa Francisco fala de diversas periferias: geográfica, humana, existencial, espiritual. No século XVII, São Vicente socorreu todas essas formas de periferias. É claro que ele não usou esse termo, mas ele mesmo se colocou a serviço das periferias do seu tempo. Ele se compadeceu da multidão de camponeses que viviam num total abandono espiritual e numa grande pobreza. Ele se compadeceu dos miseráveis que viviam em condições desumanas, dos feridos das guerras, dos galerianos, das crianças abandonadas e do clero sem formação. Ele trouxe a miséria dos pobres para o seu coração, para a sua oração e contemplação diárias.

É admirável o zelo de São Vicente pela missão. Como Jesus, ele se entregava totalmente ao serviço dos pobres, ao anúncio do Reino de Deus aos pobres. Ele não olhou só para os pobres, mas se preocupou em formar o clero, preparar missionários para anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo. Através das conferências das terças-feiras, libertou o clero, preparou-o para uma vida de fé, fez reflexão teológica, pastoral e espiritual. Toda esta força, esse dinamismo saiu do grande amor que ele tinha a Jesus Cristo, da contemplação quotidiana, do seu grande desejo de configurar sua vida com a de Jesus, que foi o Bom Pastor, o missionário do Pai.

A imagem do Bom Pastor pode ser também atribuída a São Vicente. Jesus é o Bom Pastor que procura a ovelha perdida, deixa as noventa e nove, vai em busca de uma só que se perdeu. Ir em busca da ovelha perdida significa ir à periferia, ir em busca de toda forma de pobreza e miséria do mundo.

Já no século XVII, São Vicente fez a revolução da ternura, do amor de Deus para com os pobres e miseráveis. Serviu apaixonadamente a Jesus nas diferentes formas de pobreza. Fez uma descoberta considerada: Deus se manifestou ao mundo na pessoa de Jesus Cristo, depois na Eucaristia. São Vicente acrescentou uma outra manifestação de Deus: Ele também se manifesta nos pobres e miseráveis. São Vicente era convicto de que Deus estava presente nos pobres, ele encarnava o Evangelho de Mateus 25, 31ss.

- Nossa vida é iluminada pelo espírito das bem-aventuranças?
- Será que transmitimos aos pobres um testemunho de verdadeiras servas segundo o espírito das Constituições?
- Nossas comunidades são um coração aberto aos pobres e atento a todas as formas de pobreza?

Para Concluir

Eu desejo que esta simples reflexão sobre a nossa vida quotidiana abra espaço para uma oração mais fecunda, uma união fraterna mais ardorosa e um serviço dos pobres realizado com muito amor, centrado na vida de Jesus missionário do Pai. Ser fiel ao carisma trata-se de **VIVER e SABOREAR** o gosto de uma vida plena em Deus. Trata-se de viver a vocação **“numa configuração progressiva a Jesus Cristo”**. Trata-se de **EXISTIR**, de ter consciência de estar enraizado(a) em Deus, na Companhia e no seio da vida dos pobres.

Convido-os(as) a escutar os nossos Santos Fundadores quando faziam suas reflexões às primeiras Irmãs: S. Vicente: *“Eis que já é tarde; é tempo de acabar. Terminando, peço a Deus que se digne derramar as suas bênçãos sobre toda a Companhia para que cumpra neste mundo a sua Santíssima vontade com tanta fidelidade que possa um dia gozer da eterna glória no outro”*⁷⁴. Santa Luísa, com o seu testamento, vem concluir este momento: *“Pedi à Santíssima Virgem seja ela vossa única Mãe”*.

⁷⁴ SV, Conferência de 13 de fevereiro de 1646, p. 162.

A MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 57º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES



“Queridos irmãos e irmãs!

A 4 de agosto do ano passado, no 160º aniversário da morte do Santo Cura d’Ars, quis dedicar uma Carta aos sacerdotes, que todos os dias, obedecendo à chamada que o Senhor lhes dirigiu, gastam a vida ao serviço do Povo de Deus.

Então escolhi quatro palavras-chave - tribulação, gratidão, coragem e louvor - para agradecer aos sacerdotes e apoiar o seu ministério. Acho que, neste 57º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, poder-se-ia retomar aquelas palavras e dirigi-las a todo o Povo de Deus, tendo como pano de fundo o texto evangélico que nos conta a experiência singular que sobreveio a Jesus e a Pedro durante uma noite de tempestade no lago de Tiberíades (cf. Mt 14, 22-33).

Depois da multiplicação dos pães, que entusiasmou a multidão, Jesus manda os discípulos subirem para o barco e seguir à sua frente para a outra margem, enquanto Ele despedia o povo. A imagem desta travessia do lago sugere de algum modo a viagem da nossa existência. De fato, o barco da nossa vida avança lentamente, sempre preocupado à procura de um local afortunado para atracar, pronto a desafiar os riscos e as conjunturas do mar, mas desejoso também de receber do timoneiro a orientação que o coloque finalmente na rota certa. Às vezes, porém, é possível perder-se, deixar-se cegar pelas ilusões em vez de seguir o farol luminoso que o conduz ao porto seguro, ou ser desafiado pelos ventos contrários das dificuldades, dúvidas e medos.

Assim acontece também no coração dos discípulos, que, chamados a seguir o Mestre de Nazaré, têm de se decidir a passar à outra margem, optando corajosamente por abandonar as próprias seguranças e seguir os passos do Senhor. Esta aventura não é tranquila: cai a noite, sopra o vento contrário, o barco é sacudido pelas ondas, e há o risco de sobrepor-se o medo de falhar e não estar à altura da vocação.

Mas, na aventura desta travessia não fácil, o Evangelho diz-nos que não estamos sozinhos. Quase forçando a aurora no coração da noite, o Senhor caminha sobre as águas tumultuadas e vai ter com os discípulos, convida Pedro a vir ao encontro d'Ele sobre as ondas e o salva quando o vê afundar; finalmente, sobe para o barco e faz cessar o vento.

Assim, a primeira palavra da vocação é **gratidão**. Navegar pela rota certa não é uma tarefa confiada só aos nossos esforços, nem depende apenas dos percursos que escolhemos fazer. A realização de nós mesmos e dos nossos projetos de vida não é o resultado matemático do que decidimos dentro do nosso “eu” isolado; pelo contrário, trata-se, antes de mais nada, da resposta a um chamado que nos chega do Alto. É o Senhor que nos indica a margem para onde ir e, ainda antes disso, dá-nos a coragem de subir para o barco; e Ele, ao mesmo tempo que nos chama, faz-Se também

nosso timoneiro para nos acompanhar, mostrar a direção, impedir-nos de encalhar nas rochas da indecisão e tornar-nos capazes até de caminhar sobre as águas agitadas.

Toda a vocação nasce daquele olhar amoroso com que o Senhor veio ao nosso encontro, talvez mesmo quando o nosso barco estava à mercê da tempestade. *“Mais do que uma escolha nossa, a vocação é resposta a um chamado gratuito do Senhor”* (Carta aos Presbíteros, 4/VIII/2019); por isso conseguiremos descobri-la e abraçá-la, quando o nosso coração se abrir à gratidão e souber reconhecer a passagem de Deus pela nossa vida.

Quando os discípulos veem Jesus aproximar-se caminhando sobre as águas, começam por pensar que se trata de um fantasma e assustam-se. Mas, Jesus imediatamente os tranquiliza com uma palavra que deve acompanhar sempre a nossa vida e o nosso caminho vocacional: *“Coragem! Sou Eu! Não temais!”* (Mt 14, 27). Esta é precisamente a segunda palavra que gostaria de vos deixar: **coragem.**

Frequentemente aquilo que nos impede de caminhar, crescer, escolher a estrada que o Senhor traça para nós são os fantasmas que pululam nos nossos corações. Quando somos chamados a deixar a nossa margem segura para abraçar um estado de vida - como o matrimônio, o sacerdócio ordenado, a vida consagrada - muitas vezes a primeira reação é constituída pelo “fantasma da incredulidade”: não é possível que esta vocação seja para mim; trata-se verdadeiramente da estrada certa? Precisamente a mim é que o Senhor pede isto?

E, pouco a pouco, avolumam-se em nós todas aquelas considerações, justificações e cálculos que nos fazem perder o ímpeto, confundem-nos e deixam-nos paralisados na margem de embarque: julgamos ter sido um erro, não estar à altura, ter simplesmente visto um fantasma que se deve afugentar.

O Senhor sabe que uma opção fundamental de vida - como casar-se ou consagrar-se de forma especial ao seu serviço - exige coragem. Ele conhece os interrogativos, as dúvidas e as

dificuldades que agitam o barco do nosso coração e, por isso, nos tranquiliza: *“Não tenhas medo! Eu estou contigo”*. A fé na presença d’Ele que vem ao nosso encontro e nos acompanha mesmo quando o mar está revolto, liberta-nos daquela acídia que podemos definir como uma *“tristeza adocicada”* [Carta aos Presbíteros, 4/VIII/2019], isto é, aquele desânimo interior que nos bloqueia impedindo-nos de saborear a beleza da vocação.

Na Carta aos Presbíteros, falei também da **tribulação**, que aqui gostaria de especificar concretamente como **fadiga**. Toda a vocação requer empenho. O Senhor chama-nos, porque nos quer tornar, como Pedro, capazes de “caminhar sobre as águas”, isto é, pegar a nossa vida para colocá-la a serviço do Evangelho, nas formas concretas que Ele nos indica cada dia e, de modo especial, nas diferentes formas de vocação laical, presbiteral e de vida consagrada. À semelhança do Apóstolo, porém, sentimos desejo e ardor e, ao mesmo tempo, vemo-nos assinalados por fragilidades e temores.

Se nos deixarmos arrastar pelo pensamento das responsabilidades que nos esperam ou das adversidades que surgirão, bem depressa desviaremos o olhar de Jesus e, como Pedro, arriscamo-nos a afundar. Pelo contrário, a fé permite-nos, apesar das nossas fragilidades e limitações, caminhar ao encontro do Senhor Ressuscitado e vencer as próprias tempestades. Pois Ele estende-nos a mão, quando, por cansaço ou medo, corremos o risco de afundar e dá-nos o ardor necessário para viver a nossa vocação com alegria e entusiasmo.

Por fim, quando Jesus sobe para o barco, cessa o vento e aplacam-se as ondas. É uma bela imagem daquilo que o Senhor realiza na nossa vida e nos tumultos da história, especialmente quando estamos a braços com a tempestade: Ele ordena aos ventos contrários que se caíem, e então as forças do mal, do medo, da resignação deixam de ter poder sobre nós.

Na vocação específica que somos chamados a viver, estes ventos podem debilitar-nos. Penso em quantos assumem funções

importantes na sociedade civil, nos esposos, que intencionalmente me apraz definir “os corajosos”, e de modo especial penso nas pessoas que abraçam a vida consagrada e o sacerdócio. Conheço a vossa fadiga, as solidões que às vezes tornam pesado o coração, o risco da monotonia que pouco a pouco apaga o fogo ardente da vocação, o fardo da incerteza e da precariedade dos nossos tempos, o medo do futuro. Coragem, não tenhais medo! Jesus está ao nosso lado e, se O reconhecermos como único Senhor da nossa vida, Ele estende-nos a mão e agarra-nos para nos salvar.

E, então, a nossa vida, mesmo no meio das ondas, abre-se ao **louvor**. Esta é a última palavra da vocação, e pretende ser também o convite a cultivar a atitude interior de Maria Santíssima: agradecida pelo olhar que Deus pousou sobre Ela, superando, na fé, medos e perturbações, abraçando com coragem a vocação, Ela fez da sua vida um cântico eterno de louvor ao Senhor.

Caríssimos, especialmente neste Dia de Oração pelas Vocações, mas também na ação pastoral ordinária das nossas comunidades, desejo que a Igreja percorra este caminho a serviço das vocações, abrindo brechas no coração de todos os fiéis, para que cada um possa descobrir com gratidão a chamada que Deus lhe dirige, encontrar a coragem de dizer “sim”, vencer a fadiga com a fé em Cristo e finalmente, como um cântico de louvor, oferecer a própria vida por Deus, pelos irmãos e pelo mundo inteiro. Que a Virgem Maria nos acompanhe e interceda por nós!

Roma, São João de Latrão, no II Domingo da Quaresma,
8 de março de 2020.

Franciscus

CNBB - DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA DO BRASIL 2019- 2020

Objetivo geral

EVANGELIZAR, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo.



Segundo um dos redatores do texto sobre as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023), o central nas Novas Diretrizes é mais uma vez um novo chamado de retorno às fontes para olhar a experiência das comunidades primitivas e, inspirados por elas, formar, no hoje da história e na realidade urbana, comunidades eclesiais missionárias.

“Que essas comunidades eclesiais missionárias tenham jeito de casa, de acolhida, não uma coisa estática de paredes simplesmente, ou da estrutura física. Mas, acima de tudo as diretrizes falam de um jeito de ser, de uma postura que lembre, evoque a ideia da casa que acolhe, que é espaço de ternura e misericórdia.”

Os quatro pilares

A casa é onde as pessoas são identificadas pelo nome, pelo jeito, onde têm história. Na proposta das diretrizes, lembrou o redator, a casa é sustentada por quatro pilares essenciais: A **Palavra** de Deus e a iniciação à vida cristã; o pilar do **Pão** que é a casa sustentada pela liturgia e sobre a espiritualidade; o pilar da **Caridade** que é a casa sustentada sobre o acolhimento fraterno e sobre o cuidado com as pessoas, especialmente os mais frágeis, excluídos e invisíveis; o pilar da **Missão**, porque é impossível fazer uma experiência profunda com Deus na comunidade eclesial que não leve, inevitavelmente, à vida missionária.

A realidade urbana, fragmentada, carregada de luz e de sombras, mas também cheia de potencialidades, é definida pelo padre como muito mais do que um lugar social geográfico, mas como uma mentalidade e cultura. *“Nesta realidade, a Igreja é convidada a ser presença. Como casa. Como comunidade eclesial missionária”*, reafirmou.

Urgências

1. IGREJA EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO - Onde Jesus nos envia? Não há fronteiras, não há limites. A missão é o paradigma de toda ação eclesial. Temos de sair de toda estrutura que criamos e ir ao encontro das pessoas onde elas estão. Não somente ficar à espera delas, mas procurá-las para falar de Jesus Cristo e dos valores do Evangelho. Precisamos escutar novamente o “ide” para, em atitude de missão, abrir a porta da misericórdia a todos os irmãos aonde eles estiverem, o que requer sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias.

2. IGREJA CASA DA INICIAÇÃO A VIDA CRISTÃ - A catequese, como a conhecemos hoje, está ultrapassada, e já não evangeliza mais com eficiência. Isso quer dizer que ela estava errada? Não, mas que precisa urgentemente ser atualizada. A iniciação à vida cristã se refere, principalmente, à adesão a Jesus Cristo, mas não se esgota na preparação aos sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia. Fundamenta-se no primeiro anúncio que sempre se tem de voltar a anunciar e ouvir de diversas maneiras. Nossas comunidades precisam ser mistagógicas, lugar por excelência da iniciação à vida cristã, preparadas para favorecer que o encontro com Jesus Cristo se faça e se refaça permanentemente. Precisam de um itinerário de formação catecumenal, itinerário decisivo para dar respostas adequadas aos desafios da catequese em nosso tempo.

3. IGREJA LUGAR DE ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL - A Sagrada Escritura é a Palavra de Deus que ilumina os cristãos, enquanto discípulos missionários de Jesus Cristo presentes em

todo o mundo. Para tanto, ela precisa ser manuseada, refletida, rezada, vivida e amada. A comunidade é o lugar por excelência aonde devemos deixar-nos entusiasmar pela Bíblia, encarnada e concretizada em Jesus, e por sua proposta de um mundo novo. A Igreja funda-se na Palavra de Deus, nasce e vive dela. Ela é a força do povo de Deus que cresce na escuta, na celebração e no estudo desta divina Palavra. É necessário abrir o coração para fazer dela o alimento que, entrando pela mente, toque o coração, nutra o espírito, transforme a vida. A Palavra de Deus deve ser a fonte inspiradora de oração, de fraternidade e de conversão.

4. IGREJA COMUNIDADE DE COMUNIDADES - Vivemos numa época em que somos orientados para o individualismo e o subjetivismo inclusive na fé. Tendo consciência do valor e do significado da adesão pessoal a Jesus não podemos professar e praticar fé de forma coerente se não o fizermos em comunidade. O discípulo missionário de Jesus Cristo faz parte do Povo de Deus (cf. 1Pd 2,9-10; LG, n. 9) e, necessariamente, vive sua fé em comunidade. *“A dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja, que deve refletir a Santíssima Trindade”*. Sem vida em comunidade, não há como efetivamente viver a proposta cristã, isto é, o Reino de Deus. A comunidade acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta. Ao mesmo tempo em que se constata, nesta mudança de época, uma forte tendência ao individualismo, percebe-se igualmente a busca por vida comunitária. Esta busca nos recorda como é importante a vida em fraternidade. Mostra também que o Espírito Santo acompanha a humanidade suscitando, em meio às transformações da história, a sede por união e solidariedade. A busca sincera por Jesus Cristo faz surgir a correspondente busca por diversas formas de vida comunitária. Articuladas entre si, na partilha da fé e na missão, estas comunidades se unem, dando lugar a verdadeiras redes de comunidades. Entre elas, encontram-se as Comunidades Eclesiais de Base e outras formas de novas comunidades, cada uma vivendo seu carisma, assumindo a missão evangelizadora de acordo com a realidade local e se articulando de modo a testemunhar a

comunhão na pluralidade. Comunidade implica necessariamente convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade nos sonhos, nas alegrias e nas dores. Um dos maiores desafios consiste em iluminar, com a Boa Nova, as experiências nos ambientes marcados por aguda urbanização, para os quais vizinhança geográfica não significa necessariamente convívio, afinidade e solidariedade.

Num mundo plural, não se pode querer um único modo de ser comunidade. O Espírito sopra onde quer e nenhuma concretização comunitária possui o monopólio da ação deste mesmo Espírito. A comunidade eclesial deve abrir-se para acolher dinamicamente os vários carismas, serviços e ministérios. De cada uma dessas comunidades, exige-se que sejam alicerçadas na Palavra de Deus, celebrem e vivam os sacramentos, manifestem seu compromisso evangelizador e missionário, principalmente com os afastados, sejam solidárias com os mais pobres. A Igreja precisa se fazer presente nas diversas realidades, ir ao encontro dos afastados, promover novas lideranças e a iniciação à vida cristã no ambiente em que as pessoas vivem. O investimento em pequenas comunidades traz consigo o desafio de se pensar nos seus pastores, bem como na diversificação dos ministérios confiados aos leigos. A pastoral vocacional se torna prioritária neste novo momento da história da evangelização, sobretudo para o ministério ordenado e a vida consagrada e para a sempre crescente adequação da formação inicial e permanente.

Em tempos de incerteza, individualismo e solidão, a presença de uma comunidade próxima à vida, às alegrias e às dores é um serviço que urge apresentar a um mundo que necessita vencer a “cultura de morte”. Comunidades são escolas de diálogo interno e externo. São pontos de partida para o anúncio do Deus da Vida, que acolhe, redime, purifica, gera comunhão e envia em missão.

5. IGREJA A SERVIÇO DA VIDA PLENA PARA TODOS - O nosso Deus é o Deus da vida e não da morte. Ser cristão é sinônimo de ser anunciador, defensor e promotor da vida. A vida humana e

tudo que dela decorre e com ela colabora, precisa ser objeto de nossa atenção e do nosso cuidado, do nascituro ao idoso, da casa comum ao emprego, saúde e educação. O cuidado com os direitos humanos, as políticas públicas que sustentam sua aplicação, hão de estar no horizonte da ação dos discípulos de Jesus, chamados a realizar as obras de misericórdia, tanto no âmbito pessoal, quanto comunitário e social. A ambição desenfreada, a avareza desumanizadora e o egoísmo exterminador pisoteiam a vida e ferem a dignidade humana.

Texto extraído do documento DGAE 2019-2020
e de uma tese da PUC - MG

MARIA NA SAGRADA ESCRITURA E A ESPIRITUALIDADE DO MAGNIFICAT

Podemos dizer que Maria, antes de tudo, esteve e sempre estará no coração de Deus Pai Criador e Salvador da Humanidade. Ela é a Filha Predileta... Sua figura, como mãe da Vida, educadora, discípula, missionária do Pai..., ultrapassa tudo o que podemos expressar sobre esta Mulher maravilhosa. Ela atinge a *“máxima realização da existência cristã, como um viver Trinitário de filhos no FILHO”*, através de sua fé e obediência à vontade de Deus. *“É a discípula mais perfeita do Senhor”* (cf. D.A 266).

Maria na Sagrada Escritura

Vamos dar uma olhada no antigo Testamento. No primeiro livro da Bíblia, o Gênesis (3,15-16) fala-se da luta entre a mulher e a serpente (símbolo do mal). Quem é esta mulher? Maria, a nova Eva, que, juntamente com seu Filho, pisa a cabeça da serpente. Vejam bem. À luz dos demais livros bíblicos, a Tradição cristã, frequentemente viu neste texto o “Protoevangelho” que anuncia a vitória do Messias, nascido de uma Mulher. Daí, podemos

compreender a confirmação no último livro da Bíblia, o Apocalipse (Ap 12), que fala da luta da Mulher e o dragão que quer destruir seu Filho. E quem vence? A mulher. E qual a imagem que temos de Maria que representa esta vitória? Claro! Nossa Senhora das Graças! Esmaga a cabeça da serpente.

Na carta aos Romanos (5,17ss), São Paulo faz uma leitura dialética entre Adão e Jesus, mostrando que por um entrou o pecado; logo, todos nos tornamos pecadores. E, por outro, entrou a graça, a Salvação, a justiça; logo, todos fomos justificados pela graça salvífica de Cristo. Então, pelo SIM de Maria Deus realiza o mistério da encarnação. O Papa Francisco, aos consagrados, diz: *“Maria aparece como modelo de acolhimento da Graça por parte da criatura humana (VC, 28)”*.

As profecias

O profeta Isaías (7,14) fala de uma jovem = *“almah”* (hebraico), que dará à luz um filho chamado *“Emanuel=Deus conosco”* ou o messias: *“pois bem, o Senhor mesmo dará um sinal: Eis que a jovem está grávida e dá à luz um filho e lhe porá o nome de Emanuel”* (Is 7,14). Isaías fala que o ***“Emanuel = Deus está conosco”*** (Is 8, 10) é o sinal da Vitória. Também Miqueias (750-697) (Mq 5,1-4), trinta anos depois de Isaías (Is 7,14) menciona ***“AQUELA QUE DEVE DAR À LUZ”***, aludindo possivelmente à mulher citada em Isaías.

A tradição judaica entendeu que essa jovem seria virgem, de tal modo que, quando os judeus de Alexandria no séc. III a.C. traduziram a Bíblia do hebraico para o grego (tradução dos LXX), Septuaginta, puseram a palavra hebraica *“parthénos”* = virgem, em lugar de *“almah”*. São Mateus cita esta profecia de Isaías, usando a tradução grega, como mãe e virgem. A tradição da Igreja confirma esta tradução a tal ponto que anuncia em 431dC, no Concílio de Éfeso, o dogma do *Theotócos* = Mãe de Deus e, em 1854, a 8 de Dezembro, o Papa Pio IX, solenemente, proclama a definição do dogma da Imaculada Conceição.

Mateus (1,18-25) fala do anúncio do anjo a José, filho de Davi. Mas, para isto, ele conta que Maria, prometida em casamento a José, estava grávida por obra do Espírito Santo. Mateus não relata o acontecimento da anunciação de Maria. Isto quem fala é Lucas.

No Evangelho de Lucas (1,28), Maria é saudada como: *“repleta da benevolência Divina”*. Maria, entre os personagens bíblicos, é quem mais recebe elogios. Por exemplo: Lc 1,28.35.48.49: *“Alegrete, ó Cheia de Graça, o Senhor está contigo”*; *“O Espírito Santo virá sobre ti”*; *“Todas as gerações me chamarão Bem-aventurada”*; *“O Todo Poderoso fez grandes coisas em mim”*.

MARIA, a mãe de Jesus, é esta mulher que ultrapassa todas as barreiras da existência humana, conduzida pela obra do Espírito Santo, em toda sua existência terrena, antes e após a ressurreição. Sua missão continua na Igreja nascente e se “estende de geração em geração” (Cf. Lc 1,50).

As duas saudações

a) Do anjo: Lc 1,28 - *“Ave cheia de graça. O Senhor é contigo!”* Esta saudação já explica todo teor da vida designada por Deus a Maria. Esta saudação já deixa Maria entrever nela uma vocação, um chamado especial. Ela, segundo Lucas, não foi tomada de “temor” como Zacarias, mas ela se pôs a refletir sobre a mensagem do Anjo. Ela procura penetrar no mistério dessa revelação inesperada. Maria é agraciada plenamente por ser isenta do pecado original.

b) A segunda saudação: Lc 1, 40-43 - Maria saúda a prima Isabel. O que aconteceu imediatamente? Um duplo anúncio, uma dupla revelação. O mesmo Espírito Santo que Maria tomou posse, a levou à casa de Isabel. A expressão no texto *“Partiu às pressas”*, significa que Maria foi impulsionada pelo Espírito Santo. Aí acontece o mais belo encontro de duas Mulheres. *“Tu és bendita entre todas as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre!”* Isabel prossegue: *“Como me é dado que venha a mim a mãe do meu Senhor?”* Esta expressão que sai dos lábios de Isabel, parte de dentro do seu

ventre, a alegria da criança. Entendemos que neste encontro, foi ação do Espírito Santo atuando em ambas.

Maria é a mãe do Salvador das profecias. Por isto Isabel exclama: *“Bem-aventurada é aquela que creu: o que lhe foi dito da parte do Senhor, acontecerá!”*

O Magnificat

Então Maria canta o Salmo de Louvor e Ação de Graças. Neste Salmo, que chamamos Magnificat, emprega de ponta a ponta, a linguagem do Antigo Testamento: refere-se ao cântico de louvor de Ana (1Sm 2,1-11), a 33 citações do livro dos Salmos e de outros livros do Antigo Testamento. O que de fato Maria canta no Magnificat? Ela Louva e dá graças a Deus pelo cumprimento das promessas da Aliança; pelas maravilhas que Ele fez, faz, e fará a seu povo; canta o poder de Deus em favor dos humildes; canta a fidelidade de Deus que sempre se “lembrou” da humilhação de seu povo e vem para libertar todos os que o temem, ou seja, a todos que O amam de todo coração; canta a fidelidade eterna de um Deus apaixonado pela salvação integral de seu povo eleito. Resumindo: o Magnificat é um dos mais belos cântico ou hinos de libertação do povo de Deus proclamado por Maria.

Quem é o povo de Israel que Maria louva a misericórdia de Deus?

É o povo da promessa, o povo que se manteve fiel ao Emanuel, o Deus que o libertou das garras do Faraó do Egito; que se manteve acreditando nas promessas de uma Libertação total vinda da parte de Deus.

Maria foi escolhida como filha de Sião, como membro de um povo chamado a gerar o messias. Isto quer dizer que o Sim de Maria é o Sim de uma coletividade; é o Sim de todo gênero humano, chamado a se prolongar na Igreja através dos séculos. *“Todas as gerações me chamarão Bem-aventurada...”* Maria é privilegiada, como já vimos, é “cheia de Graça”, não resta dúvida. No entanto,

ela se intitula *“servidora de Deus e da humanidade”*. *“Eis a Serva do Senhor...”* (Lc 1,38.48). O próprio Jesus ensinou que *“o maior deve ser como aquele que serve”* (Lc 22,26). Portanto, esta Serva fiel representa todo povo que esperava a Libertação de Israel.

Quem foi Maria, a mãe de Jesus em sua realidade?

Uma Mulher atenta, atuante, ativa, participativa, além de ser orante e intercessora, não só em seu tempo, mas em todos os tempos. Penso que a preocupação de Maria nas bodas de Caná da Galileia, ao exclamar: *“Eles não tem mais Vinho!”* (Jo 2,3), nos mostra claramente quem foi Maria e quem ela continua sendo. Nos últimos anos, Maria tem demonstrado sua imensa preocupação em ver todos nós, filhos e filhas, juntos a Seu Filho Jesus como fiéis discípulos e missionários (Doc.Ap.269). Ela é até hoje, e sempre será, a grande missionária do Pai, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários. Nesta mesma passagem acima citada, Ela nos ensina a confiar incondicionalmente na ação de Deus e de Jesus: *“Fazei tudo o que Ele vos disser!”* (Jo 2,5).

Portanto, a nossa devoção a Maria nos proporciona elementos que solidificam cada vez mais a fé enraizada na vivência da Palavra de Deus, por ser Ela este “porto seguro” que nos leva até Jesus. Por ser “Cheia de Graças”, Ela nos aponta o caminho, muitas vezes turvo, pelas dificuldades e, porque não, pelos muitos pecados com os quais ofendemos a Deus. Como cantamos: *“Iluminada, iluminadora, inspiradora de quem quer amar, e andar com Jesus”*. Confiamos que ela, estando à frente, nos dá segurança no seguimento de Jesus para que saibamos *“fazer tudo o que Ele nos disser!”*

Nas primeiras Igrejas - cada um criava em torno de si uma comunidade, que denominava Igreja - historicamente, Maria foi, digamos assim, responsável pela aglutinação dos membros dessas comunidades em torno do mesmo objetivo: viver e anunciar os ensinamentos de seu Filho Jesus. E a Igreja passa a ser Una Santa, Católica, Apostólica, Romana.

A espiritualidade Mariana é uma espiritualidade libertadora?

Sim. Se olharmos os textos bíblicos do Gênesis ao Apocalipse, vemos esta espiritualidade libertadora, pois Maria foi escolhida por Deus para gerar Aquele que veio libertar a Humanidade em todas suas dimensões, física e espiritual, ou seja, em seu Ser integral. Como vimos, o Magnificat está inteiramente tecido pelos fios da Sagrada Escritura. Maria fala e pensa com a Palavra de Deus.

Para nós hoje, *“essa familiaridade com o mistério de Jesus é facilitada pela recitação do Rosário, onde Maria nos ensina a contemplar a beleza do Rosto de Cristo e a experimentar a profundidade de seu amor”* (Doc.Ap. 271-272); amor que liberta e salva, assim como as abundantes graças pelos méritos de Cristo que recebemos ao invocar a Virgem “Cheia de Graças”.

O Papa Bento XVI disse em seu discurso no final da recitação do Terço em Aparecida: *“Permaneçam na escola de Maria. Inspirem-se em seus ensinamentos. Procurem acolher e guardar em seus corações as luzes que ela, por mandato Divino, envia a vocês a partir do Alto”*.

E termino com uma fala do Papa Francisco: *“Em várias aparições Maria prometeu: ‘Por fim o meu Imaculado Coração triunfará’. Todavia a Virgem quer que nos esforcemos, que nos convertamos, vivamos conforme o Evangelho de seu Divino Filho; façamos penitência e oração. É através destas práticas que o coração da Mãe de Deus reinará sobre o mundo inteiro e sobre nossas vidas”*.

Ó MARIA CONCEBIDA SEM PECADO, ROGAI POR NÓS QUE RECORREMOS A VÓS!

Ir. Adenilde F. Macedo FC

Apresentado na Live *Maria a Mãe de Jesus e nossa Mãe*, promovida pela JMV, durante as Celebrações dos 190 anos da primeira Aparição de Maria a Catarina Labouré



EM TEMPOS DE PANDEMIA

A PROVÍNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Como consequência da COVID 19, pandemia que assusta o mundo inteiro, o isolamento social, recomendado como meio de prevenção, restringiu ou paralisou as atividades que comportam aglomerações. Protocolos nas casas foram elaborados com maiores critérios de segurança, tanto para os colaboradores quanto para os internos e Irmãs, porque acontecendo a flexibilização, como ainda há oscilações na curva de contaminação, precisamos manter os cuidados recomendados pela OMS.

Os colaboradores com 60 anos ou mais continuam em casa por Medida Provisória (MP) e os demais trabalhando em *home office*; os que fazem parte do grupo de serviços essenciais, com horários reduzidos. Foi adotada a MP que permite a diminuição de carga horária com a redução de salário, tendo o cuidado de verificar se os trabalhadores realmente vêm recebendo a parte que cabe ao Governo pagar. Foram contratadas, por tempo determinado, cuidadoras para as Casas Rosalie Rendu e Mère Blanchot.

Na Associação, estão diminuindo os casos de colaboradores contaminados. No momento, graças a Deus, não temos nenhum contaminado pela Covid 19.

A Casa do Ancião - Taubaté/SP, a Cidade dos Velhinhos - São Paulo/SP e a Casa dos Pobres - Nova Friburgo/RJ continuam recebendo da Associação as orientações e auxílios necessários para manterem um serviço de qualidade neste tempo de pandemia.

Atualmente, nossa Província mantém nove escolas e sete centros de educação infantil (este é o termo usado para as creches). No estado do Rio de Janeiro são quatro Colégios Vicentinos (CV) e dois Centros de Educação Infantil Vicentino (CEIV). No estado

de São Paulo, são quatro CV e cinco CEIV. E no estado do Espírito Santo, um CV. Em virtude da pandemia, todos foram fechados e seguem atentamente as orientações da OMS e das instâncias governamentais.

Desde o começo do isolamento social, nossas escolas adotaram a modalidade de ensino remoto, isto é, através de plataformas *online* são enviadas atividades aos alunos e oferecidas aulas em tempo real ou gravadas. O sistema de avaliação também foi adaptado para ser feito remotamente. É importante ressaltar que as escolas não utilizam o sistema EAD (Ensino à Distância), mas sim, o ensino remoto. Esta nova modalidade de ensino tem exigido muito trabalho dos professores e das equipes técnico-pedagógicas que precisaram, rapidamente, “reinventar” a forma de realização do processo pedagógico, considerando que não somente os estudantes estão em casa tendo aulas, mas muitos pais estão trabalhando em regime de home office e nem sempre há mais de um computador na casa e, quando há, o pacote de internet pode não suportar tantas pessoas conectadas assistindo vídeos e fazendo outras atividades.

Os professores estão trabalhando em suas casas e, nas instituições, há um número reduzido de colaboradores, frequentemente, em sistema de rodízio e horário de trabalho alterado, conforme orientações recebidas dos órgãos governamentais.

Outro desafio é o agravamento da crise econômica do país que promove o questionamento dos valores da anuidade escolar, gera um aumento da inadimplência e diminuição do número de estudantes (que se transferem para a rede pública). Tudo isso obriga os gestores a diálogos, muitas vezes, tensos e desgastantes com as famílias e os colaboradores, além de cortes no quadro de colaboradores.

Os CEIV's que têm convênio com prefeituras não enfrentam dificuldades com relação à manutenção dos salários e reclamações dos pais. Nestes casos, os municípios enviam cestas básicas, mensalmente, que são distribuídas às famílias das crianças. O ensino remoto tem um perfil diferente devido à idade das crianças, mas tem sido realizado. Nos CEIV's privados, isto é, mantidos pela

Associação, como o CEIV Casa da Criança São José, em São João de Meriti/RJ, ou por anuidade como o Dispensário São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ, permanece o atendimento às famílias, por meio de campanhas de arrecadação de mantimentos e o ensino remoto.

Apesar dos desafios enfrentados, nossas escolas permanecem fiéis à sua identidade vicentina: o serviço espiritual e corporal aos pobres continua sendo feito. Diversas escolas realizaram campanhas de arrecadação de máscaras e mantimentos, em regime de *drive-thru* (as famílias encostam o carro, deixam a doação e saem), que foram enviadas a paróquias, entregues diretamente às famílias mais necessitadas e, também, ao nosso Centro de Atendimento aos Refugiados - Rio de Janeiro/RJ. O cuidado espiritual permanece através de momentos de oração e mensagens divulgadas e realizadas nas redes sociais das instituições.

A Comissão de Educação continua trabalhando e atenta às necessidades do “novo normal” que teremos com o reinício das aulas. Temos consciência de que o futuro é ainda mais incerto, mas refletimos juntos, estudamos e procuramos encaminhamentos que nos mantenham fiéis ao nosso Carisma e permanecemos abertos ao que o Espírito e os sinais dos tempos nos dirão sobre os rumos a tomar.

Outras atividades vêm envolvendo nossas instituições. A equipe de Pastoral Escolar do Colégio Virgem Poderosa - São Paulo/SP se uniu ao Pe. Júlio Lancellotti, evangelizando, entregando café da tarde e cobertores aos nossos irmãos de São Paulo em situação de rua.

A Província participa de uma Campanha de doação de sabão, álcool em gel, dentre outros materiais para a Pastoral Carcerária do Complexo Prisional de Bicas - Minas Gerais. As Creches e o Colégio Vicentino Padre Corrêa que são conveniadas continuam atentas, acompanhando se as famílias estão recebendo o cartão Merenda Certa.

A Creche Lar São José em São João do Meriti/RJ, com 150 crianças e 120 famílias, está ajudando com cestas básicas, realizando visitas às famílias, levando atividades pedagógicas. Elas receberam doações de cestas básicas e a incluímos numa ONG coordenada pelos amigos do grupo jurídico da ASVP para que recebam mais doações de cestas básicas.



No Projeto Centro de Atendimento aos Refugiados - Rio de Janeiro/RJ, os colaboradores já retornaram ao trabalho e estão acolhendo os refugiados que chegam ao Centro, procurando atendê-los em tudo que é possível, distribuindo cestas básicas de alimento não perecíveis e de higiene, roupas, calçados, máscaras, brinquedos para as crianças. Cada dia se atende vinte famílias. A padaria tem ajudado doando pães.

O Projeto Promove Sepetiba - Rio de Janeiro/RJ, contando com entidades parceiras, tem conseguindo doar cestas básicas para famílias do Projeto e das localidades vizinhas da zona oeste que é muito pobre.

A Província também deu início ao atendimento à população em situação de rua, com uma Irmã indo à praça onde eles se encontram, entregando pão e leite com café àqueles que ficam lá na parte da tarde.



As visitas às Obras e Comunidades estão sendo realizadas para podermos perceber em que podemos ser mais efetivas, mesmo neste tempo de muita insegurança e medo por parte das Irmãs que estão nas Casas, dos colaboradores e internos, em se tratando de casas de interno de longa permanência.

Ir. Neil Pimentel

COM A PALAVRA, NOSSAS IRMÃS

Durante a doença das Irmãs com o vírus, foi muito difícil para nós, pois tivemos que viver uma realidade diferente da vida diária, a realidade do isolamento. Tivemos que nos adaptar. Foi um susto e uma tomada de decisão para assumir os cuidados.

Recebemos ajuda da Província, ou seja, veio a ajuda da Ir. Lúcia, da Ir. Elisa e da Ir. Sebastiana. O cuidado com todas foi e está sendo uma grande ajuda.

Foi um tempo de oração, mesmo não tendo Missa diária por algum tempo, mas não faltou Comunhão. Fizemos e estamos fazendo a celebração com a Comunhão, pois as missas estão em dias alternados.

Estamos vivendo com muita oração, fé e esperança, acreditando que Deus pode mudar todas as coisas. Temos muita esperança e oração.

Ir. Conceição Rosa de Jesus Abranjes,
Casa Rosalie Rendu – Rio de Janeiro/RJ



Dia 21 de abril levantei bem, assisti com as Irmãs a missa das 9h na TV Aparecida. Rezei o terço na varanda, li, tomei sol.

Às 11h30, quando chamaram para o almoço, ao levantar, senti uma indisposição e uma sensação de febre; fui ao refeitório, mas não tive vontade de almoçar.

Falei com Ir. Beatriz que falou com a Dra. Ana Clara que aconselhou ir para a

Emergência. Lá, tiraram sangue e colheram material do nariz e da garganta para o exame. Já no fim da tarde veio o resultado: positivo. O raio X do pulmão estava normal. Senti muito medo de ir para a UTI, mas graças a Deus não precisou e fui internada no 5º andar, num quarto. No dia seguinte, ainda consegui tomar café; depois, não suportava nenhuma alimentação. Minha língua ficou horrorosa, grossa com uma cor acinzentada, áspera.

Algumas vezes a temperatura chegou a 38, 39 graus, mas não tive dor, nem falta de ar... Me senti muito mal, um mal-estar geral. Tomei muito antibiótico venoso e outros medicamentos, venosos e orais.

Saí do hospital dia 29 ou 30, não me lembro mais... Quando cheguei na Casa Mãe Blanchot, que tinha outras Irmãs infectadas, ficamos isoladas totalmente das outras. Aí é que me senti mal. Não conseguia nem ver alimento, muita moleza, muita ansiedade, uma coisa que não sei dizer: não conseguia rezar nem fazer nada, parecia que não tinha fé, uma angústia interior, uma vontade de chorar... Até que consegui falar com Ir. Cristina, Visitadora e pedi ajuda. Dra. Ana Clara também me ajudou muito. E muitos amigos me acompanharam com orações e palavras de conforto. Isto durou muitos dias. Só foi melhorando quando saí do isolamento e senti a alegria das Irmãs pelo meu retorno ao convívio comum.

Hoje estou bem, digo, muito bem, graças à bondade e à misericórdia de Deus. E às orações dos amigos. Hoje vejo tudo isto que eu tenho passado desde 2018 como oportunidade de crescimento e para minha conversão.

Ir. Marley de Mello Rezende,
Missão Catarina Labouré – Rio de Janeiro/RJ

O que é de fato a Pandemia? Como resposta, podemos dizer que a pandemia que, a princípio poderia ser considerada como uma simples virose, se tornou de tal dimensão mundial, que dificilmente se explicaria a sua gravidade... a não ser as pessoas que sobreviveram à doença.

Permita-me falar um pouco sobre a minha terrível e dolorosa experiência de quinze dias de confinamento, ou seja, isolamento total.



Confesso que, muito embora eu não tenha sido hospitalizada, foi-me muito difícil e penoso permanecer quinze dias dentro de quatro paredes, completamente sozinha, com visitas apenas de médicos e enfermeiras, as quais me olhavam à distância, o que se explica pelo fato de estarem correndo o risco de se contaminarem também.

Durante esses dias de confinamento, pude me colocar no lugar de meus irmãos e irmãs vítimas da pandemia e avaliar, não somente o desespero de muitos condenados à morte, mas também a dor de seus familiares ao acompanharem através de informações a situação deprimente de seus entes queridos, sem outra perspectiva a não ser mesmo a própria morte, e a morte sem nenhum conforto dos parentes e amigos, forçados a praticamente abandoná-los por determinação do Ministério da Saúde.

Rezei por eles, pedindo ao nosso Bom Deus e Pai misericordioso que tenha compaixão de todos e os ajude a fazer das suas dores e angústias, caminho de encontro certo como o Senhor. Rezei e continuo rezando também, de maneira especial, por todos os profissionais da saúde para que, no exercício de sua missão e sagrada profissão, sejam poupados desta peste maligna e mortífera, talvez sem precedentes no mundo, e que vem causando tantos males a toda a humanidade. Rezei para que seja banida e apagada da face da

Terra e, assim, toda a humanidade possa respirar aliviada e, num grande abraço solidário, retomar suas atividades normais na Igreja e em todos os segmentos da sociedade.

Ir. Inês Castro
Casa Rosalie Rendu - Rio de Janeiro/RJ

Bem, o ano de 2020 começou e jamais imaginaria o que estava por vir... Uma pandemia que desestruturou o mundo inteiro.

No início senti a vida como que de “pernas pro ar”. Ouvíamos o apelo do Papa Francisco sempre nos convidando a uma Igreja em saída. Depois veio a Companhia com o tema das assembleias: EPHATA! Sair porta afora... Ir para... Encontrar. E de repente, ouvimos o forte clamor: “FIQUE EM CASA!” Muito sofrimento, muita angústia, muita dor, muitas mortes pelo mundo afora e, como que num piscar de olhos, o vírus começou a fazer vítimas conhecidas, bem pertinho de nós. Chegou às nossas comunidades! Pensei: “Meus Deus, nossas Irmãs idosas são frágeis demais, será que vão resistir?” A tristeza, o medo e a angústia aumentaram, mas aumentou também o desejo de ajudar, de tentar fazer algo pela VIDA! Foi então que senti o apelo no meu coração e liguei para a Casa Rosalie Rendu perguntando se podia ajudar em algo. Ir. Neusa me disse que estava precisando muito, pois estava com 09 funcionárias afastadas e algumas Irmãs contaminadas (em isolamento). Eu disse que poderia ajudar, pois as Irmãs da minha comunidade estavam bem de saúde e isoladas dentro de casa e, com minha ausência, podiam contar com a ajuda da Irmã Adriana. Conversei com a comunidade e elas prontamente aceitaram a minha proposta. Faltava então a autorização da Visitadora. Liguei para Irmã Cristina, ela me chamou para conversar e expôs a necessidade dessa ajuda, mas



também colocou sua preocupação comigo, explicando os riscos que eu correria. Concordei em ir e assumir os riscos confiando na graça de Deus. Fui...

Chegando lá, minha responsabilidade era distribuir os EPIs para os funcionários de manhã e na troca do plantão à tarde. E no decorrer do dia, ajudar com as Irmãs do 2º andar. Nos primeiros dias, senti um pouco de tensão e, claro, toda vez que eu entrava no quarto de alguma Irmã que estava em isolamento para dar comida ou ajudar a dar o banho, sentia medo de me contaminar, mas estava tomando todos os cuidados necessários: uso de luvas, capote, touca, máscara, viseira protetora, etc. Depois de uns quatro dias, eu já estava adaptada e, com a graça de Deus, pude viver uma experiência incrível junto a nossas Irmãs idosas. O dia era uma festa... Algumas queriam cantar e passear pelos corredores o tempo todo. Outras queriam tomar sol ou dormir o dia inteiro, se deixasse. Obviamente, tinha também os momentos de desentendimento entre elas, necessitando de intervenção em determinadas ocasiões. Mas foi bonito perceber a prática do pedido de desculpas e o desejo de conversão. Elas NÃO iam dormir sem pedir perdão! O horário da oração, da Missa e os compromissos para com a comunidade eram sagrados. Elas me lembravam quase uma hora antes de que estava na hora da Missa ou de alguma reunião/momento comunitário que estivesse marcado. Foram apenas vinte dias, mas foi um grande aprendizado. Voltei para casa para continuar a missão e ajudar Irmã Adriana a resolver algumas questões que se faziam urgentes, como por exemplo: redução de carga horária de funcionários, escalas de turnos reduzidos, redução de salários, demissões... Tudo para tentar amenizar os impactos da pandemia na Creche. Aos poucos as coisas vão se encaixando e tomando seus rumos.



Em meio a essa pandemia e com algumas atividades precisando ser retomadas, recebi da Irmã Nazaré, IC, minha orientadora espiritual e membro da equipe de coordenação da CRB-

RJ, a proposta de ajudar na sede para que a mesma não fique fechada e tenha gente lá todos os dias para atender as pessoas que procuram informações, atendimentos etc. E também para ajudar na organização dos arquivos e atualização dos cadastros das congregações. Com a Creche sem atividades pensei: “Por que não ajudar?” Com autorização da Visitadora, estou, então, prestando um serviço de voluntariado na sede da CRB-Regional Rio, toda segunda e quarta das 8h00 às 13h00.

Por tudo, isso só posso dizer: Obrigada, Senhor, por estar com saúde e poder ajudar!

Irmã Lucia Pereira dos Santos, FC

MINHA VIVÊNCIA COMO MÉDICA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NA ASVP

Atuar como médica geriatra das Irmãs durante a pandemia de COVID-19 foi um verdadeiro desafio. Manter conscientemente a calma e a serenidade, tão essenciais na minha prática médica, foi apenas uns dos desafios iniciais, quando todos sabíamos que a população idosa era a de maior risco diante da doença, em particular os idosos de muita idade e com múltiplas comorbidades, como era o nosso caso. Posso dizer que, para mim, vencer essa expectativa inicial tão desfavorável foi um verdadeiro exercício de fé, de entrega e de coragem. Trabalhando em equipe, redobramos a atenção aos possíveis sinais e sintomas da doença, para que fosse feito o manejo mais rápido e adequado para cada caso. As Irmãs que precisaram fazer isolamento demonstraram força e fé admiráveis, mantendo-se firmes diante do desconhecido. Com muita tristeza, após um longo mês de internação hospitalar, em que todo o tratamento possível foi tentado, perdemos a querida Irmã Dinelza. Estou certa de que ela e sua alegria de viver deixarão grandes saudades no coração de todas as Irmãs e de toda a equipe de profissionais de saúde, como deixaram no meu... Apesar de todas as dificuldades que enfrentamos e desta perda irreparável, no longo processo que vivemos na pandemia, sob tensões e pressões de muitos lados, posso reconhecer o crescimento que pude experimentar, não apenas como médica, mas principalmente como ser humano: o crescimento da minha determinação, o fortalecimento de minha vocação e sentido de vida e o aprofundamento de minha fé em Deus. Em meu coração, sei que fomos todas - equipe de cuidados e as Irmãs - muito abençoadas por Deus em toda essa trajetória. Estou certa de que Ele protegeu e suavizou nossos caminhos. Por isso e pela vida das Irmãs que venceram esta batalha contra a doença serei eternamente grata a Deus.



Ana Clara Guerreiro
Médica

A MINHA VISÃO COMO FISIOTERAPEUTA E AFILIADA À COMPANHIA DAS FILHAS DA CARIDADE

Quero colocar aqui o meu olhar sobre o como as Irmãs idosas das Casas Rosalie Rendu e Mère Blanchot tiveram forças e enfrentaram este momento tão difícil que foi a pandemia, que se iniciou aqui pra gente de forma rápida e inesperada, logo após o carnaval.

Foram tantas coisas que tivemos que fazer - a equipe toda: médica, fisioterapeutas, técnicas de enfermagem, cuidadoras, as Irmãs Serventes das casas e as Irmãs que ajudam as Irmãs Serventes - tivemos que organizar tudo... Mas, o que me marcou muito foi que, no momento exato, a Ir. Maria Cristina (Visitadora) e a Ir. Rizomar, e todas as Irmãs envolvidas no processo, providenciaram um teste PCR para as Irmãs e alguns colaboradores. E isso foi primordial porque algumas Irmãs apresentavam alguns sintomas, e, como o protocolo recomenda, elas deviam ficar em isolamento, e nós o fizemos. Mas não sabíamos quantas estavam contaminadas. E corríamos o sério risco de haver Irmãs com o vírus, mas sem qualquer sintoma. Então foi muito providencial ter sido realizado o exame de PCR, o oronasal. Conseguimos detectar o grupo de Irmãs que estavam com o vírus. E o que nos surpreendeu foi que algumas Irmãs que não apresentavam nenhum sintoma. Era uma situação de extrema gravidade, porque o vírus poderia ter-se espalhado pelas duas casas. Isto me marcou muito: o momento exato desta ação. Então foi feita a separação, as Irmãs que testaram positivo ficaram em isolamento, as Irmãs que estavam com sintomas mais graves foram para o Hospital, ficaram internadas, e nós, grupo de apoio, começamos a nos organizar melhor. Foram providenciados todos os EPIs para usarmos, para que pudéssemos cuidar das Irmãs que testaram positivo.

No início, as Irmãs estavam assustadas, vendo as notícias pela televisão, até contando quantos tinham morrido... Então, conversamos com elas para que parassem de ver esses noticiários, para ficarem mais tranquilas. Elas se tranquilizaram e permaneceram perseverantes na oração. Em nenhum momento deixaram a oração em comunidade: a reza do terço, as suas

orações em comunidade permaneceram muito fortes e presentes. E isso nos ajudou, a nós profissionais, e a mim, principalmente, que participei ativamente deste momento, como afiliada, em oração também.

Neste primeiro período da pandemia, de organização dos cuidados, houve o falecimento da Superiora Geral, notícia que elas receberam com muita tristeza, e celebraram as exéquias. Também perdemos nossa querida Ir. Dinelza. Mas, todas as Irmãs, mesmo as que estavam em isolamento, fizeram o tríduo preparatório para a Renovação e renovaram seus votos. A missa da Renovação foi transmitida pelo circuito interno de TV. As Irmãs que estavam em isolamento participaram pelos celulares, em seus quartos. Todas receberam a Santa Eucaristia pelas mãos das Irmãs responsáveis por levar a comunhão para elas.

Enfim, me marcou muito, e ainda me marca, a força que essas Irmãs idosas têm e transmitem pra gente... Elas têm corpos frágeis, mas o espírito forte, de fé, de esperança, de crer que Nosso Senhor



Jesus Cristo e nossa Mãe Santíssima as protege, protege a Casa Rosalie Rendu, a Casa Mère Blanchot, a Casa Provincial, o Hospital, e nós, funcionários. Elas também rezaram muito por todos os funcionários, tanto do hospital como das duas casas e da Casa Provincial também... e de todas as casas... Praticamente, elas rezaram pelo mundo todo...

Eu vi a força, a esperança e a fé de que as coisas iriam melhorar, como melhoraram. Desde o final de maio, não tivemos nenhum caso de Covid, nem de funcionários, nem de Irmãs. Isso mostra que tudo o que foi proporcionado pela Associação, em termos de equipamentos e treinamento para os funcionários, serviu para o cuidado e a prevenção para nossas queridas Irmãs.

Que Deus e nossa Mãe Santíssima nos abençoem e nos protejam. Eu me sinto muito grata de fazer parte da Companhia das Filhas da Caridade e muito feliz de estar junto das Irmãs idosas, Filhas da Caridade que se doaram tanto ao longo de suas vidas.

Rita de Cássia Balbina de Moura, Afiliada
Fisioterapeuta

O CEI CASA DA CRIANÇA SÃO JOSÉ DURANTE A PANDEMIA

Em 11 de março de 2020, a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) que caracterizou a disseminação comunitária da COVID-19 em todos os continentes consolidou, de vez, a realidade que muitos vinham pressentindo desde meados de fevereiro: nossas rotinas, planos e vidas sofreriam uma drástica mudança. E nossas Casas não estariam afastadas deste novo contexto. A partir de orientações de isolamento social e da decretação do estado de calamidade pública, logo em seguida, as atividades escolares presenciais do CEI Casa da Criança São José – São João de Meriti/RJ, tanto em nível de creche, como de pré-escola, foram suspensas em 16/03/2020.

Nesse momento, porém, uma nova realidade também se impunha às 125 famílias atendidas, exigindo novo dinamismo no enfrentamento das consequências humanitárias e econômicas. Em atendendo estritamente famílias economicamente hipossuficientes, isto é, de baixa renda, vulnerabilidade social e, não raro, em risco, residentes, sobretudo nas comunidades da Caixa D'água, Buraco Quente, Bacia, Favelinha da Linha e Engenheiro Belford, o serviço prestado pela Casa da Criança não se restringe apenas ao olhar pedagógico, sendo necessário estender-se ao acompanhamento socioassistencial.

Pelo fato de muitos núcleos familiares atendidos pela Casa da Criança serem constituídos por trabalhadores informais, ou subempregados, tão logo as medidas de isolamento social foram impostas nos municípios do Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, os efeitos econômicos se intensificaram sobre nossas famílias. De imediato, muitos não puderam mais exercer as atividades econômicas que garantiam o sustento do lar – camelôs, ambulantes, serventes em obras, vendedores de quentinhas; outros, por sua vez, foram dispensados por seus empregadores, considerando que exerciam funções simples, não possuíam formação especializada e, portanto, sob a mentalidade utilitarista, são facilmente substituíveis ao fim da crise.

Assim, diante do aumento da situação de vulnerabilidade das famílias, além de intensificarmos nossa atuação orientando-as



quanto à garantia de seus direitos, precisamos somar esforços que garantissem a alimentação básica de muitas crianças. Ocorre que, de forma concomitante, houve o aumento do gasto familiar com gêneros alimentícios e o prejuízo à renda familiar: as crianças passaram a se alimentar exclusivamente em casa, uma vez que deixamos de prestar o atendimento-dia com a paralisação das atividades; e muitas famílias perderam sua única fonte de recursos ao sustento do lar. Tendo contactado o setor de Alimentação da Secretaria Municipal de Educação tão logo percebidos os primeiros efeitos das medidas decorrentes do estado de calamidade, não obtivemos qualquer retorno quanto à distribuição de gêneros alimentícios através do Programa de Merenda Escolar desenvolvido pela municipalidade. Inspiradas pela carta de Santa Luísa, que durante um período de epidemia recomendava às Irmãs: *“Não ireis ver os doentes, eu vos peço, sem antes esfregar o nariz com vinagre e molhar as fontes com ele”* (SL, C. 683, pág. 723), não poderíamos fechar os olhos à realidade que se impunha, buscando parceiros que pudessem garantir, a tantas crianças, a alimentação diária.

ALGUMAS AÇÕES REALIZADAS:

Através da generosa doação de cestas básicas por benfeitores da Casa da Criança, foi possível socorrer todas as famílias que, devidamente acompanhadas, estavam passando necessidade, não tendo o alimento básico para ofertar às crianças e garantir seu sustento. Recebemos, ainda, doações de alimentos de uma loja de tintas parceira da Casa da Criança, e doações em espécie para complementar a alimentação das crianças e famílias. Pudemos, assim, incluir iogurtes, biscoitos e proteína - ovos - à cesta de doação.

Entre os dias 07 e 11 de maio, realizamos a distribuição das 130 cestas básicas. Até o mês de agosto, distribuímos 490 cestas.

Diagnóstico: demanda espontânea e acompanhamento sistemático

Durante este período, acompanhamos tanto as famílias cujas crianças se encontram inseridas no atendimento-dia pedagógico e assistencial ofertado na Casa da Criança, quanto aquelas das comunidades avizinhas à instituição e que, por serem casos crônicos, como pessoas com deficiência e/ou idosas, são sistematicamente acompanhadas e, eventualmente, requerem alguma assistência material.

As famílias passam por rigorosa avaliação socioassistencial para a inclusão no serviço ofertado na Casa da Criança São José, além de serem acompanhadas de perto pelas Filhas da Caridade e pela equipe multidisciplinar, através de visitas domiciliares, ligações telefônicas e encontros regulares. A cada ano, estas famílias renovam toda a documentação, tendo sua situação socioeconômica conjuntamente avaliada. Todas elas se enquadram no critério de estarem em situação de vulnerabilidade social, muitas chegando ao risco. Assim sendo, além daquelas famílias visitadas durante a pandemia, por apresentarem alguma necessidade mais premente, todas permaneceram sob acompanhamento continuado, ou recebendo o contato telefônico da equipe, ou vindo até a instituição de forma espontânea.

Precauções na entrega

Todas as famílias que estiveram na Casa da Criança São José neste período foram orientadas a utilizar máscara. Aquelas que não possuíam, receberam máscaras descartáveis disponibilizadas, bem como álcool em gel. Considerando as orientações tanto da OMS quanto da municipalidade no sentido de se evitarem aglomerações, as famílias foram atendidas individualmente, por horários previamente marcados. Assim, uma família não expunha a outra a qualquer perigo.

As Irmãs que realizavam o atendimento, por sua vez, também usaram máscara ao longo de todo o serviço, a fim de evitarem qualquer contágio ou disseminação da COVID-19. Considerando a

parceria existente entre a instituição e as famílias beneficiadas, avaliamos que tal organização teve grande êxito, e as famílias foram bastante receptivas, colaborativas e pontuais, respeitando horários e condições impostas ao atendimento.

Como se pode perceber a partir dos registros, as famílias atendidas são, em sua maioria, monoparentais. Todas, após o atendimento, expressaram sua gratidão àqueles que compartilharam, com elas, de sua própria mesa, garantindo-lhes o sustento básico. Inclusive, muitas mães, já em casa, mandaram registros fotográficos das crianças se alimentando, expressando a enorme gratidão por todo o apoio e tratamento recebidos.

O sentimento que nos contagia, a todas nós, Irmãs da Comunidade do CEI Casa da Criança São José, é um só: GRATIDÃO! Mesmo diante de tantas dificuldades e restrições, a solidariedade e a união dos Amigos da Casa transformaram este espaço de atendimento, expandindo-se a todas as famílias que vinham passando por necessidades: tanto aquelas que já recebiam atendimento educacional e socioassistencial, como também às da comunidade. Através da disponibilidade em somar esforços e garantir a sobrevivência de tantas crianças, a generosidade se transfigurou em partilha na vida de tantos.

Nós, Irmãs, rogamos a Deus que Ele, o dono da Casa, retribua, com muitas graças e bênçãos, a compaixão, a grandeza e a doação a seus preferidos, os pequenos e mais vulneráveis, comunicando a todos os envolvidos a Sua Paz!



Ir. Selma Aparecida dos Santos
CEI Casa da Criança da Criança São José

PROJETO PROMOVE SEPETIBA EM TEMPOS DE COVID 19

O Projeto Promove Sepetiba é um projeto social da Associação São Vicente de Paulo que atua na área de capacitação profissional em Sepetiba, bairro da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro/RJ. O projeto vem desenvolvendo cursos de capacitação para pessoas que querem se reinserir no mercado de trabalho ou que pretendem se tornar empreendedores. As mulheres são as principais beneficiárias do projeto, pois estão mais expostas à exclusão e à falta de autonomia financeira. Por serem responsáveis pelo cuidado do lar e filhos, elas se retiram do mercado de trabalho para assumirem as funções domésticas. No entanto, com a necessidade de complementar a renda familiar e a procura pela realização profissional, buscam capacitação em áreas que lhes possibilitem trabalhar em casa, abrindo o seu próprio negócio, ou prestando serviços no bairro.

O perfil socioeconômico da clientela atendida pelo Projeto é de trabalhadores informais que, neste momento da pandemia do COVID-19, tiveram sua renda prejudicada e reduzida. Algumas pessoas tiveram seus contratos cancelados ou foram desligadas de seu trabalho formal. Neste cenário, observa-se que muitas famílias estão passando por diversas dificuldades, devido à falta de alimentos, de produtos de higiene e até de máscaras de proteção.

A população do bairro de Sepetiba é majoritariamente idosa, considerada grupo de risco. Muitos, pela falta de conscientização, acabam não seguindo as orientações dadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e organizações governamentais. Isto, em meio ao fato de os serviços de saúde da região não conseguirem suprir a demanda, acarreta um aumento dos casos de Coronavírus no território.

O Projeto Promove Sepetiba, atuando na região, vem desenvolvendo estratégias para apoiar a comunidade nesse momento. A principal delas é a



distribuição de cestas de alimentos e produtos de higiene para as famílias em vulnerabilidade social que tiveram sua condição financeira afetada. Para isso, buscamos captar recursos para ajudar a suprir essas necessidades. Conseguimos doações de alimentos



e cestas básicas, além de produtos de limpeza e higiene para possibilitar às famílias manterem a higienização das mãos e de suas casas, como orienta a OMS. Também foram doadas máscaras, item essencial, pois, de acordo com determinação municipal, o uso das mesmas passou a ser obrigatório para a circulação de pessoas nas ruas e para trabalhadores de serviços essenciais. Em média, já conseguimos atender

cerca de 300 famílias do Projeto.

Estão sendo feitos diariamente atendimentos sociais, para orientação ao público sobre benefícios sociais e para fazer um mapeamento das necessidades da comunidade neste momento que estamos vivendo. Também é importante destacar o trabalho de conscientização da população para as recomendações governamentais, para que seja respeitado o isolamento social no bairro.

Desta forma, mantemos firme nosso propósito vicentino de seguir promovendo vidas. Embora não possamos seguir capacitando nossos alunos, devido às regras de isolamento e distanciamento social, buscamos nos reinventar em nossa maneira de concretizar o amor afetivo e efetivo, junto à Comunidade de Sepetiba.

Ir. Sandilene Maria de Sousa Bocafoli
Missão Catarina Labouré



NOSSOS ENCONTROS

ENCONTRO DE FORMAÇÃO VICENTINA COM COLABORADORES TAUBATÉ/SP

Nosso encontro com os colaboradores das ILPIs (Instituições de Longa Permanência para Idosos) teve como enfoque a Campanha da Fraternidade 2020, com o tema: “Fraternidade e Vida – Dom e Compromisso”, e com o lema: “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele”.

A equipe do setor foi acolhida na Casa do Ancião, em Taubaté, nos dias 11 e 12 de março. Ir. Luzia e a Comunidade se organizaram para que todos os colaboradores pudessem participar deste momento de Formação Vicentina. Contamos com a participação de 27 colaboradores e das Irmãs que servem na Casa do Ancião.

Iniciamos nosso encontro acolhendo os colaboradores com um momento de Espiritualidade. O texto do Evangelho do Bom Samaritano nos conduziu durante o dia de Formação Vicentina. Refletindo o texto-base da Campanha da Fraternidade 2020, apresentamos aos participantes três momentos trabalhados pelo documento:

1. Ver – “Viu”: olhar vicentino para a realidade de pobreza presente em nossa sociedade, que oprime os mais pobres. Olhar os nossos idosos que são abandonados, fragilizados, que vivem na solidão.

Para nos ajudar a ter um olhar que vai além, aplicamos uma dinâmica sobre o olhar com o grupo.

2. Julgar – “Sentiu Compaixão”: convite a comover-se com o sofrimento do outro, a sair da indiferença, em que tudo se torna normal, e a colocar-se no lugar do outro. Herança deixada por São

Vicente a todos nós colaboradores: “Eu sofro com teu sofrimento” (São Vicente de Paulo). Devemos almejar um coração sensível ao outro.

Seguimos com uma dinâmica que trabalhou a sensibilidade com o outro.

3. Agir - “Cuidou dele”: a Igreja do Brasil nos convida a refletir sobre este tema no ano de 2020.



Cuidar dele: essa é nossa missão como leigo vicentino. O samaritano cuidou do ferido, Vicente cuidou dos Pobres e nós somos chamados a ser continuadores deste exemplo de Amor. Cuidar dos Idosos, cuidar de cada pessoa que o Senhor nos confia, com Amor e Respeito.

A dinâmica do cuidado nos reafirmou nossa missão junto aos Idosos.

Encerramos o Encontro repletas de gratidão a Deus e a todos que participaram com o coração aberto e o desejo de continuar sempre acolhendo e aprofundando a Formação Vicentina.

Destacamos neste Encontro a participação da equipe, que atuou com dinamismo, e também agradecemos o empenho das Irmãs que, organizando o Encontro, possibilitaram a participação de todos os colaboradores.

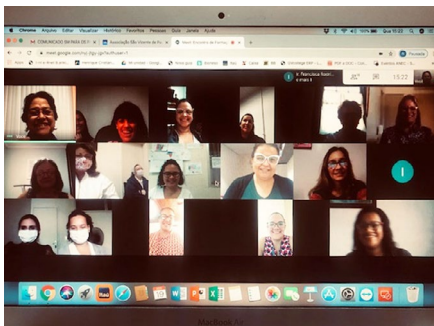


Que o Bom Samaritano faça crescer em nós, colaboradores, este olhar, dando-nos um coração aberto, e inspirando-nos gestos de amor capazes de transformar a vida de nossos idosos.

Ir. Adriana Aparecida Santos
Comissão Saúde Idosos

ENCONTRO DE FORMAÇÃO COM A EQUIPE DO SERVIÇO SOCIAL DA ASVP

Nos dias 18 e 19 de agosto de 2020, foi realizado o Encontro de Formação anual com a equipe do Serviço Social da Associação São Vicente de Paulo. Este ano, excepcionalmente, em função da pandemia mundial causada pelo novo Coronavírus, o encontro foi conduzido de forma *online*. Contou com a presença de todas as Assistentes Sociais, como também, com a colaboração de algumas Irmãs que puderam acompanhar a programação. Irmã Rizomar esteve presente integralmente, nos dois dias, mediando as apresentações.



De acordo com a programação do primeiro dia, iniciamos com as boas-vindas e apresentação, seguido de momento de Oração que nos fez refletir sobre a Vida de Santa Luísa de Marillac, a Patrona das Assistentes Sociais. Em seguida, cada Assistente Social teve a oportunidade de apresentar as unidades onde atua e o desenvolvimento das atividades por elas realizadas com as perspectivas para o próximo ano.

No segundo dia, após um momento reflexivo de oração, a Gerência do Serviço Social ofereceu um treinamento à equipe visando a melhoria do trabalho realizado. Deu foco às atividades onde o Serviço Social pode contribuir como: a captação de recursos para as organizações, captação de alunos novos para as unidades de educação, fortalecimento de parcerias e um atendimento para realização de avaliação socioeconômica muito bem elaborada, tanto nas unidades de educação quanto nas socioassistenciais. A intenção é retratar de forma criteriosa as situações analisadas, visando concessões que permitam o atendimento aos beneficiários sem prejuízo dos recursos institucionais.

A reunião ofereceu para as profissionais a possibilidade de pensar em estratégias de intervenção neste momento de pandemia. Além do trabalho realizado, com atendimentos aos usuários, tornou-se essencial a busca por doações de mantimentos, roupas, produtos de higiene, máscaras e álcool em gel, fortalecendo a ideia de uma reinvenção da atuação das profissionais.

No âmbito dos projetos, a reunião tratou de assuntos como o replanejamento das ações, criação de novos eixos de atuação e foco no trabalho articulado em rede, tanto em conjunto com a sociedade civil, quanto com as das organizações governamentais e/ou instituições parceiras, criando estratégias que permitam a sustentabilidade de cada projeto, minimizando recursos direcionados pela mantenedora.

Na Educação, as Assistentes Sociais puderam dar seus depoimentos sobre a atuação na pandemia, com as unidades paradas e funcionando apenas para atendimentos. A reunião propiciou uma troca de experiências sobre as atribuições do Serviço Social, atuando em colaboração com a Equipe Pedagógica no acompanhamento dos alunos no formato das aulas online, além do suporte à Direção das escolas. Outro viés evidenciado foi atendimento para a concessão de descontos em função da pandemia, além de orientações sobre benefícios sociais e encaminhamentos.

O encontro possibilitou o nivelamento e a troca de experiências entre as Assistentes Sociais, demonstrando o trabalho em equipe na busca por melhores resultados. Foi reforçada a importância de oferecer suporte às Irmãs, disponibilizando feedbacks que permitam a melhoria dos resultados institucionais.

Foi destacada a relevância da realização do trabalho em consonância com as determinações elaboradas pelas Irmãs responsáveis pelas Casas, cumprindo as diretrizes estabelecidas pela Província. O planejamento também foi abordado como peça fundamental para o desenvolvimento do trabalho, que deve

considerar a avaliação do que vem sendo realizado e o levantamento de dados para mensurar a eficácia do trabalho.

Ao final do encontro, apesar das dificuldades pela atual conjuntura em que só foi possível um encontro virtual, todas as Assistentes Sociais avaliaram positivamente os dois dias de trabalho desenvolvidos. Tal demonstração retrata a relevância da manutenção de atividades como estas que auxiliam a melhoria da qualidade do trabalho e permitem a integração da equipe de Serviço Social.

Patrícia Maria de Araripe Macedo Marinho
Gerente do Serviço Social

MAIO DE 1970 - MAIO DE 2020 50 ANOS DA PROVÍNCIA DE BELO HORIZONTE

“Eis que no dia 17 de maio de 1970, Solenidade de Pentecostes, se deu uma nova divisão na Província Brasileira das Filhas da Caridade e assim nasceu a Província de Belo Horizonte. Irmã Constança de Magalhães Dutra foi então designada Visitadora. Era um novo começo!... Pela ação do Espírito Santo e pelas mãos laboriosas se tantas Filhas da Caridade, muitas realidades foram transformadas e o Evangelho foi anunciado.



Hoje, cinquenta anos depois, com o coração reconhecido agradecemos a Deus a nossa bela **história tecida com fios de ouro**, pelas mãos de tantas Irmãs que com amor se dedicaram ao serviço de Cristo nos pobres. Para nossa Província este Cinquentenário foi tempo para celebrar e atualizar o Carisma, para reviver acontecimentos marcantes, de gratidão por tantos benefícios recebidos do Senhor, tempo para fortalecer a oração e os laços de unidade.”

Ir. Jane Carla G. Souza, FC – Província de Belo Horizonte
(Do Site da Companhia)

COROAÇÃO DE NOSSA SENHORA NA CASA MÈRE BLANCHOT

Relembrando seu tempo de atividades em Cruzeiro/SP, servindo na Santa Casa de Misericórdia e colaborando com a Paróquia Nossa Senhora das Graças nas Pastorais da Criança e Carcerária, na catequese e na realização de festividades, Irmã Nair Fidélis mobilizou-se e mobilizou a comunidade da Casa Mère Blanchot para realizar, no final de maio, uma solene coroação da Virgem Maria.

Retirou de seus guardados a cópia de um cântico de coroação, que tentou ensaiar, sem muito êxito, com o grupo que se reúne todas as tardes para rezar o terço em comum, escolheu a coroante, e providenciou papéis coloridos picados para substituir as flores.

No dia programado, com muita alegria e fervor, realizou-se a coroação da Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa mãe, com a presença de todas as Irmãs da casa, das cuidadoras e demais colaboradoras. Para alegria de Irmã Nair e, certamente, da Virgem Maria tudo saiu a contento. Inclusive o cântico da coroação.



31 DE MAIO: FESTA DE PENTECOSTES e DIA DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA e FESTA DA VISITADORA

Neste dia, a Província celebrou uma dupla festa. Festa de Pentecostes. Festa da Visitadora, celebrada tradicionalmente no dia 31/05.

Pentecostes. Descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e a Virgem Maria, reunidos no Cenáculo, acontecimento que marca o nascimento da Igreja como continuadora da missão, da ação, e da presença de Cristo no mundo.

Festa da Visitadora. Ocasão em que relembando a disponibilidade da Virgem Maria, que se pôs generosamente a serviço de sua prima Isabel, as Irmãs da Província se unem à Irmã Maria Cristina D'Abruzzo, sua Visitadora, para dar graças a Deus pelas graças que lhe concede e por tudo que ela realiza no exercício de sua missão.

Em oração, pedimos ao divino Espírito Santo luzes e força para a Igreja e para o Papa Francisco, para que continuem firmes no trabalho de tornar Cristo presente, em nosso mundo conturbado, e por Irmã Maria Cristina, para que lhe sejam concedidas as graças, de que necessita, para conduzir a Província, segundo os desígnios de Deus para a Companhia.

Na impossibilidade de cumprimentá-la pessoalmente, devido ao isolamento social exigido pela pandemia Covid-19, foi carinhosamente elaborado um vídeo em que as Irmãs expressam seus votos, sua amizade:



Meu Deus, queremos te agradecer pelo dom da vida e da vocação de Ir. Maria Cristina

Missão Interprovincial Santa Luísa de Marillac
Itapua do Oeste/RO

Agradecer a vida, o ser, a alegria que ela transborda, e que vem do amor que Tu tens por ela...

Casa São Vicente de Paulo
Acorizal/MT

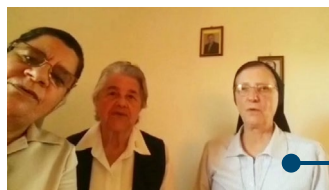


*Tu a acompanhaste sempre em seu caminho...
Só Tu conheces o bem que lhe fizeste.*

Centro Social Missionário Margarida Naseau
Novo Horizonte do Sul/MS

Tua mão direita a sustenta. Tu te desdobras em solicitude para com ela.

Comunidade Nossa Senhora da Missão
Dourados/MS



Alargaste o caminho e acompanhaste seus passos.

Comunidade Nossa Senhora das Graças
Chapadão do Sul/MS

Queremos te bendizer, Senhor, de todo coração, proclamando todas as maravilhas que fizeste em nossas vidas de Filhas da Caridade, pelo dom da vida de Ir. Cristina

Colégio Vicentino São José
Vila Velha/ES





*Damos graças sem cessar,
porque agiste... Porque Tu és bom.*

Casa do Ancião Luiza de Marillac
Taubaté/SP

*Tua bondade é maior do que os céus e
tua fidelidade alcança as nuvens.*

Instituto Vicentino Santo Antônio
Paraibuna/SP



*Irmã Cristina, o Senhor é sua
fortaleza e escudo.*

CEI Vicentino Casa da Criança
Dom Antônio José dos Santos
Assis/SP



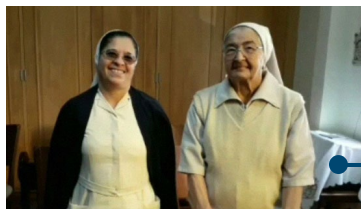
Nele confia o seu coração.

Colégio Vicentino de Cegos Padre Chico
São Paulo/SP



*O seu coração se alegra
e lhe canta agradecido.*

Lar Nossa Senhora da Consolação
São Paulo/SP



***Você, Irmã Cristina, sabe o quanto é bom
dar graças ao Senhor!***

Cidade dos Velinhos Luísa de Marillac
São Paulo/SP



***De todo coração, te daremos graças,
Senhor, e te glorificaremos.***

Colégio Vicentino Virgem Poderosa
São Paulo/SP

***Pois nos alegraste, Senhor, com tuas
ações e exultamos de júbilo com as
obras de tuas mãos.***

CEI Vicentino Casa da Criança São José
São João de Meriti/RJ



***Como poderemos te retribuir,
Senhor, pelo bem que
Tu nos tens feito?***

Colégio Vicentino Santa Isabel
Petrópolis/RJ

***Amando-Te e servindo-Te
nos mais pequeninos.***

Colégio Vicentino Padre Corrêa
Petrópolis/RJ





*Amando-Te e servindo-Te
em nossas Irmãs.*

Casa dos Pobres São Vicente de Paulo
Nova Friburgo/RJ

*Nesta ocasião em que invocamos
Maria sob o título de Nossa Senhora
da Visitação...*

Missão Catarina Labouré
Rio de Janeiro/RJ



*...nossa Província coloca você, Irmã
Cristina, na sua missão de Visitadora
da Província do Rio de Janeiro, sob o
olhar amoroso da Santíssima Virgem.*

Hospital São Vicente de Paulo
Rio de Janeiro/RJ



*E pede que Ela derrame todas as
graças de que você e a Província
necessitam...*

Escola Rural Vicentina São Vicente
de Paulo
Rio de Janeiro/RJ



*...especialmente neste momento de grande
dificuldade que os pobres do Brasil e do
mundo inteiro estão vivendo.*

Dispensário São Vicente de Paulo
Rio de Janeiro/RJ



E pedimos a Maria, a única Mãe da Companhia, que nos conceda a graça de ser sempre mais caridosas com nossos irmãos e irmãs, indo visitá-los e confortá-los em suas necessidades.

Colégio Vicentino da Imaculada Conceição

Rio de Janeiro/RJ



Irmã Cristina, pedimos, por intercessão de Maria, que sempre brilha em nosso caminho como sinal de salvação e de esperança...

Casa Rosalie Rendu

Rio de Janeiro/RJ

...que dê a você coragem e firmeza na fé, perseverança no serviço e constância na oração.

Casa Mère Blanchot

Rio de Janeiro/RJ



*Em nome de todas as Irmãs da Província:
O NOSSO MUITO OBRIGADA!*

Casa Provincial Rio de Janeiro/RJ



RETIRO ESPECIAL (de 08 a 12 de junho)

Retiro muito especial, preparado para as Irmãs das Comunidades das Casas Mère Blanchot e Rosalie Rendu e para algumas Irmãs da Comunidade do Hospital São Vicente de Paulo e da Casa Provincial, com menor número de dias devido às características das participantes e, sobretudo, porque a perigosa pandemia, que aflige o mundo e proíbe aglomeração de pessoas, exigiu que as casas tivessem as atividades em horários diferentes.

Seu pregador, Padre Vandeir Barbosa de Oliveira, Diretor provincial. O tema: ***EPHATA - Sair porta afora... ir para... Encontrar***, tema que iluminou as Assembleias Domésticas e iluminará as Assembleias Provincial e Geral da Companhia.

Partindo de Mc 7, 31-37, que narra que depois de Jesus ter tocado a língua e os ouvidos de um surdo-mudo e lhe dito *Ephata*, que quer dizer “abre-te”, a prisão da língua e dos ouvidos do pobre homem se desfez, e ele começou a falar perfeitamente publicando o grande favor recebido, e contribuindo para que o povo, já despertado para o poder de Jesus pela prodigiosa multiplicação dos pães, proclamasse: ele faz bem todas as coisas.

O *Ephata*, para o qual a Companhia nos convida, fez-nos refletir e rezar, com a orientação do Padre Vandeir, sobre a necessidade da abertura em totalidade para Deus, para os outros, para ouvir os clamores do mundo e sobre alguns caminhos para que isso se realize. Convida-nos a eliminar o perigo da surdez e mudez espiritual, que nos incapacitam de viver nossa missão.

O EPHATA, DIRIGIDO A TODA A COMPANHIA, IMPELE-NOS:

A abrir-nos a Deus que vem a nós e fala-nos como a um amigo. A abrir os ouvidos e ouvir Cristo, conscientes de que Ele é o Filho de Deus, e pôr-nos a segui-Lo, sabendo que seu seguimento passa pela cruz (Mc 8, 27-30). Daí a necessidade da leitura e reflexão da Palavra de Deus, que comunica força, esperança, luz e explicita as exigências do seguimento: aprofundar a vida espiritual pela

oração e a ascese, pela disponibilidade missionária, que faz sair da indiferença e da acomodação, para ir ao encontro dos irmãos e anunciar-lhes o Reino de Deus pela palavra, pelo testemunho de vida, pela solidariedade.

Porque somos frágeis em nossos propósitos, precisamos, continuamente, de conversão pessoal. Cristo, deixando-nos a Eucaristia e dando-nos Maria por Mãe, aponta-nos a fonte de revigoramento, de energia, de apoio, para que vivamos bem nossa missão onde quer que nos encontremos. A Eucaristia é o coração da vida consagrada; a fonte de amor e de energia espiritual; a presença de um Deus que se humilha para tornar-nos mais próximas dele; o sacramento por excelência da caridade; o momento de encontro fraterno ao redor da mesa, porque transforma as relações humanas. São Vicente convida-nos a olhar a Eucaristia como fonte de amor afetivo e efetivo para com nossos irmãos, especialmente os pobres.

Podemos também contar com a presença amorosa de Maria, *“mestra espiritual, a Virgem que escuta e acolhe a Palavra de Deus, a Virgem orante e oferente”* em nossas vidas, e aprender com ela a fidelidade a Deus e a viver atentas a tudo o que ocorre cada dia. Atentas às necessidades de nossas Irmãs, da comunidade, dos pobres, da humanidade. E também, a seu exemplo, *“fazer da própria vida um culto agradável a Deus e desse culto, um compromisso de vida”* (C. 23).

A abrir-nos para os outros, aos projetos dos outros, alegrando-nos com o bem que o outro faz, porque, quem recebe um dom, recebe-o para o bem da coletividade. É preciso abrir os olhos para ver a realidade que nos circunda, com seus acertos e desacertos, e os ouvidos para ouvir os gritos doloridos dos mais vulneráveis. Somos chamadas a ser servidoras, prontas a acolher, ouvir as vítimas da marginalização, das enfermidades, da solidão, dos que estão angustiados por causa das carências que enfrentam e a oferecer-lhes o apoio, a ajuda de que necessitam. Somos chamadas a trabalhar na promoção da vida, através do cuidado e da formação integral e, para isso, precisamos unir forças.

A abrir-nos para ouvir os clamores do mundo desafiado pelo medo da violência, pelas doenças, pela insegurança sob todos os aspectos, pela pobreza absoluta de milhões de irmãos, pelas carências de amor, de dignidade, de liberdade, bem como de cuidado por toda a criação. Lembrando-nos dos desafios que o momento nos apresenta, o Papa Francisco adverte-nos que, longe de aumentar a indiferença e a desconfiança, os desafios devem levar-nos a ficarmos atentas à nossa maneira de nos relacionarmos com os outros e, sobretudo, a mover nossos corações para escutar e socorrer nossos irmãos nas suas aflições e necessidades.

Ephata! Sair porta afora... Ir para... Encontrar os irmãos e irmãs em periferias geográficas, para o grupo de retirantes já não é mais possível. Mas há possibilidade de trabalho em muitas periferias existenciais e, por isso, diante do convite, que Cristo através da Companhia nos faz, podemos dizer a nosso Deus e Senhor: “Eis-nos aqui, envia-nos”.

Muitos questionamentos foram propostos permitindo uma revisão de vida, formar propósitos de aproveitar a riqueza dos bens espirituais postos à nossa disposição, e viver, com maior coerência, a missão de servir.

Irmã Maria Cristina D'Abruzzo e Irmã Bernadete Pinho estiveram presentes durante todo o tempo, atentas às necessidades das Irmãs, dirigindo e animando os momentos de espiritualidade. Foram apresentados, em *power point*, flashes da vida de Santa Luísa, vida que nos lembra que problemas enfrentados na infância e na juventude não incapacitam para uma vida plena na idade madura e, sobretudo, destacou o papel de nossa fundadora no estabelecimento das bases sólidas da Companhia.

Ir. Neil Pimentel

FESTAS JUNINAS DAS CASAS MÈRE BLANCHOT E ROSALIE RENDU



Originalmente criadas para homenagear os santos populares, Santo Antônio, São João e São Pedro, as festas juninas são uma manifestação cultural de diversas regiões do país. Datam do século XVII e são consideradas a maior festa brasileira depois do carnaval.

Portanto, a Festa Junina é uma celebração que veio junto da chegada dos portugueses durante a colonização. A festa conquistou os brasileiros que criaram características nacionais para a comemoração. Comidas típicas, danças e decoração utilizadas nas festas de hoje são uma junção de partes da cultura africana, europeia e indígena.

Para alegria das Irmãs, duas grandes festas juninas movimentaram as Casas Mère Blanchot e Rosalie Rendu. Não faltaram as famosas bandeirolas enfeitando os locais da festa, músicas de tom sertanejo, nem as gostosas comidas típicas: curau, milho cozido, bolos de aipim e de milho, pipoca, paçoca... Descontraídas, as Irmãs batiam palmas acompanhando o ritmo das músicas e incentivando as danças das cuidadoras que participaram ativamente de toda a celebração.



190º ANIVERSÁRIO DA APARIÇÃO DA SANTA CATARINA LABOURÉ

“O 190º Aniversário das Aparições da Virgem Maria a Santa Catarina Labouré em Paris é uma ocasião muito importante para recordar que, enquanto no tempo de Catarina uma terrível epidemia de cólera se espalhava em Paris causando milhares de mortes, hoje estamos a viver o tempo do Covid-19 que está a grassar em todo o mundo. Também este é um tempo a ser vivido na fé, escutando, como se nos fosse dirigido, mais uma vez, as palavras que a Santíssima Virgem dirigiu a Santa Catarina durante a aparição de 27 de novembro de 1830 a respeito da medalha que ela queria: “Aqueles que a usarem com confiança receberão grandes graças”. Levemos e tenhamos levado com fé a medalha que Maria quis dar a cada homem de todos os tempos!”



(Do Site da Companhia)

DOM PEDRO CASALDÁLIGA, PRESENTE!

Presente muito presente em nossa caminhada de Comunidade Inserida, fortalecendo a proposta do Evangelho e do carisma de São Vicente e de Santa Luísa: Opção preferencial pelo Deus vivo e encarnado na vida dos pobres, dos pequenos, nos marginalizados, dos sem voz e sem vez.

Dom Pedro vivia numa pequena comunidade. Numa mesma casa, moravam Padres, Irmãs e Leigos(as). Juntos foram aprendendo na prática o valor da partilha e da solidariedade. Tinham uma vida simples e um processo de inserção próximo do povo. Essa prática da gratuidade, da solidariedade, da partilha era vivida e não só dita,



Havia princípios que norteavam a comunidade:

“Ser o que é.

Falar o que se crê;

Crer o que se prega;

Viver o que se proclama; até as últimas consequências.”

Dom Pedro encontrou no Mato Grosso um povo temente a Deus, aceitando as desgraças, os sofrimentos, como parte de um castigo Divino. Era imprescindível deixar a Doutrina Monástica encerrada na própria Igreja para se transformar numa Igreja em saída para o mundo. Era preciso apoiar o povo no sofrimento e atacar as causas daquela miséria em que viviam. Era preciso apresentar ao povo outro Deus: O Deus misericordioso e Libertador.

Nos encontros, reuniões e assembleias da CPT, das CEBs, da CRB e do CIMI, éramos animadas e desafiadas a assumir a causa dos sem Terra, das Mulheres, dos Negros, dos Lavradores(as), dos Indígenas, dos Ribeirinhos, dos moradores de Rua, pela democratização da Terra, contra o trabalho escravo e pelo respeito ao meio ambiente. Dom Pedro nos ensinou que ter esperança é um ato de rebeldia, contra o latifúndio, a injustiça, a exploração, a ganância.

Dom Pedro homem de fé e de profunda espiritualidade, soube manter a calma e ajudar a discernir as melhores atitudes a serem tomadas nas horas de grande aflição e perseguição. O exemplo da vida de Dom Pedro nos anima na teimosia, na resistência, na coerência, na entrega pela causa dos pobres, os preferidos de Deus. Ela nos fortalece nesse tempo de crise política, de pandemia, a nunca perder a esperança.

A vida de Dom Pedro e de outros agentes da CPT, das CEBs, do CIMI, com os quais fomos agraciadas por Deus, de conviver, nos fazem questionar as nossas próprias escolhas. Uma certeza temos conosco: *“É preciso sempre pisar no mesmo chão que os pobres, sentir que os pés, o coração e a cabeça estão no mesmo lugar que os deles.”*

Ao Deus da vida agradecemos a vida de Dom Pedro, vivida, assumida e consumida na luta em defesa da vida dos empobrecidos, dos pequenos, dos injustiçados.

Obrigado Dom Pedro – Pastor; Profeta; Poeta; Escritor; Irmão dos pequeninos; Homem da esperança de um mundo melhor; comprometido com a justiça, fiel ao Evangelho e a Igreja; continue junto de Deus, intercedendo por todos(as) nós.

AMÉM! Axé! Auwere! Aleluia!

Comunidade São Vicente de Paulo
Acorizal - Mato Grosso

FIQUE DO LADO DOS POBRES

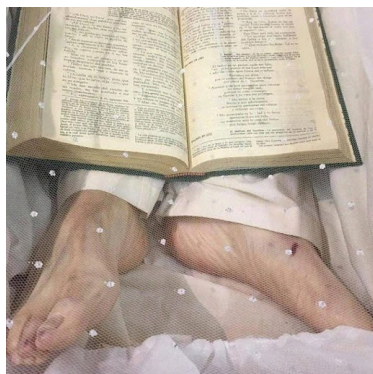
Dom João Justino de Medeiros Silva
Arcebispo de Montes Claros

Houve um homem enviado por Deus. Seu nome era Pedro Casaldáliga. Nascido na Espanha, respondeu seu chamado ao seguimento radical de Jesus na pobreza, na castidade e na obediência entre os religiosos claretianos. Acolheu o mandato missionário e se dirigiu ao Brasil central na conflitiva região do Araguaia. Disse sim à missão episcopal e viveu um longo ministério à frente da Prelazia de São Félix do Araguaia, servindo aos mais pobres. Talvez tenha amado a Amazônia e os indígenas como nenhum brasileiro.

Somente a mística, fruto de uma adesão de todo seu ser ao Evangelho, poderia sustentar um estilo de vida de simplicidade, sobriedade, pobreza. Somente a mística poderia nos fazer compreender a firmeza de quem nunca titubeou diante de seus opositores, mesmo no interior da Igreja. Somente a mística, alimentada no silêncio das constantes vigílias noturnas, para dar-lhe a palavra profética e talhá-lo como poeta.

Na Igreja do Brasil, Pedro Casaldáliga foi um patriarca na recepção das conclusões da Conferência de Medellín (1968). É preciso retomar o que disseram os bispos em Medellín para a compreensão do modo de ser e de agir desse bispo-prelado que se tornou conhecido no mundo inteiro por sua defesa dos pobres: *“Cristo Nosso Salvador não apenas amou os pobres, mas, ‘sendo rico se fez pobre’, viveu na pobreza, concentrou sua missão no anúncio da libertação dos pobres e fundou sua Igreja como sinal dessa pobreza entre os homens... Os bispos queremos aproximar-nos cada vez mais com simplicidade e sincera fraternidade dos pobres, possibilitando-lhes um acesso acolhedor junto a nós. Devemos tornar mais aguda a consciência do dever de solidariedade para com os pobres. Esta solidariedade significará fazer nossos seus problemas e lutas e saber falar por eles. Isto se concretizará na denúncia da injustiça e*

opressão, na luta contra a intolerável situação em que se encontra, frequentes vezes, o pobre e na disposição de dialogar com os grupos responsáveis por esta situação, a fim de fazê-los compreender suas obrigações... A promoção humana será a linha de nossa ação em favor do pobre, respeitando sua dignidade pessoal e ensinando-lhe a ajudar-se a si mesmo... Desejamos que nossa morada e modo de vida sejam modestos, nosso modo de vestir simples e nossas obras e instituições funcionais, sem aparato nem ostentação” (Medellín, Pobreza da Igreja).



A opção de seguir Jesus pobre ficou estampada em seus funerais. Seu corpo estava envolto por uma simples túnica branca e com a estola sacerdotal de artesanato nicaraguense. Uma cruz singela de madeira feita pelos indígenas. Trazia o anel de tucum em uma de suas mãos. Também nas mãos o rosário de Nossa Senhora. Os pés estavam descalços, tendo acima deles a Bíblia aberta. Nada na

cabeça. Essas imagens correram o mundo. A forma de depositar o corpo na urna causou estranheza em algumas pessoas. Creio que a estranheza é a reação à interpelação que Dom Pedro continuou a nos fazer.

Ao saber de sua morte, ocorrida no último dia 8 de agosto, orei com estas palavras: Ó Deus, como Eliseu pediu o dobro do espírito do profeta Elias, dá-nos como bispos da tua Igreja uma porção do espírito, da mística e da profecia de Dom Pedro Casaldáliga. Que ele descanse em paz. Amém.

Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/244468-2/>

ENTRADA NO SEMINÁRIO

No dia 16 de agosto de 2020, a postulante Maria Rita Barreto da Rosa ingressou no Seminário Catarina Labouré, na Província de Curitiba. Ir. Maria Cristina D'Abruzzo e Ir. Selma Aparecida dos Santos representaram a nossa Província. Em uma bela e simples Celebração Eucarística, cinco jovens assumiram esta primeira etapa de formação como Filhas da Caridade: Ir. Maria Rita (Província do Rio) e Ir. Angela, Ir. Ilma e Ir. Danieli e Ir. Tatiane (Província de Curitiba). O Seminário Catarina Labouré conta agora com nove Irmãs, entre elas a Ir. Vanessa Oliveira Rosa, também da Província do Rio, além da Diretora Ir. Neriuzza Franco e da Irmã de Ofício, Ir. Elidia Santos. Rezemos para que essas jovens Irmãs se coloquem no seguimento de Jesus Cristo, protegidas por Maria e nos passos de São Vicente e Santa Luísa.



NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI



“Vinde benditos de meu Pai. Recebei como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo.”
(Mt 25, 34)

IRMÃ DAVINA DOS SANTOS

Ir. Davina nasceu no dia 07/05/1928 em Caruaru, Pernambuco, filha de José Roque dos Santos e Leopoldina Maria da Conceição, sendo batizada a 20/05 daquele mesmo ano. Sentindo o chamado à Vida Consagrada, ingressou na Companhia em 29/11/1952.



Amava muito a Companhia e esforçava-se na vivência da humildade, simplicidade e caridade. Demonstrava seu amor no bom relacionamento com as Irmãs. Zelava pelo aperfeiçoamento de sua vida espiritual e de intimidade com o Senhor. Participava dos exercícios espirituais com muita fidelidade.

Muito dedicada às missões que lhe foram confiadas, trabalhou com crianças, idosos, doentes e pessoas com necessidades especiais, sempre se empenhando em servi-los na alegria.

Em sua vida de Filha da Caridade, serviu Jesus Cristo nos Pobres nas seguintes Comunidades:

- Dispensário Santa Luísa de Marillac - Niterói/RJ
- Creche Catarina Labouré - São Paulo/SP
- Educandário Santa Teresa - Rio de Janeiro/RJ
- Instituto Sagrada Família - Alegre/ES
- Educandário São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ

- Colégio da Providência - Rio de Janeiro/ RJ
- Centro Social Nossa Senhora das Graças - Nova Iguaçu/RJ
- Casa dos Pobres São Vicente de Paulo - Nova Friburgo/RJ
- Casa Rosalie Rendu - Rio de Janeiro/RJ
- Unidade de Apoio do Hospital São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ

Ir. Davina retornou à Casa do Pai no dia 04/05/2020, contando aos 91 anos de idade e 68 anos de Vocação. Que Deus e os Pobres a acolham nos Céus. Descanse em paz!

IRMÃ NADYR DE CARVALHO

Ir. Nadyr nasceu a 23/04/1928, em Cipotânea, Minas Gerais, filha de Antonio Teixeira de Carvalho e Ediviges Cyrilo de Carvalho. Recebeu o Batismo no dia 03/05 daquele mesmo ano. Sentindo o chamado à Vida Consagrada, ingressou no Postulado no Colégio da Imaculada Conceição, em Barbacena/MG. Foi admitida no Seminário da Companhia das Filhas da Caridade a 19/12/1952.



Ir. Nadyr viveu o espírito da Companhia. Irmã humilde, simples e caridosa, disponível e zelosa. Fiel à vida de oração pessoal e comunitária. Buscava a conversão, sendo frequente aos sacramentos. Atenta aos apelos de Deus, da Companhia e dos Pobres. Amorosa, compreensiva, acolhedora e cordial, gostava da vida comunitária. Sempre pronta a ajudar, interessava-se pelas Irmãs e pelas pessoas que a procuravam. Inteiramente doada aos Pobres, especialmente aos mais carentes, era fiel às visitas domiciliares, fazendo-se próxima a todos os que dela precisavam. Responsável, dedicada e desprendida, fazia tudo por amor, sorrindo.

Em sua vida de Filha da Caridade, serviu Jesus Cristo nos Pobres nas seguintes Comunidades:

- Externato Santa Luiza de Marillac - Taubaté/SP
- Colégio da Providência - Rio de Janeiro/ RJ
- Instituto Sagrada Família - Alegre/ES
- Externato Santa Luiza de Marillac - Taubaté/SP
- Colégio Padre Corrêa - Petrópolis/RJ
- Casa Rosalie Rendu - Rio de Janeiro/RJ
- Casa Mère Blanchot - Rio de Janeiro/RJ
- Casa Rosalie Rendu - Rio de Janeiro/RJ

Ir. Nadyr faleceu no dia 10/05/2020, contando 92 anos de idade e 67 anos de Vocação. Que Deus e os Pobres a acolham nos Céus. Descanse em paz e que a Luz perpétua a ilumine.

IRMÃ DINELZA DE LIMA

Irmã Dinelza nasceu no Rio de Janeiro/ RJ, no dia 08 de Março de 1934. Filha de Eurico Paiva Lima e Cândida Fraterna, foi batizada no dia 21 de janeiro de 1935.

Respondendo ao chamado do Senhor, iniciou seu Postulado em janeiro de 1957, passando por uma Creche em São Paulo e pela Casa dos Pobres em Nova Friburgo/ RJ. Ingressou na Companhia das Filhas da Caridade no dia 03/03/1957. Enviada em missão no dia 14 de julho de 1958, sua primeira colocação foi no Instituto São Vicente de Paulo - Rio de Janeiro/RJ. Fez os Votos pela primeira vez no dia 15 de março de 1962.



Desde jovem se empenhou em adquirir o espírito de humildade, simplicidade e caridade. Tinha um grande desejo de doar-se, sempre procurando ajudar às pessoas com quem convivia. Esforçava-se em viver a fraternidade na vida comunitária. De espírito alegre, cordial, entusiasmada, sua vivacidade era contagiante. Empenhava-se em sua vida de oração, que afirmava ser o sustento de sua caminhada na doação aos pobres e no convívio com as Irmãs. Tinha um

grande amor à Virgem Maria, propagava a devoção a Nossa Senhora das Graças e à Medalha Milagrosa. Ouvia generosamente e testemunhava os relatos de tantas pessoas que alcançaram as graças que Maria prometeu conceder.

Ir. Dinelza dedicou-se às crianças especialmente na função de professora. Alfabetizadora, destacou-se por sua criatividade ao oferecer às crianças os melhores caminhos para o aprendizado. Foi também escritora. Escreveu para crianças, mas suas histórias encantavam pessoas de todas as idades.

Mostrava-se muito feliz por ser Filha da Caridade. Serviu Jesus Cristo nos Pobres com muita alegria, nas seguintes Comunidades:

- Instituto São Vicente de Paulo – Rio de Janeiro/RJ
- Comunidade Luiza de Marillac – Rio de Janeiro/RJ
- Instituto São Vicente de Paulo – Rio de Janeiro/RJ
- Colégio Providência – Rio de Janeiro/RJ
- Instituto Santo Antônio – Paraibuna/SP
- Colégio Padre Corrêa – Petrópolis/RJ
- Instituto São Vicente de Paulo – Rio de Janeiro/RJ
- Casa Provincial – Rio de Janeiro/RJ, onde se dedicou ao Santuário da Medalha Milagrosa
- Colégio Padre Corrêa – Petrópolis/RJ
- Dispensário São Vicente de Paulo – Rio de Janeiro/RJ
- Educandário São Vicente de Paulo – Rio de Janeiro/RJ
- Casa Rosalie Rendu – Rio de Janeiro/RJ

Irmã Dinelza encerrou sua missão aqui na terra no dia 16/05/2020, com 86 anos de idade e 63 anos de Vocação. Descanse em paz, querida Irmã, e interceda junto a Deus pela Companhia, por suas Irmãs e pelos pobres, pelas vocações e por seus familiares. Amém!

***“Quem arrisca, o Senhor não o desilude
e, quando alguém dá um pequeno passo
em direção a Jesus,
descobre que Ele já aguardava
de braços abertos a sua chegada.”
(Papa Francisco, EG, 3)***



SOLIDARIZANDO com nossas IRMÃS NA DOR

Ir. Ercília de Jesus Bendine - cunhada

Ir. Anita Bessa e Irmã Erama Bessa - irmã

Ir. Maria de Lourdes Trabach - cunhado

Ir. Selma Aparecida dos Santos e Ir. Adriana Aparecida Santos - tia

Ir. Adenilde Francisca de Macedo - sobrinho

Ir. Ruth da Silva - primo

Ir. Joselita Anunciação de Jesus - irmão

Ir. Anadina Pimenta de Souza - duas sobrinhas

Ir. Aguida Maria Tardelli - irmão

Ir. Josina de Paula - irmão

Ir. Iracema Vieira - irmão

Ir. Sonia Maria Magalhães Costa - mãe

ORAÇÃO VOCACIONAL
(Dom Pedro Casaldáliga)

Senhor, Mestre e Companheiro, Jesus de Nazaré,
Filho de Deus e Filho de Maria: escuta-nos!
Tu que chamastes os Doze, na hora primeira da Igreja
e nos ensinastes a pedir mais braços para a messe,
que é muita; escuta-nos e chama!
Convoca-nos, Jesus!

Ainda há juventude em nossa Pátria Grande.
Ainda não acabou em nosso meio
a raça dos profetas e dos mártires.
Ainda temos sede do Amor maior.
Ainda somos capazes de viver teu Evangelho.
Queremos seguir-te! Podemos beber teu cálice.
Prosseguiremos tua Missão:
de anunciar a Boa Nova aos pobres;
de libertar os cativos;
de abrir os olhos dos cegos;
proclamar para todos o Tempo Novo da Graça.
Como o Pai te enviou, envia-nos!
À glória do próprio Pai e na comunhão do Espírito,
para a Salvação do mundo.
Amém!

FILHAS DA CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

Rua Dr. Satamini, 333 - Tijuca - Rio de Janeiro - CEP 20.270-233

Telefone: (21) 2563 9450 | asvp.org.br

